

**A CONTEMPORANEIDADE DE
HELENA ANTIPOFF NA FALA DOS
MENINOS E MENINAS DO SERTÃO**

Maria Cleonice Mendes de Souza

Montes Claros

2002

Maria Cleonice Mendes de Souza

**A CONTEMPORANEIDADE DE
HELENA ANTIPOFF NA FALA DOS
MENINOS E MENINAS DO SERTÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Sociedade, Cultura e Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Regina Helena de Freitas Campos.

Montes Claros

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

2002

Dissertação defendida e aprovada em 27 de setembro de 2002, pela Banca Examinadora
constituída pelos professores:

Profª Dra. Regina Helena de Freitas Campos (orientadora)

Profª. Dra. Maria Lúcia Miranda Afonso

Profª. Dra. Maria Cristina Soares de Gouvêa

O amor se torna mais amor quando resiste aos momentos difíceis. Ao meu co-piloto nessa caminhada acadêmica e nos mais de trinta anos de vida compartilhada, que, com sua sabedoria, paciência e solidariedade, conseguiu transformar tantos momentos difíceis em uma alegre convivência. Ninguém como você, Ginim, merece repartir e comemorar comigo o “alívio” desta empreitada. Te amo!

AGRADECIMENTOS

Sempre preferi gente ao tempo e ao espaço. Assim, meus referenciais são exclusivamente humanos. Cada época de minha vida está marcada na memória e nos sentimentos por determinadas pessoas que conheci e com as quais convivi. Não me lembro de quase nada do local onde as encontrei, esqueço as datas, as épocas, o clima e as durações dos relacionamentos. Mas as expressões dos rostos, os gestos das mãos, o calor dos corpos, os sentimentos, as emoções, os desejos aos milhares, estão intactos, vivos e atuais dentro de mim.

Roberto Freire

Várias são as pessoas com quem quero repartir este momento: professores e funcionários da UFMG. Departamento de Educação da Unimontes, representado pela professora Maria Cristina Freire. Aos alunos dos diversos cursos, pela troca de experiências e conhecimentos. A professora Baby Figueiredo, minha mestra. Amigos da Pró-Reitoria de Extensão da Unimontes, na pessoa da professora Assunção Lopes. Mônica, Cida, Ângela, Regina, Elisângela, Edina, Railma e Geisa, companheiras do Mestrado Interinstitucional. Emília e Rita, companheiras do Mestrado e de vida. Padre Murta, que carinhosamente me acolheu. Cristina Gouvêa, que tão solícitamente compartilhou a orientação desta pesquisa. Jussara, Tilde, Ciça, Vanessa, Fabiana, Larissa e Lissandra, colegas do Pólo 13 – Projeto Veredas, com quem, tenho dividido alegrias e ansiedades. Meus filhos, Gino, Gabi, Malu, Tiago, Edmara, Luciano e Micheline que, pacientemente me toleraram e sempre me amaram. João Victor que me dá forças e que é o grande amor da minha vida. Família Mendes e família Souza, das quais faço parte. Fátima, que como um anjo da guarda cuidou da minha casa. Nely

Rachel, minha professora de português. A todas elas que de uma, de outra ou de várias formas me ajudaram nesta caminhada, a minha permanente gratidão.

O meu carinho especial para as 158 crianças e os seis adultos que fizeram parte deste trabalho. Foi através deles que pude conhecer os ideais e interesses da infância montes-clarense.

À professora Regina Helena, orientadora desta dissertação de Mestrado valem as palavras do poeta: “Nada é maior do que a Amizade. Por ela, a gente não agradece. Alegra-se.” É com esta alegria que homenageio a Cientista, a Professora Ilustre e a Amiga querida.

SUMÁRIO

RESUMO	9
1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Contextualização histórica: a emergência do problema investigado.....	14
1.2 Décadas de 30/40: a Montes Claros de Darcy Ribeiro.....	19
1.3 Década de 30: a Belo Horizonte de Helena Antipoff.....	24
2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS	33
2.1 O interesse como base das ações educativas.....	33
2.2 Memória da Infância.....	42
2.3 As pesquisas anteriores.....	45
2.4 As questões desta pesquisa.....	49
3 METODOLOGIA	53
3.1 Os questionários.....	54
3.2 As entrevistas.....	58
4 ANÁLISE DOS DADOS	64
4.1 Entrevistas: Relatos de vida.....	65
4.2 Análise das respostas dos adultos ao relembrar a infância.....	82
4.3 Análise das respostas das crianças ao questionário.....	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
6 ABSTRACT	172
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	174
8 ANEXOS	178

LISTA DE TABELAS E QUADROS

TABELA 1 – Atividade preferida, na escola, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	106
TABELA 2 - Aula preferida, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	111
TABELA 3 - Aula que menos gosta, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	112
TABELA 4 - Atividade preferida em casa, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	117
TABELA 5 - Brinquedo preferido, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	120
TABELA 6 - Tipo de livro preferido, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	127
TABELA 7 - Modelos de identificação, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	129
TABELA 8 - Motivo da identificação, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	133
TABELA 9 - Modelos de identificação negativa, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	137
TABELA 10 - Motivo da identificação negativa, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	141
TABELA 11 - Escolha profissional, por gênero e classe social, em crianças da 4ª	

série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	146
TABELA 12 - Motivo da escolha profissional, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	151
TABELA 13 - Presente desejado no aniversário, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	152
TABELA 14 - Uso do dinheiro, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	158
TABELA 15 - Motivo do uso do dinheiro, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.....	161
QUADRO 1 - Relação de livros citados pelas crianças, na pesquisa sobre ideais e interesses de crianças montesclarenses em 2001.....	181
QUADRO 2 - Profissões escolhidas pelas crianças.....	183
QUADRO 3 - Pessoas com quem as crianças querem se parecer.....	184

RESUMO

Esta investigação tem como objetivo conhecer e compreender os ideais e interesses de crianças que, no ano letivo de 2001, estavam matriculadas na 4ª série do Ensino Fundamental de escolas públicas e particulares situadas em Montes Claros, município ao norte do Estado de Minas Gerais. Pesquisas pioneiras, buscando identificar os ideais e interesses de crianças residentes na cidade de Belo Horizonte foram realizadas por Helena Antipoff, no período compreendido entre 1929 e 1944, e por Regina Helena de Freitas Campos, em 1993 e 1998, de onde deriva a formulação metodológica do presente trabalho. Estudos de Edouard Claparède e de Helena Antipoff dão suporte ao viés teórico que busca, nesta pesquisa, compreender a questão subjetiva da motivação da criança, numa realidade de espaço e de tempo que abrange as modificações sociais, econômicas, políticas, culturais e urbanas que ocorrem no Brasil, ao longo de 60 anos, e que são detectadas a partir do que falam as crianças de Belo Horizonte e de Montes Claros. Fundamentalmente o estudo busca comparar os ideais e interesses das crianças pesquisadas no município de Montes Claros no ano letivo de 2001 com as crianças de Belo Horizonte, pesquisadas entre 1929 e 1934, e nos anos de 1990, detectando semelhanças e diferenças. Nesta pesquisa, que é comparativa, utilizou-se a mesma metodologia aplicada por Antipoff e Campos, sendo aplicados questionários a crianças das 4^{as} séries fundamentais de três escolas públicas e duas particulares sediadas na cidade de Montes Claros. Foram preservadas neste trabalho, as mesmas questões utilizadas nos estudos anteriores. Os dados obtidos foram organizados de acordo com as mesmas categorias de análise utilizadas previamente nas pesquisas realizadas em Belo Horizonte. Visando permitir a comparação local e observar o

processo de construção social do imaginário infantil, este trabalho traz, ainda, seis entrevistas feitas junto a adultos residentes em Montes Claros que, nas décadas de 1930/40, cursavam a 4ª série primária. Utilizando a memória e a evocação do seu tempo de criança, os adultos responderam através de entrevistas, as mesmas questões aplicadas às crianças, de forma a se conhecer os ideais e interesses de crianças montesclarenses nas décadas de 1930 e 1940 do século passado. Dentre as percepções que esta pesquisa permitiu observar, confirmou-se a existência indistinta de valores, interesses e ideais que permeiam o lúdico e o imaginário da infância, a grande interferência dos meios de comunicação nos sonhos e desejos de meninos e meninas, as similaridades entre ideais e interesses masculinos e femininos, como também a significativa identificação que têm as crianças com modelos globais, distanciados da família. No cômputo geral, os ideais e interesses das crianças neste início de século XXI estão ligados ao que determina a mídia. A televisão tem comandado os sonhos e desejos das crianças, tanto de meninos quanto de meninas. Os resultados desta pesquisa, suas generalidades, especificidades, aproximações e diferenças sinalizam também e, fundamentalmente, para a percepção de que a Pedagogia e a Psicologia são instrumentos acadêmicos que podem mediar a construção de novos conhecimentos a respeito da criança de Minas Gerais num aspecto genérico, mas, especialmente, tornando nítidos os desejos e os interesses das crianças dos municípios de Belo Horizonte e de Montes Claros.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo replicar, na cidade de Montes Claros, no norte de Minas, pesquisa feita inicialmente por Helena Antipoff, na cidade de Belo Horizonte, capital do Estado, no período de 1929 a 1944, com continuidade, em 1993 e 1998, ainda na capital, pela professora Regina Helena de Freitas Campos.

Buscaram tais trabalhos identificar os ideais e os interesses das crianças belo-horizontinas, já que, para Antipoff, “Ninguém que se preocupe com a infância e com os meios de educá-la, porá em dúvida a importância que há em perscrutar os interesses infantis, esse aspecto tão precioso da vida mental das crianças” (Antipoff, 1930: 3).

Metodologicamente, através de questionário composto por dez indagações, Antipoff, em intervalos quinquenais iniciados em 1929, e finalizados em 1944, realiza suas observações, tendo como público-alvo crianças das escolas públicas de Belo Horizonte, matriculadas em suas 4^{as} séries primárias. Esse trabalho é retomado, com idêntica metodologia, em 1993 e em 1998, pela Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, através da professora Regina Helena de Freitas Campos e sua equipe, que aplicam idêntico questionário, acrescido, nesse momento, de mais cinco novas indagações, formuladas por Antipoff, em 1934. Tal questionário, nessa mesma

fase, é aplicado a 307 crianças das 4as. séries do Ensino Fundamental de escolas particulares e públicas de Belo Horizonte.

Decorridos setenta e um anos da experiência pioneira de Antipoff e sete dos trabalhos realizados por Campos na capital mineira, é objetivo deste estudo, realizar idêntica pesquisa, não mais em Belo Horizonte, mas, sim, na cidade de Montes Claros, a 420 quilômetros da capital de Minas Gerais, tendo como público-alvo o seguinte universo: pessoas que, entre 1929 e 1944, cursavam a 4ª série do ensino fundamental, e, aproximadamente, 150 crianças que, no ano de 2001, estavam matriculadas nas 4as. séries de escolas públicas e particulares da cidade de Montes Claros.

A réplica deste trabalho justifica-se pelas mesmas bases iniciais de Antipoff, ou seja: o que se pretende é conhecer os ideais e os interesses das crianças montesclarenses, em épocas distintas da história. Para tanto, delimitou-se, aleatoriamente, uma amostra constando de seis pessoas, residentes na cidade, que responderam ao questionário, levando-se em conta o fato cronológico de que, nas décadas de 1930 e 1940, estavam todas matriculadas na 4ª série primária, em escolas que tinham o seu funcionamento no município de Montes Claros.

Em épocas distintas, seriam os ideais e os interesses das crianças montesclarenses semelhantes aos das crianças de Belo Horizonte? O fato de estarem situadas em uma cidade interiorana, de características tão peculiares como as existentes nas terras do sertão – uma região marcada, às vezes, dramaticamente, por secas prolongadas, pobreza extrema, clima inóspito, pólo convergente de misérias e riquezas-, poderia interferir nos desejos, necessidades e interesses dessas crianças?

Este trabalho é justificado, partindo-se do princípio de que, para educar é necessário conhecer. Essa pesquisa busca, através das questões aplicadas a crianças de 4ª série do Ensino Fundamental, conhecer o universo dos sonhos, dos ideais e dos interesses dessas crianças. Para Helena Antipoff, o questionário é um recurso simplista para se chegar a verdades incontestáveis, mas não se pode negar que, a partir dele pode-se muito, inclusive intervir na realidade escolar. Sobre essa metodologia Antipoff afirma: ...“a alma humana é demasiado complexa para que um método tão grosseiro como o do inquérito possa penetrar-lhe o delicado mecanismo. O método do inquérito nada mais é que um rude golpe de pá, que soergue a camada exterior.” (1930:4).

Já Campos (1996), justifica seu trabalho como: “um instrumento para documentar o impacto das transformações que aconteceram no imaginário das crianças, do início do século (1929), até a presente época.”

Para essa autora, “o objetivo é avaliar como evoluíram os ideais e interesses das crianças, sob a influência das transformações da sociedade brasileira.” (Campos, 1996).

Este trabalho, a partir das concepções empíricas e teóricas acima transcritas, procura não apenas conhecer, mas, também comparar os ideais e os interesses das crianças sertanejas de Montes Claros, com os das crianças de Belo Horizonte. Além disso, também é interesse deste trabalho avaliar vários questionamentos inquietantes, assim resumidos: as escolas permanecem, de fato, afastadas das necessidades reais das crianças? Trabalham, elas, na escola, por pura obrigação? Há alguma satisfação nas ações educativas? As crianças do sertão, em pleno terceiro milênio, seriam semelhantes às crianças pesquisadas por Helena Antipoff, em termos de ideais e interesses?

A investigação, que se desdobra nas páginas seguintes, fundamenta-se nessa série de problematizações, constituindo-se em um estudo comparativo frente aos trabalhos realizados perante a realidade da capital do Estado.

1.1 Contextualização histórica: a emergência do problema investigado

A realidade e os seus tempos

“E quem garante que a História
É carroça abandonada
Numa beira de estrada
Ou numa estação inglória?
A História é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue.
É um trem riscando trilhos
Abrindo novos espaços
Acenando muitos braços
Balançando nossos filhos

.....
Já foi alcançada uma estrela
Pra quem souber enxergar
Pra quem quiser alcançar
E andar abraçado nela.”
(Chico Buarque e Pablo Milanés)

Em 13 de outubro de 1831, o Arraial de Nossa Senhora e São José de Formigas, hoje Montes Claros, é elevado à categoria de Vila, através da instituição de uma Câmara que, em 16 de outubro de 1832, passa efetivamente a ter vida administrativa. A rigor e historicamente, a Vila de Formigas só recebe o título de cidade em 03 de julho de 1857, através da Lei Provincial nº 802. (Brito, 2002).

Na presente contextualização histórica, torna-se necessário situar, primeiramente, a base física, ou seja, o real-concreto encontrado na cidade de Montes Claros e na região norte do Estado de Minas Gerais nos últimos setenta anos.

Ao analisar o conceito de região, no Brasil, Oliveira (1981:27) demonstra que um espaço regional pode ser pensado sob qualquer ângulo das diferenciações econômicas, sociais, políticas, antropológicas, geográficas e históricas. Para o autor, ... “a mais enraizada das tradições conceituais de região é (...) a geográfica no sentido amplo, que surge de uma síntese, inclusive da formação sócio-econômica-histórica, baseada num certo espaço característico.”

O conceito aplica-se às peculiaridades da região do norte de Minas, especialmente da cidade de Montes Claros, de onde deriva o presente estudo.

Embora geograficamente situado no Estado de Minas Gerais e, portanto, na região Sudeste, o norte de Minas tem, basicamente, sua formação sócio-econômica e histórica aproximada da região Nordeste do Brasil.

Nesse contexto regional, caracterizado em suas linhas gerais, as análises subsequentes, advindas deste estudo, devem reportar-se ao papel desempenhado pelo Município de Montes Claros como centro convergente e distribuidor da produção, de atração de população e capitais, consolidando, ao longo do tempo, sua condição de pólo das principais funções urbanas, bem como dos problemas de toda a região, marcada por secas prolongadas, por quadros agudos de pobreza e de abundância, guardando características das regiões áridas e semi-áridas brasileiras.

Quanto ao clima inóspito da região, vários historiadores da cidade relatam os graves problemas causados pela seca. Constata-se que, de há muito, esse é um dos mais graves problemas que afetam o norte de Minas Gerais. Paula (1979:56), afirma que:

Nem sempre as chuvas vêm nas épocas esperadas; têm havido secas prolongadas e desastrosas [...] Nós, os montes-clarenses de hoje, não podemos fazer uma idéia exata do que era o sertão no tempo dos nossos avós, sem os meios de comunicação atuais, isso que hoje nós chamamos

orgulhosamente de sertão, era chamado de ‘deserto’ ou melhor ‘desertão’.
(Grifos do autor) (Paula, 1979: 56).

Vê-se, por Paula (1976), que a seca na região do Norte de Minas, onde Montes Claros está inserida, é uma realidade antiga. Desde o início do século XX, a cidade apresenta-se como o pólo que vai receber e dar guarida aos vários retirantes da região. Ainda em Paula (1979:57) lê-se:

De março de 1890 em diante começaram a aparecer aqui na cidade os primeiros retirantes, que foram crescendo vertiginosamente em número, até atingir milhares. Milhares de esfarrapados. Homens, mulheres, crianças. Uma multidão esfaimada vinda do norte de Minas, Bahia e outros Estados, devorando tudo que encontrasse: plantas, raízes tuberosas, frutos silvestres, folhas, etc. [...] Uma miséria generalizada e ambulante, alastrando cada vez mais (Paula, 1979:57).

Montes Claros, hoje, continua a receber retirantes, principalmente agora, com a construção de rodovias federais que interligam a cidade a diversos estados do Brasil. Não se pode admitir como motivo de orgulho ou se como uma preocupação para os montes-clarenses, o fato de estar localizado nesta cidade o segundo anel rodoviário do país.

Tanta concentração urbana exigiu que a cidade, historicamente, se destacasse, em Minas Gerais, como um dos municípios mineiros com maior densidade de estabelecimentos escolares. O acesso à educação universal e pública, no início do século, em Montes Claros é datado. Paula, assinala o surgimento, na cidade, dessas primeiras escolas:

Até 1909 só havia escolas isoladas e particulares. Em 22 de julho daquele ano foi instalado o nosso primeiro Grupo Escolar, criado pelo Decreto número 2.352, de 5 de janeiro. [...] Esse primeiro grupo se denominou Grupo Escolar “Gonçalves Chaves” e tinha como diretor o Prof. José Rodrigues Prates, substituído pelo Prof. Carlos Catão Prates (Paula, 1979:116/117).

Paula descreve métodos escolares da época:

Nesse tempo ainda continuavam duas escolas isoladas. [...] O professor Manoel Veloso Filho dava aulas particulares. A escola de Neco Veloso era afamada – para lá iam os meninos insubordinados e alguns outros cujos pais não acreditavam em ensino de grupos. Pois seu Neco, apesar de normalista, confiava imensamente na ação pedagógica do cipó de marmelo e da “Santa Luzia de cinco buracos” – a palmatória, dos quais fazia largo uso com permissão dos pais ou responsáveis pelos alunos (Paula, 1979:117).

Nos dias atuais, o Município de Montes Claros apresenta, conforme dados fornecidos pela 22ª Superintendência Regional de Ensino da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, uma rede escolar que totaliza 40.109 alunos matriculados nas oito primeiras séries do Ensino Fundamental na rede estadual; 22.457 alunos matriculados nessas mesmas séries na rede municipal e 5.576 alunos matriculados também nas oito primeiras séries do ensino fundamental regular da rede privada. A rede municipal possui 124 turmas de 4ª série do Ensino Fundamental, tendo matriculado, no ano letivo de 2000, 2.919 alunos. O total de alunos matriculados de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental na rede estadual é de 17.760 alunos, sendo 139 turmas de 4ª série, com 4.651 alunos. Presumivelmente, este alunado, concentrado nas matrículas de 1ª à 4ª séries, engloba-se na faixa etária dos 7 aos 14 anos de idade.

Os números ilustram a realidade atual do município que é, hoje, o 5º do Estado, em termos de projeção econômica, com uma população que ultrapassa os 300 mil habitantes, possuindo um parque industrial diversificado, uma rede de comércio e de serviços que polariza e abastece regiões limítrofes, e que se urbaniza e se moderniza em avenidas, *shoppings centers*, canais de televisão, rádios e jornais diários. Constituindo-se no 2º Entroncamento Rodoviário do país, Montes Claros é, hoje, sobretudo, uma cidade universitária, que atrai para suas unidades superiores de ensino, estudantes das mais remotas regiões brasileiras.

É nesta cidade moderna e cosmopolita, integrada no processo de globalização mundial aberto nas últimas décadas pelo avanço da ciência e da tecnologia, e cuja face mais visível encontra-se na capilaridade e na penetração da mídia eletrônica, ou nos “softwares”, satélites, internet e provedores que homogeneizam valores e comportamentos planetários, que esta investigação busca identificar, aproximadamente, 150 crianças, número equivalente a quatro turmas de níveis sócio-econômicos diferentes, matriculadas nas quartas séries de escolas públicas e particulares, com a pretensão de conhecer seus ideais e interesses.

Numa fase concomitante, busca conhecer, também, os ideais e os interesses de pessoas que, entre 1930 e 1940, cursavam, em Montes Claros, a quarta série primária.

Houve, inicialmente, neste trabalho, a indução de que tais ideais e interesses pouca variação apresentariam frente às pesquisas idênticas, levadas a efeito por Campos, nos anos de 1993/98, na capital mineira. O pressuposto estava no fato de que, graças à homogeneização imposta recentemente pelo avanço científico e tecnológico da mídia eletrônica, acima descrito, os valores de crianças residentes numa capital de Estado, assemelham-se, presumivelmente, com os cultivados por crianças outras, localizadas numa cidade interiorana, de porte médio, como é hoje Montes Claros.

Sinalizava esse pressuposto que, se variações fossem encontradas, essas estariam identificadas na análise dos questionários respondidos pelas crianças belo-horizontinas do período de 1929/44, ou pelas investigadas em 1993/98 e mesmo pelas montes-clarenses observadas neste estudo, frente ao grupo de entrevistados que, hoje, na faixa dos 60 aos 80 anos, responderam também ao questionário desta pesquisa, como se fossem as crianças de 10 anos que eram, nos idos de 1930 e 1940.

A presunção levava, ainda, em conta que, nesse caso, estaria claramente exposta a dicotomia entre província versus metrópole, ou, entre criança da capital versus criança do interior, já que, diferentemente de hoje, Montes Claros e Belo Horizonte nos seus comportamentos sociais de então, pouco se aproximavam, ou se amalgamavam, distanciadas que eram por estradas precárias, não pavimentadas, pelo trem de ferro moroso e por ultrapassados métodos de comunicação interpessoal, como os serviços de correios, ou de telégrafos, por exemplo.

Em resumo, buscou-se, nesse aspecto, conhecer a realidade e os seus tempos. Aprender, mesmo “grosso modo”, a Montes Claros e a Belo Horizonte dos anos 30 e 40, com os fatos históricos, políticos, sociais e econômicos, que determinaram o modo de viver daquelas populações.

1.2 Décadas de 30/40: a Montes Claros de Darcy Ribeiro

Quais seriam os ideais e os interesses de uma criança belo-horizontina nos idos de 1930? E quais seriam os das crianças de Montes Claros, tão distanciada, àquela época, da capital mineira? Mais que isso: que fatos econômicos, sociais e políticos incidiam no cotidiano daquela gente? Que impressões visuais Helena Antipoff guardaria de Montes Claros, caso sua pesquisa, em 1929, se estendesse até as fronteiras de Minas com Bahia? Como eram as cidades de Belo Horizonte e de Montes Claros naqueles tempos? Mais precisamente: como viviam, como se divertiam, que ideais e interesses motivavam as crianças montes-clarenses daquela época? Em que universo escolar e familiar se moviam? Que respostas dariam essas crianças a Antipoff, caso fossem por ela entrevistadas? Como era o Brasil de então?

Ao tempo em que Helena Antipoff entrevistava crianças em escolas primárias na capital mineira, o Brasil entrava na nova década de 30 com 37,6 milhões de habitantes, afundados na miséria resultante da crise econômica mundial do café.

A média de falências anuais subia de duzentas para seiscentas. O preço da saca de café caía de quatro para uma libra. Salários eram reduzidos à metade. A Aliança Liberal lançava a candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República e indicava para vice-presidente o nordestino João Pessoa.

Os tenentes se agitavam. Plínio Salgado e San Thiago Dantas engendravam o Integralismo, versão brasileira do fascismo italiano de Mussolini. Lourenço Filho publicava *Introdução ao estudo da Escola Nova*, pregando a reforma educacional no país. Um dos grupos dissidentes na IV Conferência Nacional de Educação em 1931 – os liberais – integrado por Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira e outros, publicou em 1932 o documento que ficou conhecido como Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Nesse documento se encontram as principais diretrizes políticas, sociais, filosóficas e educacionais do escolanovismo. O dirigível Graf Zeppelin voava de Sevilha ao Recife em sessenta e uma horas. Carlos Drummond de Andrade lançava *Alguma Poesia*, em edição de quinhentos exemplares. Era inaugurado o Cristo Redentor, no horizonte do Rio de Janeiro, e no rádio, os sucessos musicais eram *Quebra, Quebra, Gabiroba*, de Ari Barroso e *Com que Roupa*, de Noel Rosa.

Fatos nacionais que pouco chegavam a Montes Claros, ou, quando chegavam, chegavam com atraso de dias, ou meses. Isolada no sertão das Minas Gerais, rudimentar e interiorana, a cidade concentrava-se no seu cotidiano paradoxal de muita fartura e de muita miséria, descrita assim por Ribeiro (1997:15)

... Montes Claros de eu menino se orgulhava de ter mais de 20 mil habitantes [...] No meu tempo, era um casario baixo, caiado, sobre ruas empedradas em

pé-de-moleque que só se prestavam bem a pés descalços. Os elegantes, por dever social, andavam calçados, se equilibrando. As mulheres cambaleavam em sapatos altos. Mas era tudo plano, tanto que nós, meninos, gostávamos de correr pelo rego da rua com os olhos no céu para ter a ilusão de que a lua é que corria. Lindo. A cidade era uma ilha de verdor pela quantidade enorme de árvores frondosíssimas dos quintais: mangueiras, jaqueiras, pitombeiras, jatobazeiros, cajueiros, birosqueiras e muito mais [...] O que transitava nas ruas eram tropas de burros, às vezes vindas de muito longe com seus “cometas” lusitanos, que traziam mercadorias para o comércio e procuravam noivas ricas em terras e bens. Rodavam também, nas ruas, rangentes, grandes carros de bois puxados às vezes por três ou quatro juntas. Carregavam lenha para vender nas casas e porcos gordos que vinham das fazendas por encomenda. Dizia-se que o melhor negócio do mundo era safra de milho ensacada em porcos.

Em termos gerais, e para ilustrar sociologicamente o presente trabalho, era assim a cidade de Montes Claros, na década dos 30. Assim também, em maior ou menor grau de sensibilidade, Antipoff enxergaria aquele aglomerado humano, se suas investigações se estendessem ao interior do norte do Estado. Para os segmentos daquela população montes-clarense pobre e sertaneja, nas décadas de 1930/40, a vida urbana propiciava tipos peculiares de sociabilidade. Frequentemente, de acordo com Ribeiro, os habitantes daquele universo deslocavam-se de outras áreas ou do mundo rural, vivenciando antigos laços sociais, identidades coletivas e concepções de mundo, ao tempo em que externalizavam comportamentos e manifestações culturais opostas aos adotados nos grandes centros urbanos, como os da capital do Estado. Essa Montes Claros provinciana e roceira, da década dos 30, que gravitava em torno das grandes fazendas de gado, ou dos “currais de bois”, ao contrário de hoje, em nada, ou muito pouco se assemelhava ao cosmopolitismo de uma capital como Belo Horizonte:

... Uma das coisas mais preciosas da cidade era a farmácia de Mário Veloso. Sobretudo o salão de dentro, onde faziam aviamento de receitas, misturando essências, tinturas, xaropes e porcarias muito fétidas, mas boas de curar doenças feias. O espetáculo melhor era aos sábados, quando o povo da roça que vinha à feira ia dar lá para pedir remédios para o estupor, entalo, nó nas tripas, espinhela caída, papo simples ou de bolas, engasgo, quebranto, verrugas, erisipela e outras desgraças. Para tudo seu Mário tinha remédio. [...] As feiras eram meu encantamento. Sobretudo aos sábados, em que milhares de matutos traziam do mato as frutas silvestres: pequis, bacuparis, panãs,

jatobás, araçás, cagaitas, jenipapos, jabuticabas, caju; os frutos de suas roças: milho comum e de pipoca, feijões-de-corda e outros, mangaritos, que são batatas maravilhosas, batatas mesmo, comuns e doces, mandiocas, abóboras e morangas; ótimas também eram suas ofertas de queijos, requeijões, fubás e farinhas diversas, palmito doce e amargo, amendoim, doce de buriti, doce de leite em palha de milho, doce de coalhada, rapaduras, santantônios e melados (Ribeiro, 1977:16).

Ao aprofundar-se o “olhar” para o contexto social que Montes Claros apresentava na década de 1930, observa-se que a população daquela cidade interiorana, perdida nos altos sertões mineiros, ressaltava uma identidade cultural concretamente configurada em modos de produção e de sobrevivência distintos e diferenciados de outros grupos sociais, bem como os adotados por outras cidades “modernizadas”, naquela década, pelo processo urbano-industrial que o país passava a experimentar, principalmente em suas capitais. Esse “atraso” em que vivia a cidade de Montes Claros, deve-se muito à dificuldade dos meios de comunicação e à precariedade das estradas norte-mineiras. Assim descreve Ribeiro alguns de seus aspectos:

... a feira se extravasava para a frente e para o fundo do mercado, onde as mercadorias eram mostradas dentro das bruacas, ao lado dos burros que as trouxeram. E duravam o dia inteiro. Tinha quarteirões marcados, como o dos violeiros e cantadores, onde sempre havia desafios em versos. O das oleiras, com seus potes, panelas, pratos e esculturas de brincadeira. O dos curandeiros, oferecendo folhas de lorna, mastruço, sabugueiro, babosa, manjerição, funcho, jurubeba, coentro, alfazema, alecrim e pimentas verdes, maduras e secas. Lá também vendiam a cebola cigantina, que é uma delícia, óleo de pequi e outras maravilhas. Ainda hoje não resisto ver uma feira sem atravessá-la de vendas abertas, procurando as velhas ofertas do mercado de Montes Claros. (...) A vida era pacata, no mundo em que tudo acontecia devagar. Afora as eleições, em que o povo se agitava, e as revoluções, que foram uma só, tudo corria nos eixos. O povo apaixonadamente dividido em partidos, recheados de ódio e ciúme local, mas ambos governistas... (Ribeiro, 1977:19)

Essa era a Montes Claros dos anos 30. Ao tempo em que Antipoff realizava suas primeiras investigações com as crianças de Belo Horizonte, as de Montes Claros,

longe da capital, quebravam telhas de templos protestantes, arrebentavam suas caixas d'água, sonhavam em ser coroinhas nas missas da matriz, ou em tornarem-se músicos da Euterpe Montes-clarense, a banda de música da cidade. Realizavam, os meninos, concursos de masturbação na beira do rio, brigavam aos tapas, pela manhã, para à tarde voltarem a ser amigos só para novamente se desentenderem, acertavam-se pedradas, lançadas à mão, ou em estilingues, nadavam em poços nos arredores da cidade, catavam-se piolhos, despencavam-se dos galhos de árvores, jogavam azul de metileno no reservatório d'água da prefeitura, para que as torneiras despejassem um líquido azulíssimo que espantava as donas de casa, cavalgavam a pêlo, quando queriam, disputavam partidas de futebol com bola de bexiga e, até mesmo iam à escola:

.... Atravessei bem os quatro anos do meu curso primário, aprendendo muito, porque as professoras eram ótimas. Sinhá Dias, simpaticíssima, falava tão esquisito que nós pensávamos que fosse sotaque de Belo Horizonte e tinha um irmão que era o maior boêmio da cidade. Laura não sei de quê tinha dois filhos no grupo escolar, que apareciam para ver a mãe dar aulas. Ela batia a porta na cara deles. Sara Jansen, a mulher mais branca do mundo, me coibia visitando mamãe toda tarde, mas nunca me denunciou. Dei muito trabalho a todas elas, bem sei, prevalecendo-me da importância que me davam e sobretudo pelo respeito que as professoras tinham por mamãe. Isso agravou-se na terceira e na quarta séries, principalmente na última [...] Em 1934 entrei para o Ginásio Diocesano, depois da briga no último dia do grupo escolar. O ginásio para onde fui era uma droga, pior que o grupo escolar. Professores relapsos, incompetentes, faltosos, velhos e feios, que não impunham respeito a ninguém... (Ribeiro, 1997:46)

Objetivamente, os ideais e os interesses das crianças montes-clarenses que viviam, em 1930, sua doce e venturosa infância, gravitavam em torno do episódio ocorrido na cidade a 6 de fevereiro daquele ano. Nacionalmente conhecido, e por muitos considerado como a eclosão da Revolução de 30, o episódio se deu quando os jagunços de dona Tiburtina, uma das “donas” do lugar, com inegável prestígio político, abriram fogo, feriram e mataram vários membros da comitiva do vice-presidente da República, Melo Viana, que em viagem de propaganda da candidatura de Júlio Prestes, chegavam à

cidade. Mais que a fantasia trazida pelas revistas ilustradas que recebiam com meses de atraso, ou que o cinema mambembe que havia no arraial, iluminando para aquelas crianças o mundo que havia fora de Montes Claros, em temas desencontrados e encantadores onde habitavam “Tarzan”, “Zorro”, “Carlitos”, o “Gordo e o Magro”, Greta Garbo e *Mae West*, o pasmo para aquelas crianças, de fato, eram mesmo as pessoas: “os jagunços”, “dona Tiburtina”, “as prostitutas”, “o cassino”, “os mascates”, os “tropeiros”, a escola, a igreja, as famílias e os mexericos provincianos construídos no dia-a-dia da cidade.

1.3 Década de 30: a Belo Horizonte de Helena Antipoff

Autores como Miranda (1996:16) admitem que, apesar das transformações trazidas pelos processos de modernização a que se submete uma cidade, o deslocamento dos lugares de memória desta mesma cidade é resultado da urdidura, sempre renovada, que a vivência múltipla de seus habitantes imprime no tecido urbano – ao mesmo tempo, espaço de atuação e objeto de lembrança:

... Com quantos fios se tece o belo horizonte que ainda resiste em meio ao caos de automóveis, violência e poluição? Por certo os que escreveram e escrevem sobre a cidade podem oferecer respostas diferenciadas para a questão... (Miranda, 1996:16)

Pressupostos teóricos encontrados em Dias (1992:67) igualmente admitem que uma cidade, um estado ou um país devem ser avaliados, sobretudo, pela qualidade de vida material e simbólica que oferecem ao conjunto dos seres humanos que neles residem.

Para o autor, contudo, ao se falar de uma cidade, não se pode fazê-lo de forma a-histórica, como quem fala de algo abstrato e ideal. Pelo contrário, deve-se falar com radicalidade dessa mesma sociedade, situando-a em seu contexto histórico, identificando suas contradições internas, as grandes linhas de força que a percorrem, as lutas sociais que constroem sua identidade, sínteses sempre provisórias, em permanente mutação.

Segundo Faoro (1975), a década de 30, no Brasil é marcada por significativas transformações históricas. O país, após o período conhecido como o da República Velha, passava a ser conduzido politicamente por um Estado forte e por um chefe ditatorial, que era Getúlio Vargas. A transição atinge o Estado de Minas Gerais e a sua capital, Belo Horizonte, que integravam aquela totalidade histórica:

... Em 1931, quando Getúlio Vargas, em Belo Horizonte, proclama o problema siderúrgico o problema máximo, básico da economia, não obedece, como nas tentativas anteriores, ao propósito de coroar o desenvolvimento industrial com a indústria de base [...] as palavras do chefe do governo provisório conjugam, não a indústria ao ferro, mas o ferro à agricultura: “Muito teremos feito, se conseguirmos libertar-nos da importação de artefatos de ferro, produzindo o indispensável ao abastecimento do país [...] O nosso engrandecimento tem que provir da terra, pelo intenso desenvolvimento da agricultura. Mas o esforço para esse fim se esteriliza, ao lembrarmos-nos que todo o maquinismo, desde o arado que sulca o seio da gleba, até ao veículo que transporta o produto das colheitas, era vindo do estrangeiro(Faoro, 1979:721).

Tais palavras, pronunciadas na capital de um Estado essencialmente agrário como era Minas Gerais, em 1931, repercutem junto à elite política e econômica que gravitava, em Belo Horizonte, em torno do Palácio da Liberdade. Os tempos eram, de fato, de inegáveis mudanças:

As inquietações urbanas, as angústias européias da elite, a sede de mando de civis e militares, a demagogia inquieta e impaciente – tudo se amortece e fica paralisado [...] O senhor da soberania, o povo que vota e decide, cala e obedece. O bacharel reformista, o militar devorado de ideais, o revolucionário intoxicado de retórica e de sonhos, todos modernizadores nos seus propósitos, têm os pés embaraçados pelo lodo secular [...] o chefe

político, o coronel tardo e solene, realista e autoritário, amortece, na linguagem corrente, o francês mal traduzido, o inglês indigerido. Ele municipaliza a expressão erudita, comunicando-lhe sentido e conteúdo (Faoro, 1979:620).

Relatos históricos situam, cenograficamente, a Belo Horizonte dos anos 30, tal qual a viam, por exemplo, imigrantes recém-chegados, como Helena Antipoff. Mais que os bondes, a Serra do Curral, o ribeirão Arrudas, o Parque Municipal, o Instituto de Educação, a Praça da Liberdade, a rua da Bahia, a Avenida Afonso Pena, a Lagoinha, Santa Tereza, Santa Efigênia, Barreiro, Calafate e Bonfim, além de um clima permanentemente ameno para os pulmões de tuberculosos. Alphonsus, assim descreve a capital mineira naqueles idos:

... Cidade artificial, criada pelas mancheias do dinheiro público e ultimamente bafejada pela imigração intensiva de famílias ricas do interior do Estado, certos aspectos de Belo Horizonte envelhecem depressa: os bairros burocráticos, cheios de casas de platibandas que foram nos primeiros tempos a última palavra em arquitetura; platibandas nas fachadas. Os beirais voltaram com os bangalôs, que surgiram aos milhares. A revivescência da casa colonial, o estilo neo-colonial, com ornamentos da fábrica das velhas igrejas, muito menos sóbria do que a dos casarões passados (e que se explicava nos templos pelo amor católico às pompas exteriores do culto), se misturou com os estilos metecas, insinceros, complicados, literários. Aliás, havia casas que participavam de dois e três estilos. Outras, de nenhum... (Alphonsus, 1996: 127).

Os processos de modernização que, em 1930, acentuavam uma certa socialização do trabalho, significavam a diversidade e a multiplicidade de novos sujeitos sociais que aportavam em Belo Horizonte, vindos até da Suíça, caso específico de Antipoff.

Das condições em que viviam e trabalhavam aqueles grupos sociais – burocratas, autônomos, comerciantes, operários, estudantes, intelectuais, jornalistas, fazendeiros do interior, donas-de-casa – mas, essencialmente, funcionários públicos, surgem formas e modos de sociabilidades micro-locais, que podem ser vistos, hoje,

como fonte para que se gestassem, naquele tempo, valores de solidariedade entre os que ali viviam, ou sobreviviam. No cotidiano de Belo Horizonte, à época, metrópole/província, cidade que vivia intensamente essa contradição, pré-existiam redes capilares de sociabilidade, expressas através das relações solidárias vividas no mundo da vizinhança, amizade, parentesco e nos laços que se estabeleciam no trabalho. No interior dessas redes pode-se observar que os mecanismos de sobrevivência atualizavam-se e ganhavam vitalidade, conforme relata Andrade (1996:152):

... Fecho os olhos e vejo Manuel das Moças, mesureiro, no Bar do Ponto; Alzira, branca e devastada, faz ouvir sua voz rouca na Avenida Oiapoque; o Restaurante Colosso acolhe a fome dos estudantes; Batista Santiago compõe versos que o vento leva pelas esquinas da noite; o Dr. Mendes Pimentel e o Desembargador Rafael Magalhães (Platão e Sócrates?) peripatetizam ao anoitecer, rumo ao Cinema Odeon. Amava em ti a graça das conciliações; eras frugal e fantasista, burocrata e boêmia; tua igreja metodista, pequenininha, enfrentava sem prosópia a lauta matriz de São José; o caminho era um só, escolhia-se a porta que agradasse. E a Praça da Liberdade, com seu Itacolomi de cimento para matar saudades de ouro-pretanos, era metade do governo, metade dos namorados, em conspiração com as rosas [...] Belo Horizonte subitamente trágica na matança dos guarda-civis e no crime do Parque; cidade de mulheres que viravam homem, de homens que viravam mulher; de fenômenos que vinham pelo telégrafo divertir a malícia do carioca, tecidos pela malícia maior do mineiro. O melhor ponto para contemplar-te será o terraço de um desses edifícios da Avenida Afonso Pena? A Praça do Cruzeiro, o alto da Serra do Curral? Prefiro o modesto viaduto, miradouro da memória, de cujo cimo tentei às vezes restaurar o romantismo, para consumo próprio e desprazer da polícia [...] Belo Horizonte do Partido Republicano Mineiro que dava pão-de-ló aos correligionários e delegado militar aos adversários políticos; do “Minas Gerais”, onde saía a lista dos aniversariantes que convinha cumprimentar, porque eram todos da situação; do Presépio do Pipiripau, tão eletro-mecânico que não sei como não puseram nele um Sputnik há 30 anos; dos carros que tocavam para Venda Nova, Lagoa Santa, Barreiro, conduzindo o amor sem pouso na geometria policial da cidade. Aconteciam tão poucas coisas em ti, eras tão Colégio Santa Maria das meninas de “bem”, tão missa das 10 ...

Desta forma descreve Campos (1998:238) a chegada de Antipoff a essa Belo Horizonte bucólica, ainda conhecida como “cidade-jardim” e os propósitos de sua presença:

... Em 1929, a convite do Governo do Estado de Minas Gerais, Helena Antipoff transferiu-se para Belo Horizonte, onde iniciou o ensino de Psicologia na Escola de Aperfeiçoamento de Professores, recém-instalada como parte da reforma de ensino de 1927. Foi inicialmente contratada como

professora visitante por dois anos. Esse contrato foi sucessivamente renovado ao longo da década de 30. Instalou então, na Escola de Aperfeiçoamento, o Laboratório de Psicologia e iniciou extenso programa de pesquisa sobre o desenvolvimento mental, os ideais e os interesses das crianças mineiras (“Ideais e Interesses das crianças de Belo Horizonte e algumas sugestões pedagógicas, Boletim 6, Secretaria do Interior de Minas Gerais - Diretoria-Geral da Instrução - Belo Horizonte, 1930 ...

Os propósitos que moviam a atuação de Helena Antipoff na Belo Horizonte dos anos 30, eram evidentes: atuar, como fonte inovadora, na educação pública do Estado, de forma a inserir Minas Gerais na interlocução das discussões e das propostas pedagógicas levantadas, então, naquele momento histórico.

Nesse sentido, pontua-se, a seguir, alguns aspectos que caracterizam o panorama educacional brasileiro de então.

Como salienta Carvalho (1998:27), pode-se afirmar que, em Educação, práticas discursivas e institucionais, no Brasil do final do século XIX até, pelo menos, a década de 1920, buscavam sua legitimação enquanto pedagogia “moderna, científica ou experimental”. As autoridades escolares da época viam a escola como instituição intrinsecamente disciplinar e a modernidade como uma “sociedade da escolarização”. Aquele “revolucionário” modelo pedagógico baseava-se na configuração de duas modalidades disciplinares, que seriam a ortopedia e a eficiência, buscando-se “cientificamente”, para os padrões da época - final do século XIX até a década de 20 - a prevenção e a correção das deformidades da criança, ou do educando.

Num país agrário, recém urbanizado e essencialmente empobrecido, há poucas décadas da abolição da escravatura, como era o Brasil nas décadas de 20/30, a Carteira Biográfica – com dados que levavam em conta saberes diversos como ortofrenia, anatomia, higiene pessoal e coletiva, pedologia, psicologia, dentre outras – estampava a fotografia de uma perversa realidade social, com mensurações resultantes

de “observações antropológicas” e “físico-psicológicas”, além de anotações com “dados anamnéticos da família” e “notas anamnéticas”, as últimas obtidas por exames médicos.

Autores, como Carvalho, admitem que, assim, a pedagogia tornava-se instrumento para formar a população idealizada pela elite dominante de então, mediante uma “concepção”, ou “explicação” científicas.

Neste ambiente educacional, dentro dessa realidade histórica, é que Helena Antipoff, em Belo Horizonte, inicia seus trabalhos. Fontes históricas e dados secundários dão conta de que se operava, então, uma sutil mutação nos discursos e nas práticas da educação brasileira, a partir de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Belo Horizonte. Ao final da década de 20, largando mão do caráter médico/higienista, começava-se a apostar na natureza infantil e na educabilidade pura e simples de qualquer criança, ou educando. De forma paulatina, a deformação eugênica, ou racial, preocupação maior do enfoque cientificista, adotado até os anos 20/30, começa a dar lugar a outros pensamentos e idéias do campo pedagógico. Antipoff, aplica, então, uma nova psicologia à educação infantil. Acreditava ela que a Educação Funcional, no sentido proposto por Claparède, continha ingredientes que atendiam, de forma salutar, às necessidades e interesses das crianças. Claparède, ao definir Educação Funcional, afirma:

Foi ali por 1911, creio, que utilizei essa expressão para designar a educação que se propõe desenvolver os processos mentais considerando-os não em si mesmos, e sim quanto à sua significação biológica, ao seu papel, à sua utilidade para a ação presente ou futura, para a vida. A educação funcional é a que toma a necessidade da criança, o seu interesse em atingir um fim, como alavanca da atividade que se deseja despertar nela (Claparède -Introdução à Educação Funcional).

Fontes históricas esclarecem ainda que, contando com educadores como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e a própria Helena Antipoff, a Escola Nova, prevalente, redefine a natureza infantil e o lugar destinado ao conhecimento sobre ele produzido. A idéia é renovar a mentalidade dos educadores e das práticas pedagógicas. A nova pedagogia é otimista. De acordo com Lourenço Filho, Escola Nova não diz respeito “a um só tipo de escola, ou sistema didático determinado, mas a todo um conjunto de princípios tendentes a rever as formas tradicionais do ensino”. (Lourenço Filho, 1974:17). O modelo médico/higienista, utilizado até então já não atende à modernidade da nova sociedade urbano-industrial que, incipientemente, instalava-se no país. Ainda, segundo Lourenço Filho, à uma “nova compreensão das necessidades da infância”, haveria que se somar princípios relativos “às funções da escola em face de novas exigências, derivadas de mudanças da vida social” (Ibidem, ibidem.).

Para Fernando de Azevedo, Escola Nova – ou Educação Nova – englobava:

Toda a variedade de planos e de experiências em que se introduziram idéias e técnicas novas (como os métodos ativos, a substituição das provas tradicionais pelos testes, a adaptação do ensino às fases de desenvolvimento e às variações individuais) ou que trouxessem, na reorganização de estrutura ou num processo de ensino, o selo da novidade. (Azevedo, 1958:179).

Azevedo adiciona, ainda, que a nova escola devia abranger várias formas de educação, contanto que levassem em conta as “correntes pedagógicas modernas e as necessidades das crianças”. Dessa variedade de contribuições, depreendiam-se, pelo menos, duas grandes tendências: a primeira, “inspirada pelas novas idéias biopsicológicas da criança e nas concepções funcionais da educação”, em que se colocava o educando como centro do processo educativo; a segunda, “ligada à evolução dos conhecimentos e das idéias sociais e sugerida por uma concepção mais nítida do

papel da escola como instituição social” (Ibidem, ibidem), desenvolvia-se na direção de se colocar um ideal de sociedade como referência para a adaptação individual.

Grande parte do ideário escolanovista brasileiro, se constituiu a partir desta segunda vertente.

Moukachar (1996), ao tratar da família e da criança no Brasil e das transformações que se verificam no aparelho institucional da Escola do final do século XIX ao século XX, desenvolve as seguintes considerações:

... A educação e a medicina, que desde a segunda metade do século XIX, apontavam normas para o comportamento de pais e crianças, já no início do século XX incrementam essa intervenção. Com uma nova significação social atribuída à infância, surge a psicopedagogia que auxiliaria no disciplinamento e controle das crianças. Esta nova ciência ganha força desde que muda a própria noção de sujeito: o indivíduo adulto é resultado de sua infância, da maneira como foi criado, de sua constituição familiar, dos cuidados físicos e emocionais que recebeu (Moukachar, 1996:32).

Antipoff retomaria seu caminho teórico, procurando, conhecer e entender as aspirações íntimas das crianças. Quaisquer que fossem as crianças. Transforma-se, então, numa entusiasmada educadora que, na capital de Minas Gerais, procura trabalhar na direção de valorizar e transformar a vida de milhares de crianças belo horizontinas, especialmente daquelas a quem a escola e a sociedade não acreditavam serem passíveis de educação.

Campos, (1995:62), relata

Antipoff concordava com os interacionistas, e defendia a idéia de que todas as crianças – mesmo aquelas que tivessem revelado limitações nos testes – poderiam ser educadas. Segundo ela, “o nível baixo nos testes de inteligência para muitas crianças de meio social inferior e crescidas fora da escola não prognostica absolutamente o futuro atraso nos estudos, pois nesta idade o organismo ainda está bem plástico e o cérebro capaz de assimilar com grande rapidez e eficiência os produtos da cultura intelectual.” (Antipoff, 1932:16-17). Em decorrência deste raciocínio, nossa autora se colocou decisivamente na defesa das crianças que apresentavam dificuldades. Lutava por elas nas escolas, onde queria que tivessem tratamento diferenciado, que fossem guiadas por professores competentes (Campos, 1995:62).

Em termos genéricos, com o objetivo de se contextualizar historicamente o problema da pesquisa, pode-se perceber que, em diferentes instâncias, é a Educação, enquanto tema, o ponto recorrente que está presente tanto na “Montes Claros de Darcy Ribeiro”, quanto na “Belo Horizonte de Helena Antipoff”, que integram a presente contextualização.

Importa estabelecer ou reforçar, a partir daí, questionamentos anteriores, que são os seguintes:

As “crianças” da “Montes Claros de Darcy Ribeiro”, entrevistadas neste trabalho, hoje com 65 a 80 anos de idade, guardam alguma semelhança com as crianças da década de 30 e que faziam parte do cenário da “Belo Horizonte de Helena Antipoff”? E o que ambas têm a ver com as crianças pesquisadas em 1993/98 em Belo Horizonte, por Campos, com as pesquisadas para este trabalho, em Montes Claros, no ano de 2001?

O que se tem, a partir dessas referências históricas, relacionadas com o problema da pesquisa, é a descrição de processos que influenciam a abordagem da questão aqui investigada, como parte de uma totalidade dialética e histórica, buscando-se detectar, num primeiro plano, a interação entre conceitos e experiências, cotejando-se sistemas educacionais e sociológicos distintos, sua funcionalidade, privilégios, exclusões, noções de comportamento como solidariedade, negação e autonomia, ou não, de valores.

2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Da natureza do problema exposto, torna-se necessário delimitar alguns pressupostos teóricos e conceitos que se fazem fundamentais para referenciar analiticamente as evidências empíricas. Tais pressupostos teóricos, baseados nos estudos de Antipoff, Claparède e Campos, principalmente, concentram-se em entender o significado de Ideal e Interesse, no mundo infantil. As citações e pressupostos constantes deste referencial teórico indicam como, nessa pesquisa, se buscará entender o significado dos termos ideal e interesse a serem buscados e pesquisados nas crianças de Montes Claros.

2.1 O interesse como base das ações educativas

A relevância de se investigar, ou não, noções de Ideal e Interesse em crianças, como se objetivou nesse estudo, é convalidada a partir das seguintes palavras de Antipoff:

... Procurar determinar as necessidades, os gostos, os interesses, as aspirações, as idéias dos indivíduos ou de uma coletividade inteira, é procurar colher os vestígios materiais (se assim podemos exprimir-nos), das tendências psíquicas íntimas e de acordo com o Eu. Realizando-se mediante inquérito acerca das ocupações, dos jogos, das leituras preferidas, acerca das profissões a que aspiram os indivíduos, dos seus propósitos, do emprego fictício de uma soma de dinheiro que seria posta à sua disposição, essa indagação revela o psicotropismo positivo. Pedindo aos indivíduos que indiquem as ocupações de que menos gostam, os modelos humanos a que

tenham aversão, ou a ação que considerem mais vil, obter-se-ia dessa maneira o tropismo psíquico negativo em desacordo com o Eu (1930:09).

A preocupação básica de Antipoff está em detectar as necessidades e os interesses concentrados no universo infantil, especialmente no das crianças a quem a escola pouco conhece, ou desconhece, e via de consequência, pouco vai atender.

Sobre essa preocupação, Antipoff destaca:

... As preocupações, os interesses, os ideais não são senão as expressões mais ou menos concretas das tendências internas que animam o indivíduo e determinam a direção da conduta, sob a pressão das necessidades (1935).

Na fala, a reafirmação das concepções teóricas formuladas por Claparède, que sustentava o entendimento de que “é a necessidade o motor da nossa conduta.” Para o teórico suíço, incentivador de Antipoff, as necessidades mudam de acordo com o organismo, com a juventude ou velhice, a saúde ou doença e ainda de acordo com o meio:

... Cada idade é “sensibilizada” por determinados objetos: é que suas necessidades, notadamente suas necessidades psicológicas, mudam à medida que o indivíduo progride. Está aqui o fundamento da evolução dos interesses ao longo da infância e da adolescência (Claparède, in Antipoff,1935:07).

Em *A Educação Funcional*, Claparède sintetiza e analisa as grandes leis que, no seu entendimento, regem a conduta humana: “(...) Todo organismo vivo é um sistema que tende a conservar-se intato. Desde que se lhe rompa o equilíbrio interior (físico-químico), desde que comece a desagregar-se, efetua os atos necessários à própria reconstrução.” (s.d.)

Para biólogos, como Nägeli, o fenômeno acima descrito, conhecido como auto-regulação, compõe a fundamentação da Lei da Conduta proposta por Claparède, de

onde derivam-se a “Lei da Necessidade” e a “Lei do Interesse”, objetos de estudo deste trabalho.

Para Claparède, a atividade é sempre suscitada por uma necessidade, sendo ela o corolário desta lei, que é explicitada, mais claramente, por Pflüger a partir da seguinte argumentação: “...A causa de toda necessidade de um ser vivo é, ao mesmo tempo, a causa da satisfação dessa necessidade.” (in Claparède, s.d.).

Se para Nägeli “a necessidade age como excitante”, para Claparède a importância dada pela psicologia a esse componente, obscurece as abordagens feitas sobre a questão da necessidade.

Claparède, em vários momentos, explicita a proposição de que a função de uma operação psíquica é a de servir de ponte entre o “desejo” e a “ação”. A escola não despertaria, na criança, o desejo pela ação a ser executada, confirmando o entendimento de Rousseau:

... O interesse presente – eis o grande móvel, o único que conduz longe e seguramente! Quereis que a criança procure a média proporcional entre duas linhas? Fazei de modo que ela tenha necessidade de achar um quadrado a um retângulo dado (Grifo meu – in Claparède, s.d. p.17).

Claparède na mesma obra, citando Dewey, reforça este entendimento:

... Desde que se separa a atividade do interesse, cria-se uma luta entre os dois pólos da atividade. Formam-se hábitos mecânicos, visíveis pela atividade externa, mas de onde se acha ausente a atividade psíquica criadora. Nada valem, portanto, do ponto de vista educativo. Interiormente criam a vagabundagem mental, uma sucessão de idéias sem objeto, porque não convergem para uma atividade definida (In Claparède, s.d.:17).

Para tais autores, a escola e o trabalho escolar não corresponderiam à realização dos desejos íntimos das crianças, nem atenderiam a nenhuma necessidade de ordem prática ou intelectual.

A partir deste entendimento, os autores admitem que a necessidade, no ser humano, é satisfeita na sua relação com o outro. Atender aos interesses da criança não é um mero capricho pessoal e sim, respeito ao seu desenvolvimento natural.

Em *Emílio* (1999:11), Rousseau faz comentários referentes à ação educacional na sociedade europeia de sua época, o que, para muitos especialistas, como Rey e Vigotski, por exemplo, dois séculos e meio depois, continuam válidos:

As boas instituições sociais são as que melhor sabem desnaturar o homem, retirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe uma relativa, e transferir o eu para a unidade comum, de sorte que cada particular não se julgue mais como tal, e sim como uma parte da unidade, e só seja perceptível no todo (Rousseau, 1999:11).

Para Rousseau há um prevalente dilema entre os responsáveis pela educação das crianças e os valores humanos a que se encontram submetidos, pois vêem-se forçados a combater, ou a natureza da criança, ou as instituições sociais. Para o autor francês, nesse sentido, é impossível se construir, ao mesmo tempo, um homem e um cidadão: é preciso optar entre um ou outro. Complementa Rousseau: ... “e lhes ensina tudo, exceto a se conhecer, exceto a tirar partido de si mesmo, exceto a saber viver e se tornar feliz.” (Rousseau, 1999:24).

Claparède admite que o educador deve apoiar-se sobre “os interesses que se traduzem no espírito da criança”. Autores como Dewey, Montessori e o próprio Claparède, ao defenderem a idéia de especificidade da criança, têm, em Rousseau, uma clara referência. Sobre seu trabalho, afirma Claparède:

A Rousseau é que estava reservado o papel de verdadeiro iniciador da ciência; pode mesmo dizer-se que ele foi o descobridor da criança. [...] Foi ele o primeiro a ver na criança, não apenas uma oportunidade para a aplicação de preceitos educativos, mas uma fonte de problemas que temos que resolver. Antes de educar a criança – disse ele, - observemo-la (Claparède, 1956:56).

Gouvêa, em tese de doutoramento pela UFMG, analisa a infância no discurso científico, afirmando que os educadores do início do século passam a influir nas práticas pedagógicas escolares quando começam a ver na criança uma natureza diferenciada do adulto, incluindo, notadamente nas atividades infantis, a especificidade de um caráter lúdico. Diz Gouvêa (1997:61/62):

Assim também outras características atribuídas à criança, anteriormente representadas como expressão de sua imperfeição, são agora ressignificadas no pensamento psicopedagógico nascente, em que aspectos da conduta infantil como curiosidade, alegria, espontaneidade, atividade e preponderância do sentimento sobre a razão, são associados não mais à imaturidade, mas à sua natureza diferenciada do adulto.

Para Claparède, a pedagogia deveria observar a natureza da criança e a partir dela elaborar atividades educacionais:

A infância não é um mero acidente, um reverso, mas sim a forma própria que reveste o desenvolvimento do ser. As menores manifestações que caracterizam o estado da infância devem, pois, ser seguidas com o maior cuidado pelo educador, que longe de contrariar a Natureza, nada poderá fazer de melhor que segui-la, sob pena de expor-se a um malogro. A Natureza sabe bem o que faz; ela é o melhor biólogo que todos pedagogos do Universo, e a maneira como procede para fazer de uma criança um adulto deve ser o único guia do preceptor (Claparède, 1956:450).

É o próprio Claparède que, em biografia, admite: “...Fui a criança mais feliz que se possa imaginar, ao menos até entrar na escola, aos 4 anos e meio.” (A Escola sob Medida). E complementa: ... “Toda necessidade ainda não satisfeita provoca em nós uma espécie de tensão, tensão fisiológica que, muita vez também, é sentida interiormente como tensão afetiva.”

Partindo-se desse pressuposto, o ideal de uma criança não é, portanto, o ideal de uma sociedade. Para educadores que se empenham pela integridade da criança, não seria natural que houvesse esta dicotomia: ideal de sociedade versus ideal de criança. Para Wallon (1979:156), estas duas forças (indivíduo/sociedade) são

complementares: “O indivíduo, que se compreende como tal, é essencialmente social. O indivíduo é, não na seqüência de contingências exteriores, mas na seqüência de uma necessidade íntima. É-o geneticamente”.

A presente pesquisa, que toma como referência investigações idênticas desenvolvidas por Antipoff e Campos na cidade de Belo Horizonte, pretende cotejar o grau de interesse e de ideais demonstrado pelas crianças belo-horizontinas, em vários períodos históricos, com os detectados nas crianças de Montes Claros, inclusive nas “crianças” das décadas de 30/40, a serem investigadas.

Nesse sentido, autores como Claparède admitem que toda necessidade visa a um objeto, a um fim objetivo, e não ao desaparecimento dessas carências. As necessidades psicológicas mobilizariam a atividade mental e essas necessidades, criadas na mente, seriam projetadas para o mundo exterior, onde se transfigurariam. Uma necessidade mental configura-se, então, como um objeto a obter, caso do homem faminto que deseja alimentos e não, necessariamente, que sua fome desapareça. A inferência, no caso, é que a conduta humana tem alcance positivo e não negativo, ou seja, esta conduta é “movida, psicologicamente falando, não por uma necessidade, mas por um interesse.” (Claparède, s.d :56). O mesmo conceito deveria aplicar-se às crianças, quando entregues a um dado sistema de educação formal.

A Educação Funcional ou Psicologia Funcional surge nos Estados Unidos, com William James e, em sua essência, apresenta a aplicação à psicologia do ponto de vista biológico e do ponto de vista pragmático. No caso, para seus formuladores, o que importa é a ação. De acordo com James, quando um organismo em desenvolvimento sente desejo por um objeto é que “esse objeto se tornou necessário a seu progresso” (In: Claparède, s.d.:18)

Este seria o princípio da Educação Funcional, sugerido, inicialmente por James e concretizado por Dewey: “é psicologicamente impossível provocar uma atividade sem algum interesse.” (In: Claparède, s.d.;21)

É a “função”, isto é, o ato adaptado, o núcleo principal na conduta de um ser. Essa função seria a síntese da sensação e da reação.

Partindo desse princípio, toda ação educativa deveria estar centrada nos interesses dos educandos.

Para esta pesquisa, importa detectar o grau de interesse demonstrado pelas crianças de Montes Claros, frente a outros parâmetros sociais, considerando-se, no caso, o pressuposto de que a categoria do Interesse é que tem valor de ação.

Teóricos como Meylan (1953) determinam, por exemplo, que a atividade humana é, a rigor, função intrínseca do interesse: o estímulo suscitaria a tomada de ações, na medida em que responderia a uma necessidade emergente.

Para ele, a criança estimula-se a partir de uma necessidade que a motive. O educador atento saberá diagnosticar essa necessidade estimulante e motivadora, que enseja, a ambos, uma dimensão prazerosa na aquisição de novos conhecimentos.

Claparède reconhece que é necessário, para o educador, identificar, primeiramente a criança, em geral, e posteriormente a cada criança, individualmente. De acordo com suas formulações, o desenvolvimento infantil não acontece em série e é um fato único em cada indivíduo, cabendo à escola observar tais individualidades.

Ao denominar esse processo como Educação Funcional, é o próprio Claparède que propõe ao educador observar e estimular, junto às crianças, o desenvolvimento de processos mentais que guardem significados biológicos e que tenham relevância quanto ao papel e à utilidade para a ação infantil. Assim, a Educação

Funcional toma a necessidade da criança, o seu interesse em atingir uma finalidade, presente, ou futura.

Mais que isso, Claparède sustenta que a Escola Tradicional deveria transformar-se, para vir a ser a Escola Funcional que contemplaria as especificidades de seus alunos, quando afirma:

... A escola [...] deve inspirar-se numa concepção funcional de educação e do ensino. Tal concepção consiste em tomar a criança como centro dos programas e dos métodos escolares e em considerar a educação, em si, como adaptação progressiva dos processos mentais a certas ações, determinadas por certos desejos (Claparède s.d. p.p. 105).

Será Claparède o teórico que aprofundará tais considerações, em três afirmativas distintas:

... O motor da educação deve ser não o medo do castigo, nem mesmo o desejo de uma recompensa, mas o “interesse” profundo pela coisa que se trata de assimilar ou executar [...] Em resumo, a “disciplina interior” deve substituir a “disciplina exterior”.

... A escola deve fazer amar o trabalho. Demasiadas vezes, ensina a detestá-lo, criando, em torno dos deveres impostos, associações afetivas desagradáveis. Portanto, é indispensável que a escola seja para a criança um meio alegre ...

... A escola deve ser ativa, isto é, deve mobilizar a atividade da criança. Deve ser mais um laboratório do que um auditório (In: *Estudo Complementar de Louis Meylan – A escola sob medida – p.p.106*).

Todas as três assertivas acima, podem ser resumidas, numa única frase, de Meylan: ... ”unicamente a criança que brincou de todo o seu coração, será capaz de, mais tarde, trabalhar de todo o seu coração” (Ibidem, ibidem, p.p. 115).

Para tais autores, a escola e os educadores deveriam priorizar a criança e o seu mundo particular.

Afirma, ainda, Claparède que a criança tem que ser conduzida segundo suas aptidões, o que pouco acontece no sistema educacional brasileiro, segundo relato dos

pesquisadores e estudiosos do tema. A escola exige da criança ações sem levar em conta o interesse, a vontade e a necessidade que cada uma possui. O resultado dessa falta de compreensão do mundo da criança é um trabalho de pouco rendimento e que, às vezes, chega a causar repugnância. A criança executa suas atividades na escola por mera obrigação e sem nenhuma satisfação.

Assim como Claparède, uma corrente de pensadores entende que a educação e as ações educativas devem ser algo desejado e não imposto. O entendimento é o de que a escola e suas ações devem ser dirigidas para as manifestações tidas como naturais da criança, e que são seus interesses e vontades.

Segundo Claparède, a vida oferece à pessoa humana diversificados objetos de cobiça e a conduta, a escolha, o móvel desta escolha, é o interesse.. Para o autor, a etimologia da palavra “interesse”, “inter-esse”, exprimiria bem o seu significado que seria “estar entre”.

Nessa concepção, o interesse exerceria o papel de intermediário entre o organismo e o meio, ou seja, o interesse é o fator que ajusta, que estabelece o acordo entre o ambiente e as necessidades do organismo.

A revisão bibliográfica, diante da realidade já pesquisada por Antipoff e Campos, em Belo Horizonte, e diante das expectativas abertas com a pesquisa feita em Montes Claros, sugere, ainda, a noção do chamado Interesse Momentâneo, que seria aquele interesse capaz de vencer conflitos. Na medida em que o ser humano se vê cercado de várias necessidades, vários outros interesses correspondentes a essa demanda passam a emergir. As referências determinam que será atendido aquele mais urgente, o que deflagra o interesse mais intenso, tornando-o predominante sobre os demais, sobre aqueles que não ensejaram uma ação, ou reação.

Claparède situa, assim, seu entendimento sobre o que seria Interesse Momentâneo: “...em cada momento, um organismo age segundo a linha de seu maior interesse.” (Claparède, s.d.:59).

Autores como Locke, não reconhecem essa predominância de um interesse sobre os demais. É Locke que afirma:

... Mas, como neste mundo, estamos cercados por diversas necessidades, (uneasiness) e distraídos por diversos desejos, o que se apresenta naturalmente como tema de investigação é: qual dessas necessidades é a primeira a determinar a vontade a exercer a ação seguinte? Ao que se pode responder que, ordinariamente, é a mais premente de todas as de que nos julgamos em condições de nos libertar...” (in Claparède, s.d.:59).

2.2 Memória da Infância

Outra noção conceitual a ser buscada neste referencial teórico é a do Imaginário, considerando-se especialmente, a relevância que terão os relatos das “crianças” das décadas de 30/40, que serão investigadas através de um processo de reconstrução mental, em que se pedirá àquelas “crianças” de 60 a 80 anos, para que se sintam novamente com 10 anos de idade.

Para que se situe a importância da infância na vida humana, possibilitando aos mais velhos evocarem lembranças e, a partir delas, conhecerem seus sentimentos de criança, Chauí, na apresentação de obra produzida por Ecléa Bosi relata: ... “Não há evocação sem uma inteligência do presente. Um homem não sabe o que ele é se não for capaz de se definir a partir das determinações atuais.” (Bosi, 1979: apresentação).

O ser humano presente só é capaz de se definir a partir de suas experiências e, principalmente, de suas experiências infantis. Segundo a autora, falta aos adultos, na contemporaneidade, tempo, desejo ou oportunidade para se recordar do seu tempo de

criança. Já os mais velhos se voltam para essas lembranças como uma possibilidade de serem novamente valorizados e apercebidos.

A memória tem, então, uma função fundamental no processo psicológico total. Sobre isso, Bosi determina que,

... a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (Bosi, 1979: 9).

A pretensão dessa pesquisa em entrevistar pessoas de outras décadas para falar de seus ideais e interesses, quando cursavam a 4a. série primária, é comparar os ideais e interesses dessas “crianças” com os das crianças de hoje.

Como instrumento de trabalho recorre-se ao imaginário dessas pessoas, para que, através de evocações de lembranças, possam imaginar-se com 10 anos de idade, cursando o ensino fundamental.

Assim, Imaginário pode ser entendido, conceitualmente, como um produto derivado da imaginação, que é processo. A dimensão imaginária cria formas que se enraízam no histórico, para que se façam universais, sancionadas e racionalmente legitimadas.

Durand (1988:11), ressalta que os termos relativos ao imaginário são vistos de maneira divergente. Tal obscuridade, para ele, provinha da desvalorização atribuída à imaginação no pensamento da “Antiguidade Clássica” e do “Ocidente Cartesiano” mais recente.

Para esta investigação, interessa entender o termo imaginário dentro de uma relação específica que é a da escola/aluno. A escola, de uma maneira geral, é

compreendida, enquanto instituição, ou aparelho social, a partir da sua cognição, da sua racionalidade. Como conhecer o aluno, ou a aluna, além do estabelecido? Como entender seus desejos? Por que, às vezes, as crianças manifestam-se de forma violenta ou dócil? Conhecem-se os gostos dos alunos com os quais se trabalha? Valorizam-se as suas predileções ou aptidões?

Esses e outros questionamentos podem ser entendidos, a partir do imaginário, segundo Postic (1993:13), quando realça o imaginário, como categoria analítica, na relação pedagógica:

... Imaginar é evocar seres, colocá-los em determinada situação, fazê-los viver como se quer. É criar um mundo ao seu bel-prazer, libertando-se. Tudo é possível. Tudo acontece. Na vida artística, imaginar é um ato criador. Na vida cotidiana, imaginar é uma atividade paralela à ação que exercemos ligada à realidade. A imaginação é um processo. O imaginário, seu produto.

Para Oliveira (1995:34), alguns questionamentos devem ser fundamentados a respeito da vida de alunos adolescentes. Como o aluno adolescente vive na escola de hoje e como se situa no seu interior? Que significado tem a escola na sua existência? Que vínculos existem entre sua vida na escola e a sua vida fora da escola, nas suas diversificadas relações sociais? O próprio autor responde:

... Estas perguntas e tantas outras dentro de uma outra dimensão – a do imaginário – assumem um caráter instigador para pensar a educação a partir de outros fundamentos, descobrindo assim novos conhecimentos. A complexidade dos nossos tempos não abriga respostas reducionistas e disjuntoras. A investigação nas diferentes áreas do conhecimento precisa contemplar a heterogeneidade e a complexidade das relações inter-subjetivas que se dão, tanto no espaço instituído, como no espaço instituinte da sociedade.

O que se tem, a partir das referências conceituais acima abordadas, é uma preocupação acadêmica relacionada a um processo contínuo de mudanças sociais. Tais mudanças condicionam a natureza e o papel das instituições públicas e privadas, como a

Escola e a Família, junto ao universo de entendimento infantil, aqui investigados como partes de uma totalidade dialética e histórica.

2.3 As pesquisas anteriores

O Governo do Estado de Minas Gerais inicia, em 1928, a reforma Francisco Campos, inspirada nos princípios escolanovistas. Enquanto a pedagogia tradicional defendia uma ação mais diretiva do educador, a pedagogia da Escola Nova orientava a escola no sentido de permitir o desenvolvimento natural da criança. Segundo Campos, os escolanovistas agrupavam-se em correntes discordantes: “Mesmo entre os escolanovistas, havia diferentes correntes de pensamento em relação a esta questão, variando entre os que defendiam maior ou menor diretividade por parte dos educadores.” (Campos, 1991:96-97)

Em 1929, a psicóloga e educadora Helena Antipoff aceita o convite do Governo de Minas Gerais para organizar um laboratório de Psicologia Pedagógica, na Escola de Aperfeiçoamento, com o objetivo de aprimorar profissionalmente as professoras do Estado. Com a participação dessa educadora, a reforma Francisco Campos ganha intensidade, pois Antipoff enriquece o debate ao investigar os ideais e interesses das crianças belo-horizontinas. O objetivo da educadora era o de promover investigações entre os alunos, com o intuito de estabelecer as normas de desenvolvimento psíquico e mental. Para Antipoff, natural da Rússia, estar em um país desconhecido significava, particularmente, enfrentar o desafio de apreender uma nova cultura, uma nova realidade e, principalmente conhecer o que pretendiam as crianças de Belo Horizonte.

Antipoff trazia consigo a experiência obtida com os teóricos da Escola Ativa na Europa, tendo, inclusive, feito seus estudos superiores de Psicologia em Paris e depois em Genebra, sob a orientação de Claparède, uma referência no estudo dos interesses das crianças e incentivador da Escola Funcional. Campos, relata:

Antipoff seguia os princípios da psicologia funcionalista de Claparède, mas a eles acrescentava a preocupação sócio-cultural da escola russa e a análise de Adler sobre o desenvolvimento da personalidade. Na pesquisa sobre ideais e interesses das crianças, buscava conhecer as tendências infantis para a partir delas contribuir para a orientação pedagógica das escolas (Campos, 1991:98).

Antipoff, a princípio, fica em dúvida: ou procurava estabelecer o nível mental das crianças através de escalas de inteligência, ou procurava conhecer os seus interesses e ideais. Decide conhecer os interesses e ideais das crianças, cuja abordagem considerou mais viável, já que, a partir dela, poderia ter um resultado científico e metodológico em tempo mais rápido.

Helena Antipoff, com a ajuda de colaboradores, alunos matriculados na Escola de Aperfeiçoamento, começa então o seu trabalho de investigar os interesses e ideais das crianças belo-horizontinas no ano de 1929. Adota o método do inquérito por acreditar ser esse recurso o mais simples, exigindo menos prática dos aplicadores, todos eles alunos inexperientes em áreas de pesquisa. Ademais, o inquérito não permitia muita interferência do pesquisador, sendo que as próprias crianças escreveriam suas respostas no questionário impresso. Nas palavras da própria Antipoff:

O método do inquérito habitua o experimentador noviço a ser passivo, a deixar a criança falar sozinha e a exprimir seus pensamentos sem que a influência de um adulto os desnature. O método do inquérito serve ao pedagogo de ponte para abordar o exame psicológico. O inquérito lhe faz descobrir a criança, ficando ele inteiramente passivo. O pedagogo muitas vezes desconhece a criança, exatamente porque não lhe deixa a palavra suficientemente emancipada do eu, do mestre ele próprio (Antipoff, 1930, p.07).

Antipoff ressalta que a aplicação do questionário é um método de sondagem cujas respostas não podem ser consideradas definitivas, servindo, sim, como base para outros trabalhos e outros métodos mais delicados.

As questões formuladas pela educadora, inicialmente, abrangem dois tipos de respostas: respostas que pudessem revelar o psicotropismo positivo, isto é, aquelas questões que buscassem investigar o interesse pelas ocupações, pelos jogos, leituras preferidas, profissões desejadas, propósitos das crianças, e um outro tipo de respostas, que revelariam o tropismo psíquico negativo, isto é, que pudessem estar em desacordo com o eu. Por exemplo: as ocupações de que menos gostavam, as pessoas com quem elas não gostariam de se parecer, ou que apontassem comportamentos inadequados na visão das crianças.

A pesquisa da educadora e suas colaboradoras tem início no final do ano de 1929, quando 760 questionários são aplicados a crianças da cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, cursantes da 4ª série primária. As crianças pertenciam aos dois sexos, sendo 322 meninos e 438 meninas e tinham entre 10 e 14 anos de idade. Neste primeiro momento, o inquérito constava de 10 questões, que eram as seguintes:

- 1 - Qual o trabalho que prefere na escola?
- 2 - Qual o trabalho que prefere em casa?
- 3 - Qual o seu brinquedo preferido?
- 4 - Qual o livro ou a história de que você mais gosta?
- 5 - Com que pessoa queria você parecer-se?
- 6 - Por quê?

7 - Quando for grande, o que quer ser?

8 - Por quê?

9 - Que presente quereria receber no dia de seu aniversário?

10 - Se você tivesse muito dinheiro, que faria dele?

Já em 1934, Antipoff repete a pesquisa de ideais e interesses das crianças, permanecendo com o mesmo tipo de crianças: meninos e meninas de 4ª série primária dos grupos escolares de Belo Horizonte. Neste momento, 1.398 crianças, na idade de 11 a 13 anos respondem ao mesmo questionário aplicado em 1929, sendo 645 meninos e 753 meninas. O questionário é aplicado coletivamente, como em 1929, e é acrescido de mais três questões, que complementarizam as outras 10. A questão “com que pessoa não queria você parecer-se” revelaria aquilo com que a criança não se identificava, isto é, o seu psicotropismo negativo. A outra questão seria o “por quê” de não querer se parecer e a terceira questão seria a complementação da questão nº 10, o “por quê?”, motivo da aplicação do dinheiro que porventura a criança ganhasse.

Segundo Antipoff, o objetivo da reaplicação do questionário cinco anos após a primeira experiência, seria comparar os resultados colhidos em 1929 com os colhidos em 1934. Procurava auferir se as crianças continuavam com os mesmos ideais e interesses. Esse mesmo objetivo leva a equipe de Antipoff a aplicar a pesquisa ainda em 1939 e 1944.

Essa pesquisa, repetida sempre nas mesmas condições, em intervalos de cinco anos, tinha como principal objetivo conhecer o grau de perseverança dos interesses das crianças e a variação desses interesses de acordo com as épocas e as circunstâncias sociais. Em 1944, Antipoff acrescenta mais duas questões às treze já

existentes. Na verdade é um desdobramento da primeira questão que perguntava sobre o trabalho preferido na escola. As duas outras questões são: “qual a aula de que mais gosta na escola?” e “qual a aula de que menos gosta na escola?”.

Os resultados encontrados estão relatados em *Boletins da Secretaria da Educação e Saúde Pública de Minas Gerais*.

Essas pesquisas realizadas por Antipoff são repetidas em 1993 e 1998 pela psicóloga e também educadora Regina Helena de Freitas Campos, professora de Psicologia da UFMG. Os objetivos dessa educadora, em suas próprias palavras:

Nosso objetivo é avaliar como evoluíram os ideais e interesses das crianças, sob a influência das transformações da sociedade brasileira. Supusemos que a influência das agências de socialização tradicionais – família, igreja – decresceria, enquanto cresceria a influência da escola e da mídia; que as diferenças nos ideais e interesses, por gênero, seriam menores que no passado, tendo em vista a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho; que profissões do setor moderno da economia seriam mais procuradas, e que os padrões de poupança/consumo se modificariam, havendo maior predominância de valores individualistas sobre os valores comunitários (Campos, 1996:46).

As pesquisas de Antipoff e de Campos vão servir de base para este estudo sobre os ideais e interesses de crianças da cidade de Montes Claros, no norte de Minas Gerais, no ano de 2001.

2.4 As questões desta pesquisa

Ao se empreender este trabalho, pensou-se, inicialmente em aplicar na cidade de Montes Claros no norte de Minas Gerais, a mesma pesquisa realizada por Antipoff no período compreendido entre 1929 e 1944 e por Campos nos anos de 1993 e 1998, na cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais.

Ao se iniciar esta pesquisa, no ano de 2001, observou-se a necessidade de acrescentar alguns dados que inexistiam nas duas pesquisas anteriores, como forma de adaptá-las à realidade do município de Montes Claros. Esses dados dizem respeito aos interesses e ideais de crianças montes-clarenses entre as décadas de 30 e 40, optando-se, nesse caso, por uma série de seis entrevistas com pessoas que teriam hoje entre 65 e 80 anos de idade e que, cronologicamente, haviam cursado a 4ª série primária no período entre 1929 e 1944.

Além do questionário aplicado às crianças que cursam a 4ª série do Ensino Fundamental em 2001, aplicou-se, ainda, as mesmas questões, a pessoas adultas que possuíam as características que interessavam a esta pesquisa, em forma de entrevista.

As questões aplicadas ao grupo de crianças e ao grupo de adultos, foram as mesmas utilizadas por Antipoff.

A amostra utilizada nesta pesquisa foi a seguinte: 158 crianças, sendo 65 meninos e 93 meninas, com idade variando entre 10 e 11 anos. As escolas onde estas crianças cursavam a 4ª série do Ensino Fundamental pertencem à rede pública e particular, sendo uma escola particular de nível sócio-econômico mais elevado, uma escola particular de nível sócio-econômico médio, uma escola pública estadual de nível médio, uma escola pública estadual de periferia e uma escola pública municipal de nível sócio-econômico inferior às demais. Quanto ao trabalho com o grupo de adultos ficou assim caracterizado: seis adultos, sendo dois homens e quatro mulheres. Todos aposentados, alguns exercendo funções filantrópicas, outros pertencendo a grupos de terceira idade e duas das mulheres definindo-se como donas de casa. As perguntas utilizadas nas entrevistas eram as mesmas aplicadas às crianças.

As entrevistas foram feitas na própria casa dos entrevistados, por opção dos mesmos. Com um gravador, após serem explicados os objetivos da pesquisa, foram formuladas as mesmas perguntas do questionário de Antipoff, com a única diferença: as respostas foram orais e gravadas, e não escritas. Apesar das questões serem programadas, todos os entrevistados puderam divagar amplamente sobre os temas que a pergunta lhes lembrava. Todos, aparentemente, sentiram-se bem em relembrar fatos da infância, o que transformou as entrevistas em momentos agradáveis.

Os objetivos desta pesquisa, além daqueles que também foram objetivos de Antipoff e Campos, estão relatados abaixo, assim como a metodologia utilizada para atender a cada um deles:

Questões desta pesquisa

- Verificar quais os ideais e interesses das crianças de Montes Claros no período de 1930 a 1940.
- Verificar quais os ideais e interesses das crianças de Montes Claros em 2001.
- Comparar os ideais e interesses das crianças de Montes Claros nas décadas de 30 e 40 com os atuais.

Metodologia utilizada

- Entrevistas com adultos que cursavam a 4ª série primária no período compreendido entre 1930 e 1940.
- Aplicação do questionário utilizado por Antipoff a 158 crianças de escolas públicas e particulares de Montes Claros.
- Análise comparativa das respostas dos adultos entrevistados com as das crianças pesquisadas.

- Comparar os ideais e interesses das crianças de Montes Claros nas décadas de 30 e 40 com as de Belo Horizonte no mesmo período.

- Comparar os ideais e interesses das crianças de Montes Claros em 2001 com as de Belo Horizonte em 1993 e 1998.

- Comparação das respostas dos adultos entrevistados com as respostas obtidas das crianças de Belo Horizonte no período de 30 a 40.

- Comparação das respostas das crianças de Montes Claros em 2001 com as respostas obtidas por Campos em 93 e 98.

3 METODOLOGIA

Na investigação, foram adotados os mesmos procedimentos e estratégias metodológicas utilizadas por Antipoff e colaboradores no período de 1929 a 1944 e repetidas por Campos e sua equipe, em 1993 e 1998, na cidade de Belo Horizonte. Decorrente da natureza do objeto deste estudo, o público-alvo da pesquisa foi o de 158 crianças residentes na cidade de Montes Claros, matriculadas na 4a. série primária do ensino fundamental mantido na cidade. A escolha dos estabelecimentos que ofertavam vagas a essas 158 crianças, baseou-se na preocupação de que deveriam tais escolas pertencer às redes pública e privada de ensino, contemplando, assim, no universo pesquisado, um amplo espectro social que ia desde as escolas particulares, onde se exigia mensalidades que só famílias abastadas podiam pagar, até as escolas públicas, gratuitas, mantidas pelo governo estadual ou do município, algumas até, localizadas na periferia da cidade. Além dessas 158 crianças, que responderam ao questionário, foram ainda pesquisadas, através de entrevistas, seis pessoas que, nas décadas de 30 a 40 cursavam a 4a. série primária na cidade, pessoas essas, escolhidas aleatoriamente na comunidade de Montes Claros e que se dispuseram a responder às mesmas questões formuladas para as crianças.

As entrevistas aconteceram por necessidade desta pesquisa, já que não se tinha nenhum dado ou informação a respeito dos interesses das crianças da cidade de Montes Claros, nas primeiras décadas do século XX.

Interessava que os adultos entrevistados para esta pesquisa pudessem fazer uma reconstrução, via memória, das experiências vivenciadas na infância. Sabia-se ser impossível reaver a infância da época, mas esperava-se que através do relato e das lembranças dos entrevistados pudesse ter presente um retrato de como a criança era vista e tratado naquela época e, principalmente, quais eram seus ideais e interesses.

A pesquisa pretendia e pretende, então, não apenas repetir uma experiência feita por Antipoff e Campos, mas, usando instrumentos semelhantes e acrescentando outros, conhecer, como na cidade de Montes Claros as crianças viviam nas décadas de 30 e 40. E como vivem hoje. Sabe-se que cada realidade apresenta características próprias e os ideais e interesses das pessoas, apesar de estarem diretamente ligados ao seu psicotropismo, só são atendidos e respeitados de acordo com suas possibilidades e suas condições, sendo que essas possibilidades e condições estão diretamente ligadas à cultura e ao modo de vida de cada pessoa.

3.1 Os questionários

Esta pesquisa tem como vantagem, já encontrar formatado um instrumento de pesquisa testado, validado e convalidado, cientificamente, por educadoras do naipe e da competência acadêmica de Antipoff e de Campos.

Assim, o questionário aplicado, tanto para o grupo de crianças, quanto para o grupo de adultos entrevistados, foi o mesmo utilizado por Antipoff e Campos, em Belo Horizonte, em épocas distintas, e que se resume nas seguintes indagações:

- 1 - Qual a atividade que você prefere na escola?
- 2 - Qual a aula de que você mais gosta?
- 3 - Qual a aula de que você menos gosta?
- 4 - Qual a atividade que você prefere em casa?
- 5 - Qual é o seu brinquedo preferido?
- 6 - Qual o livro ou história de que você mais gosta?
- 7 - Com que pessoa quereria parecer-se?
- 8 - Por quê?
- 9 - Com que pessoa não quereria parecer-se?
- 10 - Por quê?
- 11 - Quando for grande, o que você quer ser?
- 12 - Por quê?
- 13 - No dia de seu aniversário, que presente quer ganhar?
- 14 - Se você tivesse muito dinheiro, o que faria dele?
- 15 - Por quê?

Aplicou-se o questionário a 158 alunos de 4a. série do Ensino Fundamental. Foram analisadas crianças de cinco classes escolares, sendo duas turmas de escolas particulares, duas turmas de escolas públicas estaduais e uma turma de escola pública municipal. A análise foi feita agrupando as crianças por gênero (65 meninos e 93 meninas) e por classe sócio-econômica. A classificação por estratos sociais e

econômicos foi feita tendo como base o agrupamento rotineiramente utilizado pela UFMG em seus concursos, inclusive o do vestibular.

Para a classe 'A' considerou-se crianças filhas de pais originados das seguintes profissões: banqueiro, políticos, profissionais liberais de nível superior (médicos, advogados etc.), altos cargos de chefia ou gerência em grandes empresas, empresários urbanos e rurais, industriais de grande porte e outras ocupações com características semelhantes.

Na classe 'B' foram designadas crianças dependentes de pais com as seguintes ocupações: bancário, professor primário e secundário, auxiliares administrativos, funcionários públicos e outras ocupações que exijam 1º grau completo, militares com esse grau de instrução etc.

Finalmente, foram classificadas no estrato econômico social 'C', as crianças pertencentes a famílias com as seguintes características profissionais: operários não qualificados, auxiliares de serviços gerais, empregados domésticos, serventes e pedreiros da construção civil, caminhoneiros, biscateiros (desempregados), lavradores e outras ocupações que apresentaram características semelhantes.

O número de crianças agregadas em níveis sócio-econômicos ficou assim distribuído:

Classe 'A' - 26 crianças (11 meninos e 15 meninas).

Classe 'B' - 55 crianças (23 meninos e 32 meninas).

Classe 'C' - 77 crianças (31 meninos e 46 meninas).

Através dessa metodologia pôde-se contemplar crianças de níveis sociais e econômicos diferenciados.

Antes de se iniciar a investigação, enviou-se correspondência à direção de cada escola, solicitando autorização para a aplicação dos questionários. O questionário foi aplicado pela pesquisadora, em momento previamente indicado. Cada criança recebeu um questionário, explicando-se a forma de operacionalizar as respostas das questões.

De parte da pesquisadora, houve o cuidado de não sugerir nada que pudesse direcionar, ou levar as crianças a condicionarem preferências, em função da presença de uma pessoa que lhes era estranha em sala de aula. Esse cuidado metodológico está em Antipoff que, na sua primeira pesquisa, em 1929, ao solicitar às crianças que respondessem aos questionamentos formulados, dizia apenas: “Vamos fazer com vocês um pequeno trabalho. É interessante e fácil. Para vocês se saírem bem, só se exige uma coisa: que vocês reflitam antes de responder a qualquer pergunta. Não se pode falar nem perguntar nada.” (1930:15).

No presente estudo, agiu-se de maneira idêntica, com o acréscimo de algumas explicações a mais, no intuito de incentivar e motivar as crianças a responderem ao questionário de forma prazerosa. Essas explicações a mais concentraram-se na participação de cada uma delas na pesquisa e a importância de suas respostas para o trabalho.

De posse dos questionários respondidos, fez-se a tabulação dos dados necessários para a análise do conteúdo das respostas. As mesmas categorias, aproximadamente, utilizadas por Campos em 1993 e 1998 foram adotadas, ou reaproveitadas neste trabalho. Agruparam-se as respostas por gênero, sendo, posteriormente, dispostas e comparadas por classes sociais. O objetivo foi o de verificar

se meninos e meninas, de diferentes estratos sociais possuíam ou não ideais e interesses semelhantes.

Apesar de as respostas permitirem a elaboração de análises, deve-se ter em conta que não se chegou a nenhuma “verdade” sobre essas crianças. O questionário é estruturado, mas as questões são abertas a posicionamentos subjetivos. Cada criança responde de acordo com suas estimulações e suas experiências. No muito, esse questionário pôde fornecer ao estudo uma base para se entender o mundo infantil a partir dos ideais e interesses das crianças e, ainda, material para que se fizesse uma comparação entre crianças de períodos e universos distintos.

As quinze respostas foram dispostas, utilizando-se o mesmo procedimento analítico adotado por Antipoff e Campos. Para cada conteúdo de respostas, há tabelas onde se vêem as preferências de meninos e meninas por idade e, ainda, as diferenciações de respostas, por classes sociais.

Após a análise dessas categorias, investigaram-se, também, se os ideais e interesses das crianças montes-clarenses, no início do terceiro milênio, seriam semelhantes aos ideais e interesses das crianças belo-horizontinas pesquisadas em 1993 e 1998, por Campos, procurando-se, ainda, estabelecer uma comparação com os resultados obtidos por Antipoff nas décadas de 20, 30 e 40.

3.2 As entrevistas

A segunda parte desta investigação circunscreve-se ao universo específico de um grupo de seis pessoas que cursavam a 4a. série primária nas décadas de 30 e 40. O objetivo principal, no caso, é o de suprir, nas fontes históricas pesquisadas, a lacuna

de informações documentais que pudessem ilustrar, com necessário grau de significância, os ideais e interesses mantidos pelas crianças naquelas décadas. Assim, na forma de entrevistas, aplicou-se a um universo selecionado de pessoas, com idade entre os 65 a 80 anos de idade, o mesmo questionário encaminhado às crianças que foram inicialmente pesquisadas. Dessa forma, pôde-se conhecer, mesmo que minimamente, o que sonhavam os seis entrevistados, evocando sua infância, e o que idealizavam para suas vidas, quando cursavam a 4a. série primária. As respostas prestam-se a uma análise semelhante à que foi realizada com as respostas das crianças pesquisadas em Montes Claros, lançando luzes, através da fala daqueles interlocutores, sobre aspectos sócio-antropológicos da história recente da cidade..

Para Alves-Mazzotti, ... “a entrevista permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade” (2000:168).

Exatamente pelo que diz Alves-Mazzoti, para se trabalhar com a categoria do imaginário ou com a das lembranças, torna-se necessária a utilização de uma metodologia muito mais refinada do que a usualmente encontrada num simples questionário. No caso, tratou-se de lançar-se mão das entrevistas, isso porque, se o recurso do questionário provoca o estímulo a uma indução e, até mesmo de uma resposta oral, a entrevista permite que o objeto de estudo se revele muito mais profundamente, incorporando complexidades que dificilmente seriam apuradas pelo aspecto muitas vezes burocrático e impessoal do questionário. O tema proposto, nesta investigação, envolve lembranças, emoções e afetos. As entrevistas tornaram-se, assim, significativas, sendo aqui utilizadas em substituição aos questionários costumeiramente adotados por Antipoff, nos anos de 1929, 1934, 1939 e 1944. As perguntas feitas aos

entrevistados são as mesmas utilizadas por Antipoff nos referidos períodos e por Campos em 1993 e 1998.

No presente caso, pretende-se complementar as pesquisas quantitativas com uma abordagem qualitativa. Além de conhecer os ideais e interesses daquelas crianças, pretende-se ainda, conhecer sentimentos, emoções e reações provocadas pelo atendimento ou não desses interesses. Isto é, que resultados a satisfação ou não daqueles ideais e interesses provocaram nessas pessoas? Passados 50, 60 anos ou mais, como essas pessoas lembram a sua infância? O que provocou em suas vidas a realização ou não de alguns sonhos de criança? Terão sido importantes para sua vida adulta os fatos da infância? Esses, dentre outros, foram os principais questionamentos levantados.

Os entrevistados expressaram-se livremente, sem quaisquer condicionamentos ou recomendações anteriores. Vale dizer que, apesar das entrevistas apresentarem questões estruturadas, a forma com que se trabalhou permitiu uma livre enunciação de pensamentos, sentimentos e idéias, o que poderia caracterizar essas entrevistas como quase semi-estruturadas. O estilo foi o da informalidade, procurando-se, durante todo o tempo das entrevistas, manter-se um vínculo aparente e amistoso de confiança entre entrevistadora e entrevistado.

Burgess, comentando sobre entrevistas não estruturadas na pesquisa social, esclarece:

Esta forma de entrevistar foi utilizada por outros cientistas envolvidos em investigação social. Por exemplo, ao discutir a entrevista como uma técnica de investigação social, Sidney e Beatrice Webb viram-na como uma conversa na qual o investigador deveria 'não esquecer que é desejável tornar a entrevista uma coisa agradável para as pessoas entrevistadas. Deveria parecer-lhes uma agradável forma de comunicação social' (Burgess, 1997: 112)

A preocupação, portanto, no caso da pesquisa, principalmente em relação a

peças que se lembrariam de fatos ocorridos há 60, ou 70 anos foi, exatamente, que a entrevista fosse, no geral, um momento agradável, constituindo-se, se possível, num exercício prazeroso para quem ouvia, mas principalmente para quem falava.

Goode e Hatt no livro *Métodos em Pesquisa Social*, analisando a construção do questionário e o problema de respostas que exijam lembranças remotas do passado, comentam:

Quando são perguntadas questões sobre um determinado e distante ponto no tempo, há grande perigo de uma resposta imediata mas não fidedigna. Para evitar isto ou a resposta “não sei”, deve-se ajudar o informante fazendo-o regressar no tempo até a época, por meio de várias questões, cada uma das quais ligando um fato com o outro ainda mais distante (1979:215).

O modo como recrutou-se os entrevistados e como as entrevistas foram realizadas baseou-se nos seguintes critérios: a pessoa possuidora de um perfil adequado aos objetivos da pesquisa era procurada, sendo-lhe explicado o objetivo da investigação e da entrevista. Caso desejassem, seus nomes seriam preservados. Todos os seis entrevistados, sem exceção, quando se inteiraram do que se tratava, concordaram plenamente tanto com a abordagem quanto com a revelação da identidade. Foi facultado, a cada entrevistado, escolher o local e o horário para dar seu relato, colhido através de gravador.

As entrevistas, com exceção, foram realizadas nas residências das próprias pessoas entrevistadas. Em quase todos os casos, os entrevistados estavam acompanhadas de um companheiro ou companheira, o que, de certo modo, favoreceu a fidedignidade dos relatos, pois esses acompanhantes possuíam idêntica faixa etária do entrevistado e interferiram com lembranças ou “correções” interessantes.

Há de se esclarecer, também, que a decisão de se utilizar o recurso da entrevista informal deveu-se, em muito, à espontaneidade que tal recurso provoca. Na

verdade, utilizou-se o método da entrevista mista, onde há questões estruturadas, mas que não são rigidamente enfocadas. Nas palavras de Alves-Mazzoti, alinham-se as seguintes:

De um modo geral as entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas, sem um fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecidos para as perguntas, assemelhando-se muito a uma conversa. Tipicamente, o investigador está interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana (2000:168).

Aquilo com que as pessoas entre 65 e 80 anos de idade, aqui pesquisadas, sonhavam para si foi objeto de comparação, especialmente frente à noção de ideal e de interesse assumidas pelas crianças pesquisadas por Antipoff nas décadas de 20, 30 e 40.

Numa época em que o mundo não era pequeno e instantâneo, graças à globalização de hoje, quais as diferenças entre os interesses e ideais de crianças da capital e crianças do sertão norte-mineiro? Por exemplo, ao se indagar à criança o que ela desejaria ser, quando fosse adulta, quais poderiam ser as aproximações e os distanciamentos entre os segmentos mais recentemente pesquisados? O que esses segmentos, enfim, teriam em termos de traço comum?

Para se obter respostas condizentes com as realidade pesquisada nesses relatos, incentivaram-se as pessoas a um retorno ao próprio passado. Teoricamente, Ecléa Bosi justifica: ...”A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças” (1979:15).

É isso que se pretendeu: motivar as pessoas para que retornassem a lembranças de 70 ou 60 anos atrás, com o risco de que essas lembranças pudessem estar recheadas de “outros” eus. Goethe, citado em Bosi, diz em “Verdade e Poesia”: “Quando queremos lembrar o que aconteceu nos primeiros tempos da infância,

confundimos muitas vezes o que se ouviu dizer aos outros com as próprias lembranças...” (Bosi, 1979:21).

Significa que essas pessoas poderiam confundir seus ideais e interesses com ideais e interesses familiares, grupais ou sociais. Não houve uma preocupação da pesquisa, se as lembranças dos entrevistados eram ou não puras e verdadeiras. Possivelmente, haverá, neste trabalho, a presença dessas interferências, parte das lembranças dos entrevistados, como bem salienta Bosi, ao teorizar sobre a lembrança dos mais velhos.

As categorias a que as respostas foram submetidas e as comparações analíticas subsequentes foram as mesmas utilizadas por Antipoff e Campos e tiveram a sua representatividade expressa em forma de relato de histórias e em termos de porcentagem. (vide relação das categorias, anexas)

As informações foram dispostas segundo sua significância e encadeadas numa ordem lógica, de forma que pudessem ser verificadas as relações que mantêm entre si, expressando os conceitos analíticos do Ideal e Interesse, utilizados para evidenciar a problemática e os objetivos em questão.

Ressalta-se, ainda, que a pesquisa tem a mesma metodologia fundamentada nas práticas de Antipoff e Campos, em que o questionário e as entrevistas, no caso presente, são a base fundamental para a prospecção da realidade investigada, abrindo-se mão de outros recursos metodológicos da investigação científica.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Entrevistas: Relatos de vida

. Do que sentem, de que se lembram, de que falam os adultos entrevistados, como se ainda fossem crianças do sertão

... É tempo de pesquisar no tempo uma estrela nova; um sorriso; de dizer à nuvem: sê uma escultura; e à escultura: sê uma nuvem. É tempo de desejar, tempo de pensar madura e docemente o que pode acontecer (e mesmo que não aconteça, fica desejado... (Carlos Drummond de Andrade).

Para as pessoas que se dispuseram a dar um relato de vida, contribuindo para o conjunto empírico de observações desta pesquisa, foi-lhes solicitado que se sentissem crianças novamente, cursando a 4ª série primária.

Como já se salientou, anteriormente, recorreu-se ao imaginário dessas pessoas, para que, através de evocações, reminiscências ou qualquer tipo de lembrança, como a saudade, por exemplo, pudessem elas responder às questões que Antipoff levantou nas décadas de 30/40.

Instrumentalizou-se, assim, através desses relatos de vida, o conceito de Postic (1933:13), a respeito do “imaginário” na questão pedagógica, na medida em que se buscou “imaginar e evocar seres, colocá-los em determinadas situações, fazê-los viver, libertando-os”, enfatizando, por outro lado, a dimensão da totalidade, integrando

a informação da história local e geral com a análise etnográfica, que busca captar tanto a interação como a distância entre aqueles que falam, frente à escola dos anos 30/40 e sua ambiência social.

As lembranças ou “relembrações” dessas pessoas vão inseri-las numa multiplicidade de espaços e universos de significação, que veiculam éticas diferenciadas, muitas vezes díspares. Assim é que o discurso desses atores é perpassado por redes de relações familiares, de vizinhança, de grupos etários, religiosos, de escola e de trabalho, que informam a construção de sua identidade social. Tal multiplicidade, o trânsito entre diferentes universos simbólicos marcam a coexistência de valores mutuamente contraditórios, uma identidade construída a partir da fragmentação tempo/espaço, ou entre a dicotomia de ser, ou de se “estar” criança.

Bosi (1979:39), ao se referir à memória, como função social determina:

... É o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e dobram-se sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora e esta faculdade de lembrar exige um espírito aberto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora.

Para os propósitos deste trabalho, valem também os versos de Antônio Cícero, o poeta, quando afirma que “guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.”

Os discursos – interrompidos aqui por observações pontuais – foram mantidos, na forma de relatos de vida, o que permite uma visão mais aprofundada sobre as questões relevantes que cercaram esse grupo de crianças montes-clarenses, nas décadas dos 30/40. Esses relatos são apresentados a seguir.

▪ **Dona Geralda**

Nascida em 1921 e hoje com 80 anos, teve pai comerciante e mãe professora. cursou o 4º ano primário em 1932, como aluna de uma escola estadual, ou de um grupo escolar, pertencente à rede pública. Completa a informação, dizendo pertencer à família “Antunes Pinto Coelho”.

Aos onze anos de idade, dona Geralda gostava, mesmo, era de chegar à escola para encontrar-se e conviver com os colegas, principalmente no espaço do recreio: “... Inclusive, a professora, dona Esther, era minha madrinha e gostava muito de mim...”

As aulas de português eram as preferidas; as de matemática, as que menos a atraíam. Tinha noção da importância dessas duas disciplinas na formação escolar das crianças.

“... Geografia e história também eram aulas boas, porque eu gostava de matérias decorativas. Bastava estudar...”

Trauma que marcaria indelévelmente sua infância foi, sem dúvida, a morte da irmã mais velha. Com mais dois irmãos, ficou sendo a única mulher: “... Minha irmã morreu prematuramente, aos nove anos. Eu tinha sete. Eu me lembro que estava na escola e ela morreu em casa. Mandaram me chamar...”

O pai, que também a deixaria cedo, era carinhoso para com ela. Dizia para a menina que, quando crescida, se fizesse farmacêutica.

“... Isso ficou na minha idéia. Não consegui ser farmacêutica devido à precária situação financeira que atingiu a família, depois da morte do meu pai...”

Com a mãe viúva, pobre e passando dificuldades financeiras, dona Geralda se viu obrigada a ajudar nos trabalhos domésticos, perdendo a função plena da infância:

... Sofri muito. Com sete anos já cozinhava porque mamãe ia trabalhar e eu era a única mulher. Nunca gostei dessas atividades domésticas, mas era obrigada a fazer. Eu gostava muito mais de costura, inclusive eu chegava da escola, fazia qualquer coisa das tarefas que me eram reservadas e ia para o salão de costura...

No painel de lembranças, uma certeza: a de que quase não tinha distração nenhuma naquela época, especialmente para as meninas que viviam nas cidades provincianas e roceiras das décadas de 30/40, quando, coletivamente, se hiper valorizavam o rural, as atividades agropecuárias e, principalmente, o sempre determinante comércio, onde as atividades mercantis, da venda, da compra e da troca definiam o perfil histórico de uma cidade marcada pela chegada e pela saída dos trens-de-ferro que interligavam aquele empório, a meio caminho do nordeste e do sudeste brasileiros.

... “Não me lembro do brinquedo preferido, porque acho que eu nem tinha brinquedos direito. Menina pobre e cercada de afazeres, eu nem tinha condições de brincar...”

Mesmo assim, recorda-se: ...“As brincadeiras mais comuns das crianças eram o esconde-esconde, cantigas de roda, essas coisas... e boca-de-forno...”

Dona Geralda explica, então, que boca-de-forno era uma brincadeira de que as crianças gostavam muito. Era uma brincadeira de rua, onde as crianças se reuniam e uma delas, ou um adulto, fazia o papel de “rei” da brincadeira e ia ordenando a todas que fizessem o que ela mandasse. Perguntava-se às crianças: “boca-de-forno?”, e todas respondiam: “forno!”, “farão tudo que seu rei mandar?”, “faremos todos!”, “vão então até aquela árvore e me tragam uma folha dela!”. E assim por diante, a brincadeira

continuava, sempre com o “rei” ordenando outras atividades. Quem não cumprisse a ordem pagava uma prenda.

Contrariando o costume da época, gostou de ler, principalmente romances, hábito adquirido na infância: ... “O que eu mais gostei foi o primeiro romance que li e que se chamava - *Elvira, a morta-virgem* – esse ficou gravado , porque foi o melhor romance que li na minha vida...”

Ao explicar porque esse foi o livro de que mais gostou, Dona Geralda recorda que o romance tinha como personagem principal, Elvira, uma menina-moça muito boa, obediente, virgem e amiga dos pais. Elvira sofria muito por causa de um namoro que os pais não queriam. O namorado de Elvira, chamado Amâncio, era um pobre rapaz, daí a rejeição dos pais. Elvira, como boa filha que era, não quis contrariá-los e, a partir daí, nunca mais quis outro namorado e morreu de tristeza. O título da obra – *Elvira, a morta-virgem* – sugere exatamente isso: uma menina que morre de amor e que não se entrega a mais ninguém.

Dona Geralda também teve um namorado que a família rejeitava, mas ela, diferentemente da Elvira do romance, enfrentou os opositores e se casou com aquele que havia escolhido.

Quando criança, queria se parecer com a professora, a quem admirava, por ser uma pessoa muito especial e inteligente. Gostava dela. Em termos de espelho, era o seu grande ideal.

A professora era enérgica, mas indisfarçavelmente carinhosa: ... “No carnaval, minha professora fantasiava a gente e fazia os blocos que saíam às ruas. Uns eram fantasiados de pintinhos, outros de coelhos e ela desfilava nas ruas, junto com a gente. Era uma maravilha...”

Com quem não gostaria de se parecer depois de crescida, dona Geralda não se lembra especificamente de alguém. Contudo recorda: ... “Lembro de uns tios que eu rejeitava, não gostava mesmo, porque eram muito ruins para minha mãe. Eu não queria ser igual a eles, porque eram maus...”

A mágoa trazida da infância é explicável. Ao ficar viúva, aos 27 anos, a mãe passou a usufruir de uma situação financeira confortável, deixada pelo pai que era proprietário rural na vizinha cidade de Brasília de Minas. A família da mãe, todavia, buscou a viúva e os órfãos, dilapidando, rapidamente, tudo que tinham, o que os obrigou a trabalhar duramente.

O presente sempre sonhado pela menina: uma boneca que nunca conseguiu ganhar.

O diretor da escola se fazia conhecido como professor Norton. Pessoa amável, que, certamente entendia e acolhia aquela aluna que só não era mais estudiosa porque, como uma espécie de dona de casa precoce, faltava-lhe tempo para dedicar-se melhor às atividades escolares: ... “Só estudava mesmo para as provas. Inclusive, tínhamos prova oral...”

Lembra-se de que as dificuldades eram tão grandes que nem ousava sonhar com dinheiro, mas, se o obtivesse, numa remotíssima hipótese, queria, de todo coração, ajudar a família, especialmente a mãe.

Devido a tais dificuldades, não conseguiu satisfazer o desejo do pai, que a queria farmacêutica, já que, na época, para isso, teria que complementar seus estudos fora de Montes Claros:

... Não estudei mais, fiz só até o 2º ano da Escola Normal. Logo dei de me casar. Casei com 17 anos. Na verdade, casei mais por implicância. Tinha um irmão que não simpatizava muito com meu namorado e eu briguei, até conseguir me casar com meu marido, que era dez anos mais velho que eu ...

Hoje, dona Geralda vê o mundo do alto dos seus 80 anos. Considera que a televisão mudou o mundo, dificultando, principalmente, a criação dos filhos. Para ela, no mundo de antigamente, não existia tanta violência.

Apesar do sofrimento decorrente da morte do pai e das dificuldades por que passou na infância, dona Geralda olha para trás e afirma, serenamente, que foi uma criança feliz: ... “Sempre sonhei muito. Eu era e ainda sou uma pessoa muito romântica...”

▪ Seu Rodolfo

Nascido em 1928, na pequenina e lendária cidade de São João da Ponte, em pleno sertão norte-mineiro, seu Rodolfo, aos 73 anos, vai relembrar aqui, fragmentos de sua infância.

De família pobre, feita de oito filhos, sendo ele o mais velho dos irmãos, seu Rodolfo viu-se obrigado a sair da terra natal para iniciar seus estudos: fez 2º e 3º anos primários na cidade de Brasília de Minas, onde o pai, que era escrivão e o único a trabalhar para o sustento da família, vislumbrava melhores oportunidades para o filho.

Em 1942, chega a Montes Claros, a maior cidade da região, para morar com um tio e cursar o quarto ano primário no Colégio Imaculada Conceição:

... Quando vi Montes Claros pela primeira vez, fiquei encantado. Era uma cidade linda, movimentada, uma capital para quem vinha de lugares como Brasília de Minas e São João da Ponte. Aos sábados, havia o movimento: as pessoas iam vender e comprar no Mercado. Eu ia com a minha tia, para ajudar. As poucas ruas que eram calçadas, eram cobertas por umas pedras grandes. No mais, tudo rua de terra ...

No Colégio Imaculada Conceição, mantido por freiras européias e aberto ao estudo das moças que se encaminhavam ao magistério, e que mantinha, também, o curso fundamental em regime misto, seu Rodolfo cursou a 4ª série primária com “uma

professora muito boa de nome Irmã Heloína”. ... “Na minha turma tinha de homem eu e mais três, o resto era tudo moça [...] O primário, naquela época, era equivalente quase ao ginásio de hoje. Eu aprendi mais foi no primário...”

Na escola, matemática sempre foi a aula preferida. Catecismo, nunca gostou:

... Todos os dias, a primeira aula era de catecismo. Como a professora sabia que eu não gostava, sempre me deixava por último, na hora de responder as perguntas. Só depois que os outros colegas já haviam respondido tudo é que ela me dirigia algumas perguntas: claro que eu acertava [...] Mesmo assim, sempre fui o 1º aluno da classe...

Uma lembrança que ficou, foi o recreio na escola. Gostava muito. Sentia-se acalentado porque, nessa hora, recebia pão com manteiga que a família lhe mandava: ... “Eu gostava demais da escola. A gente tinha prazer em ir para a aula. Estudava com afinco mesmo [...] Eu estudava à tarde. Pela manhã, a primeira coisa que fazia, depois do café, era o dever de casa. Depois, podia brincar...”

Em casa, ajudava a tia que fabricava colchões de capim para vender. Era o menino que carregava as encomendas, na cabeça, na hora das entregas. Também foi entregador de jornais: após as aulas, ia à estação ferroviária receber os pacotes do ‘Estado de Minas’ para que fossem distribuídos na cidade.

Assumi responsabilidades precocemente. Inclusive a de se manter com o pouco dinheiro que recebia do pai e que o menino suplementava com a entrega de jornais.

Seu Rodolfo não se recorda de um livro, ou de uma história escrita que tenham-lhe marcado a infância. Para ele, esse tipo de leitura não era incentivada na escola, e, se fosse ele não teria interesse, com tanto rio para tomar banho, com tanto cavalo para montar e domar, com tantas frutas nas árvores, com tanta bola para se jogar,

com tamanha liberdade e espaço que Montes Claros oferecia, naquela época, para os meninos do sertão.

Com quem seu Rodolfo gostaria de parecer, quando cursava a 4ª série primária? Ele próprio responde:

... Com um tio que nem cheguei a conhecer, pois quando cheguei a este mundo, ele já havia falecido. Deram-me o nome de Rodolfo, em sua homenagem. Ele era idolatrado pela família e eu também passei a admirá-lo, pelas histórias que ouvia, pelo que as pessoas diziam: um Juiz de Direito muito respeitado. Sempre me espelhei nessa imagem. E, também, porque diziam ser um homem honesto e importante (...) Tinha uma aura de poder ...

Em sentido contrário, não gostaria de se parecer com alguns “coronéis” que reinavam naquela época em Montes Claros. Os “coronéis” mandavam matar pessoas, dizia-se que eram homens malvados.

A morte do pai, quando tinha 16 anos, é um divisor de águas: começa a trabalhar para sustentar a mãe e os sete irmãos e deixa de lado o sonho de se tornar Juiz de Direito, por impossibilidade financeira para custear outros estudos.

Nutre, então, por alguns anos, a esperança de se tornar fazendeiro, mas acaba mesmo se tornando bancário, profissão na qual se aposentaria, após 36 anos de serviços prestados.

Recorda-se, ainda, que antes da morte do pai, não havia a tradição de se comemorar aniversários. Os presentes, raros, só os ganhava, quando o pai, ou algum parente abastado, chegavam de viagem: ... “Sempre queria ganhar uma bola, o presente que mais agradava a meninada...”

Se tivesse muito dinheiro, na época, certamente iria ajudar a família, mãe e irmãos desprotegidos e carentes; depois compraria algumas “coisinhas” para si.

Uma lembrança recorrente está nas matinês dos domingos. As crianças ficavam alucinadas de curiosidade, porque os filmes eram passados em capítulos, seriados. Filmes como os de Zorro e de Tarzan. Fora os faroestes que eram interrompidos para o desespero da platéia, justamente quando o trem-de-ferro estava para passar por cima do corpo da mocinha, amarrada nos trilhos pelos índios, ou pelos vilões mascarados da história.

Lembra-se, com saudade, do Cine Montes Claros e do Cine São Luiz, que não mais existem.

Apesar da pobreza extrema, seu Rodolfo garante: teve uma infância feliz.

▪ **Dona Vanda**

Nascida em 1929, em lugarejo próximo a Montes Claros, dona Vanda olha, hoje, o mundo com os seus olhos de 72 anos. O pai, fazendeiro e proprietário de loja de comércio, exercia também a militância política, como líder do tradicionalíssimo PSD da velha época dos “coronéis” de terras. Líder político, apesar de nunca se candidatar a cargos eletivos. A mãe cuidava da casa e se notabilizava pela caridade constante que a transformava, assim, numa espécie de “mãe dos pobres”.

Para prosseguir nos estudos, dona Vanda chega a Montes Claros para cursar o 4º ano primário no imponente Grupo Escolar Gonçalves Chaves, transferindo-se, no segundo semestre, para o Colégio Imaculada Conceição, onde seria aluna de uma professora notável, a Irmã Heloína.

A menina do interior morava na casa de dona Nair Andrade, que mantinha uma espécie de pensionato para moças na cidade grande, a maior da região, que era a Montes Claros dos anos 40: ... “Chegava em casa, descansava um pouco, depois ia

ajudar nos serviços domésticos: eu própria lavava minhas roupas, arrumava meu quarto e cuidava das minhas coisas; olha que eu só tinha onze anos de idade...”

Na escola, dona Vanda gostava das aulas de português, mas tinha dificuldades com a matemática. O que apreciava, de verdade: o recreio e as aulas de arte, onde, junto com colegas e a professora preparavam, com esmero, os programas das festas.

Brincava de jogar peteca e dominó, fora outras distrações infantis que já não existem mais. Lembra-se que se divertia muito, brincando de casinha, onde inventava “comidinhas” para as bonecas, que era o presente de aniversário preferido.

Branca de Neve e os 7 Anões foi o livro que marcou sua infância. As leituras, posteriormente, transformavam-se em representações teatrais para os colegas”.

... “Eu queria ser igual a filha da dona da casa em que morava, porque ela tocava piano. Era lindo...”

Mas não queria se parecer com uma determinada colega de escola que fazia questão de se mostrar melhor que as outras, cheia de palavras, querendo “aparecer”.

Mais que pianista, sonhava ser professora: ... “Querida ser professora porque meu ideal era ser uma espécie de mãe para as crianças, cuidar delas, ensinar, como via as professoras fazerem com a gente...”

E queria, também, ser catequista:

... Sonhava em ganhar um livro de catecismo, para ir lá na Matriz de Nossa Senhora e São José dar umas aulinhas para as crianças [...] Falei desse sonho para a mulher que cozinhava na casa onde morava e ela disse que eu jamais ganharia isso não. Um dia, essa mulher chegou perto de mim e disse: - “Nossa Senhora escutou você e atendeu seu pedido. Mandou esse livro de catecismo que você tanto queria ...”

Se tivesse muito dinheiro naquela época, ajudaria as crianças pobres. Acha que herdou a caridade da mãe, porque sempre se viu, mesmo naquela época de pouco dinheiro, comprando mimos, “coisinhas”, para agradar crianças carentes.

Lembra-se do pai com saudade. Era uma pessoa compreensiva e carinhosa, que tirava retratos da menina na época das férias:

... Um dia cheguei em casa toda entusiasmada para fazer uns desenhos e a nossa loja era forrada de pano. Tinha um quarto, onde eu dormia, que era uma espécie de depósito de colchões da loja. Naquele tempo não havia luz elétrica e eu pus a lamparina debaixo da manga de um paletó do meu pai que estava pendurado e comecei a desenhar, desenhar, com o maior entusiasmo. Quando vi foi o fogo, que havia entrado pela manga do paletó e que se alastrou pela loja, Eu clamava: - ‘Me perdoa, meu pai!...’, e ele respondia: - ‘Calma, filhinha, não foi culpa sua, isso aconteceu, porque tinha que acontecer ...

Hoje, dona Vanda se diz realizada. Aposentada e viúva, afirma ter alcançado seus principais sonhos da infância. Foi professora e foi catequista a vida inteira, criando filhos e netos.

Relembra, saudosa, as dificuldades suplantadas: ... “Naquele tempo, tudo era difícil. Só para que se tenha idéia, para voltar para a casa dos meus pais, nas férias, a gente gastava dois dias de viagem. A gente, acredite, ia a cavalo...”

▪ **Doutor Vilson**

Nono filho entre dezessete irmãos, o doutor Vilson tem, hoje, 73 anos. O pai, político importante, era prefeito da vizinha cidade de Coração de Jesus, onde a família residia.

A vida da mãe, dona de casa, resumia-se às tarefas domésticas e à criação dos filhos numerosos. Ele se lembra: ... “Fui criado numa família abastada, e, como um dos mais novos, sempre me vi pressionado pelos irmãos mais velhos...”

Lembra-se mais: como a mãe tinha limitações de saúde, foi praticamente criado por uma irmã mais velha, que lhe conferia “proteção especial”. Se não teve a figura materna mais presente, ou mais perto de si, pelo menos teve muitos irmãos para cuidar-lhe. Talvez, por isso, tenha sido escolarizado desde tenra idade.

Cursou a 4ª série primária em 1938, numa escola pública. A professora, dona Zezé Queiroz acompanhou-lhe os passos nas quatro primeiras séries escolares.

Não pensava muito em dinheiro, porque sempre teve o que quis. Na escola, como a maioria das crianças, gostava mesmo era do recreio. Apesar disso, apreciava todas as aulas, indistintamente.

Não se lembra de nenhum livro em especial:

... Não se conhecia esses livros de historinhas, não. A gente lia muito era os livros didáticos. Tínhamos até horário de leitura. Cada aluno pegava o seu livro e começava a ler. Lia um pedaço e a professora mandava outro continuar. Isso era todo ...

Em casa, tinha como atividade preferida escutar a conversa dos mais velhos. Era considerado, já aos dez anos de idade, “o emancipado”: ... “Eu me lembro, que bem menino, de calças curtas, ficava nas esquinas, onde os velhos gostavam se sentar para conversar, interessado em tudo que eles diziam... Aquela era minha distração preferida...”

Doutor Vilson relembra fatos que mostram essa sua precocidade:

... Ainda rapazote, morando numa república, eu fazia as refeições na casa de Dr. João Luiz de Almeida e logo fiz datilografia e comecei a ajudá-lo no escritório, datilografando processos. [...] Nessa época ele era responsável por um processo monumental que foi daqueles criminosos envolvidos no caso de dona Tiburtina. [...] Eu fui criado assim [...] com muitas responsabilidades.

Quanto aos brinquedos, recorda-se: ... “Eu era muito gordo e não tinha habilidade para jogos. O que eu gostava mesmo era de tomar banho no rio, jogar

pedrinhas, essas coisas...”

Os maiores amigos eram crianças de origem mais humilde, mas não tem dúvida de que sempre se espelhou nas pessoas mais velhas. Os ídolos que tinha resumiam-se às pessoas importantes que conhecia, aos proeminentes senhores da cidade. Não tinha um, específico, talvez, o pai:

... Meu pai foi meu grande ídolo, mas era um ídolo distante, quase inatingível. Ele lá, como prefeito da cidade, eu, cá embaixo, uma criança dentre tantas outras... O relacionamento era pouquíssimo. [...] Me lembro que eu ia lá na prefeitura, no final do expediente e ficava sentadinho numa cadeira olhando ele trabalhar ...

Não se lembra de ter tido um desejo específico de profissão para quando crescesse. A esse respeito, doutor Vilson diz: ... “Me formei em Direito, na UnB, mas não foi um sonho acalentado desde criança. Eu era muito eclético. [...] Queria ser como qualquer uma daquelas pessoas mais velhas que eu conhecia. Admirava a todas...”

Talvez, amadurecido precocemente por aquelas circunstâncias, não se lembra de querer parecer-se com ninguém, especificamente.

Doutor Vilson dá a entender nas entrelinhas de sua história: talvez fosse um pobre menino rico do sertão...

▪ **Dona Bernadete**

Nascida em Montes Claros, em 1928, filha de pai comerciante, dono de farmácia e de mãe zelosa, dona de casa.

Cursou a 4ª série primária no Colégio Imaculada Conceição, onde tinha Ciências como aula preferida e Desenho, como atividade de que menos gostava.

... Ciências Físicas e Biológicas tiveram minha preferência, até hoje. Não gostava de desenho, achava uma atividade monótona. [...] Comecei o curso primário no grupo escolar, mas, na 4ª série me transferiram para o Colégio Imaculada Conceição, escola particular, achando que era melhor. Não era ...

Dona Bernadete, saudosa, rememora aquele tempo:

... O ensino era muito bom, de qualquer forma. Tínhamos aulas de Religião, era um ambiente alegre, de harmonia. No recreio – como sempre fui uma pessoa dinâmica, esportiva – gostava mesmo era de jogar bola, era craque no vôlei.

E as lembranças continuam: ... “As aulas eram sempre assim: uma só professora para todas as matérias, não tinha essa troca de especialista em matéria, como se tem hoje. (...) A gente cantava o Hino Nacional todos os dias, e eu achava excelente.”

Se dependesse de estímulos, poderia ter mudado radicalmente o rumo de sua vida, que seria monástica: ... “A minha professora achava que eu era muito dinâmica e queria que eu fosse freira... sabe? Ela falava, mas eu, nunca que seria freira. Eu gosto da vida. De viver a vida...”

Naqueles tempos, em casa, preferia arrumar seu quarto, ouvir músicas e praticar uma atividade que, de certa forma, marcou sua vida, a arte culinária. Sempre que chegava em casa, a mãe estava preparando pratos especiais e ela, muito interessada, logo aprendia também: ... “Mamãe gostava de fazer biscoitos, essas coisas, sabe?, esses pudins... Passei a vida inteira experimentando receitas... Acho que me aperfeiçoei...”

Desde pequena gostava de esportes e a brincadeira preferida era o vôlei. Amava a bola. Mas não se esquecia das bonecas e nem de ler, especialmente se o livro fosse um bom romance.

Quando grande, gostaria de parecer-se com uma artista, não uma especificamente, achava-as, todas, bonitas, inclusive se lembra de que, quando moça, mandou fazer um vestido igualzinho ao de uma artista. Copiou tudo de uma revista, roupa, penteado, tudo... Não tinha ninguém com quem não quisesse se parecer: “sempre gostei de todas as pessoas”.

Quanto às leituras escolares, constata: ... “Tinha um livrinho onde a gente aprendia muito, acompanhava as coisas, sabe? Era assim... uma coisa mais prática, não tinha esse tanto de livro, como as crianças de hoje, que nem agüentam carregar as mochilas, de tanto livro...”

Vestido era o presente que sempre queria ganhar. Apesar de se espelhar muito nas artistas e de querer ser como elas, esse não foi propriamente o seu sonho profissional, pois desde pequena, acalentou o desejo de ser farmacêutica. Talvez, por admirar o pai e esse ser o ramo de negócios dele: ... “Papai lutava muito, tentando arranjar um farmacêutico para “dar nome” à farmácia. Uma pessoa que continuasse os negócios da família. Pôs tanto isso na minha cabeça que terminei fazendo Farmácia. Fiz, e gostei...”

Quando criança, se tivesse muito dinheiro, gostaria de viajar, conhecer o mundo: ... “Papai viajava muito, até para o exterior, trazia fotos lindas, como as de Jerusalém... Ficava encantada e desejava muito conhecer outros lugares...”

A Montes Claros dos anos 30/40 está presente e viva na lembrança de dona Bernadete:

...Era uma vida maravilhosa! Pacata, mas uma vida de brinquedos, de folguedos. Na rua, à noite, eu me lembro, a gente brincava de queimada... aqueles 31 de dezembro!... As ruas, sem asfalto... Era tudo diferente, muito diferente, mas, não sei porque: acho que o povo era mais feliz ...

Da infância, guarda o gosto pela arte culinária, que sempre a descansou e chegou mesmo a dar muitos cursos e a publicar um livro de receitas. Dona Bernadete, a pessoa e a farmacêutica em que se transformou, cinquenta anos depois, é uma figura, aparentemente, bem resolvida: ... “Sempre tive uma vida muito boa. É bom estar relembando essas coisas, mas eu costumo dizer que o que passou, passou... Não sou de ficar sofrendo pelo que já não existe mais. (...) Mas sonhar é muito bom.”

▪ **Dona Maria Melo**

Dona Maria passou a ter consciência da vida aos 7 anos de idade, quando se viu sem a mãe. Nascida em 1929, fez o 4º ano primário em 1940 no Colégio Imaculada Conceição.

... “A situação de minha família era equilibrada e eu pude estudar numa escola particular.”

Com a morte da mãe, a irmã mais velha assume a educação dos irmãos. Era mais enérgica e rigorosa do que a mãe. Dona Maria lembra que era muito querida por uma tia e também pelo pai, de quem fala com muito carinho:

... Meu pai era caixeiro-viajante e era muito rigoroso. Tinha horário para tudo e quando viajava, minha irmã fazia as vezes dele. [...] Minha relação com o meu pai era muito boa. Ele era muito carinhoso comigo. Eu sentava no colo dele, beijava, abraçava. As minhas irmãs, não ...

Era a quarta filha de uma família de seis irmãos. Ela e as irmãs mais novas eram muito unidas.

Sempre gostou muito de esportes e na escola o recreio era o momento mais esperado, pois podia fazer aquilo de que mais gostava. Diz ela: ... “Ah! Uma coisa que me influenciou muito foi o esporte. A gente nadava, jogava vôlei... na Praça de Esportes e também no colégio, na hora do recreio...”

Em casa, as atividades não eram propriamente uma preferência, mas uma obrigação. Relembra dona Maria: ... “Lá em casa, todo mundo tinha uma obrigação, sabe? Era ou varrer o quintal, ou arrumar a cozinha do almoço, ou arrumar o quarto, as gavetas... cada um tinha uma obrigação. Depois ia fazer o dever...”

A matéria preferida na escola era o português, mas se lembra que adorava, também, aula de canto.

Em suas recordações, diz: ... “Eu gostava de todas as aulas, não tinha nenhuma que eu não gostasse, mas a preferida era a aula de português. Eu gostava muito de escrever, tinha até artigo publicado no jornalzinho do colégio.”

Brinquedos não tinha muitos, mas as brincadeiras eram tantas, que dona Maria lembra com saudades:

... Todo mundo trabalhava, mas todo mundo brincava. À noite a gente fazia aquela roda na rua que tomava conta do quarteirão todinho; subia num pé de araçá que havia no quintal, ia nos ninhos das galinhas tomar ovo... Era muito bom... [...] Brincar de casinha, fazer comidinha era, talvez, a brincadeira preferida ...

Dona Maria gostava muito de ler, não por incentivo da escola e, sim, por influência da irmã mais velha. Nas suas palavras:

... Naquele tempo a gente usava... o que a gente lia era o almanaque “Tico-Tico”. Era uma publicação, se não me engano, anual. [...] Mas a leitura que encantou a minha infância foram os livros de Monteiro Lobato... Reiações de Narizinho! Toda a coleção a gente tinha lá em casa. Mas não era indicação da escola, eu gostava de ler por causa da minha irmã. Minha irmã adorava ler, ela buscava leitura, sabe? E ela botava a gente pra ler...

Ainda nas lembranças de dona Maria: ... “A mãe de doutor Mário e doutor Darcy Ribeiro era vizinha nossa e ela e minha irmã trocavam livros. [...] A gente ia sempre na casa de madrinha Fininha (a gente chamava ela de madrinha), para entregar um livro e pegar um outro...”

Quando questionada sobre os modelos de sua infância, com quem se queria parecer ou não, dona Maria responde: ... “Não tenho lembrança de que queria me parecer com alguém... Uma pessoa que eu admirava e gostava muito era uma tia, que me influenciou muito, me passou muita coisa boa. [...] Não havia ninguém com quem eu não quisesse me parecer...”

Ainda bem menina, o pai pôs em sua cabeça que ela deveria ser contadora. Na verdade, dona Maria não pensava em ser nada, queria mesmo era se casar e ter filhos. Mas terminou sendo contadora. Também se casou e teve filhos.

O dia do aniversário era sempre um dia triste. Por quê? Ela mesma diz:

... No dia do meu aniversário... Ah! Meu aniversário é um caso à parte. Deve ser um trauma, porque eu faço aniversário dois dias depois do natal... Aí, você já viu... Eu sempre chorava no dia do meu aniversário, não sei porque, as pessoas me cumprimentavam, mas eu não gostava.

O brinquedo preferido e desejado era uma bicicleta, mas o pai não achava que fosse um brinquedo próprio para uma menina. Ela então andava na bicicleta do primo, escondida do pai.

Como tinha uma casa própria, dona Maria não preocupava muito com o dinheiro, mas lembra que tinha muita vontade de ajudar uma empregada de sua casa que era sua madrinha e tinha uma vida muito difícil. Se ganhasse muito dinheiro, com certeza seria esse o uso principal que faria dele.

De todas as lembranças, talvez a mais forte seja a do sofrimento da mãe: ... “Minha mãe foi uma pessoa muito sofrida, muito depressiva. [...] Mas fui uma criança muito feliz e até hoje me sinto assim.”

4.2 Análise das respostas dos adultos ao relembrar a infância

Analisar as respostas que os entrevistados adultos deram sobre recordações de sua infância, é procedimento subjetivo, já que passados sessenta ou setenta anos, as lembranças se misturam à saudade e os fatos acontecidos tomam dimensões às vezes exageradas. Um entrevistador ou entrevistadora deve relativizar a fala dos entrevistados

e ter claro em suas deduções que recordações são sempre modificadas pelas emoções que trazem.

Esta análise acompanhará a mesma seqüência das questões e, em cada uma, serão feitas comparações, às vezes, com as crianças de Antipoff e, às vezes, com as crianças de agora.

Quando perguntadas sobre a atividade preferida na escola, os seis adultos apontaram o recreio. Nas pesquisas feitas por Antipoff, as crianças identificaram aula com atividade. Nesta pesquisa/entrevista, tal não ocorre, já que a entrevista abre espaço para se fornecer explicação sobre as questões. Todos os entrevistados confessaram que o recreio teria sido o momento escolar mais esperado, seja pelas brincadeiras, pela merenda ou, simplesmente, porque podiam estar mais à vontade com os companheiros.

Na pesquisa de Antipoff, para as crianças, aula e atividade seriam momentos indiferenciados:

Reverendo as pesquisas anteriores onde a questão foi formulada “Qual a aula de que mais gosta na escola?”, podemos observar ser a idéia de aula a que dominou na escolha feita. São as atuais respostas dadas, as que mais se assemelham às anteriores. Tratando-se de trabalho preferido, as divergências são acentuadas. Desde a primeira pesquisa, realizada em 1929, foi sempre a de Aritmética a aula preferida, quer por meninos, quer por meninas (Lustosa, 1951:154)

Ao se falar de aula preferida, três, dentre quatro das adultas entrevistadas disseram ter preferência pelas aulas de português; uma preferiu as aulas de ciências. Um adulto disse gostar mais de aritmética e o outro diz não ter preferência, por gostar de todas as aulas.

Nas pesquisas de Antipoff, as meninas sempre apontaram uma preferência pelo Português maior que os meninos, mas Aritmética sempre foi a aula preferida por todos, meninos e meninas. A segunda preferência dos meninos foi sempre a Geografia

e a das meninas Língua Pátria, estando esta em terceiro lugar entre os meninos. História ocupa o terceiro lugar entre as meninas.

Pelo que se percebe, inclusive pelos questionários aplicados nas escolas, a aula preferida tem uma certa ligação com os professores. Cita-se como exemplo o seguinte fato: as crianças de uma determinada escola (quase em sua totalidade) apontaram como aula indesejada Geografia/História (veja-se tabela nº III). Tanto meninos como meninas, classificados em 'B' apontaram essa rejeição. O fato chama a atenção, pois em conversa com as crianças, percebeu-se que a rejeição era pela professora. Vários estudiosos dos interesses infantis afirmam que importa muito pouco o que se está ensinando à criança, enquanto quem e como o está fazendo tem um enorme poder. Vale dizer, a matéria não interessa muito, o que realmente conta para a criança, é o professor. Se for amado, qualquer conteúdo será bem-vindo.

No caso das entrevistas, 50% dos adultos entrevistados escolheram Português como aula preferida e nenhuma dessas "crianças" escolheu aquela disciplina como aula indesejada. Como a maioria dessas "crianças" estudou na mesma escola e com a mesma professora, é possível que ela tenha investido mais "energia" nessa matéria, passando sua predileção, ou seu amor por aquela disciplina, através de suas ações.

Queirós (1995:75), faz o seguinte comentário: "Antônio, como os outros meninos, não se importava em saber muito. Todos gostavam de saber mais para agradar a professora."

Ainda na fala de Queirós (1995:79), vê-se essa postura: "Sempre Antônio chegava mais cedo à escola. Assim, ajudava a encher o pote de água, a varrer a sala, a

limpar a poeira das mesas. Era preciso tudo muito asseado para receber as idéias novas de Dona Aurora, pensava o menino.”

A relação professor-aluno é importante no atendimento aos interesses das crianças e matéria preferida pode ter muito a ver com os próprios interesses da professora.

Para Freud, o problema da transferência, presente na relação analista-analisando, é um fenômeno que acontece também na relação professor-aluno. Kupfer (1992:88), comenta: “Assim, um professor pode tornar-se a figura a quem serão endereçados os interesses de seu aluno porque é objeto de uma transferência.”

No prefácio da obra citada, Souza relata:

... O aluno transfere para o professor os sentimentos carinhosos ou agressivos da sua relação com os pais. Conscientemente ou não, o professor utiliza a ascendência que assim adquire sobre o aluno, para transmitir ensinamentos, valores, inquietações. Pois não é verdade que os professores de quem mais recordamos, com quem mais aprendemos, são aqueles que melhor nos seduziram? Na escola como na vida, nós aprendemos por amor a alguém (Grifo meu).

Percebe-se, assim, a importância do professor na vida dos alunos. Um professor ou professora que saibam “seduzir” seus alunos, podem até aliviar, muitas vezes, o peso de uma relação familiar inadequada.

Entre as crianças pesquisadas por Antipoff e as entrevistadas na presente pesquisa, o diferencial foi que, enquanto o primeiro grupo teve uma só professora durante as quatro primeiras séries primárias, o segundo grupo, vivendo uma realidade escolar diferente, tem hoje, desde a 1ª série do 1º grau, um professor, ou professora, para cada matéria.

O segundo questionamento procura conhecer as atividades preferidas em casa, de acordo com as respostas colhidas junto àquelas crianças. A primeira evidência

revela a realidade vivida por aquelas pessoas nas décadas de 30/40. Todas relatam, em suas lembranças, que tinham obrigações e que após realizar tais obrigações (geralmente serviços domésticos), é que realmente podiam se dedicar às atividades preferidas.

Uma menina (16,7%) prefere costura, e, segundo seu relato: “Nunca gostei dessas atividades domésticas, mas era obrigada a fazer. Eu gostava muito mais de costura. Inclusive eu chegava da escola, fazia qualquer coisa das tarefas que me eram reservadas e ia para o salão de costura”. Um menino gosta de jogar futebol, duas meninas (33,3%) gostam de brincar (brincadeiras de rua), um menino (16,7%) tem como atividade preferida ficar ouvindo conversa dos adultos e uma menina (16,7%) prefere jogar vôlei.

As crianças pesquisadas por Antipoff apontam como atividade preferida os trabalhos domésticos (entre as meninas) e o estudo (entre os meninos). Os adultos entrevistados nesta pesquisa confessam realizar atividades domésticas, mas reconhecem a falta da dimensão do prazer naquelas atividades.

Uma realidade unânime verificada é a questão do trabalho infantil. Há, na mídia eletrônica e jornalística, denúncias de crianças que não freqüentam escola e que trabalham em serviços totalmente inadequados. Inaiá M. M. de Carvalho, em obra intitulada “Direitos Legais e Direitos Efetivos”, faz análise da situação, ao mencionar as oportunidades educacionais das famílias de baixa renda:

... milhões de crianças e jovens enfrentam a imperiosa necessidade de contribuir para o orçamento familiar, ou mesmo de assegurar a própria subsistência, ingressando precocemente no mercado de trabalho, em situação de enorme desvantagem. Fragilizados e indefesos são obrigados a reprimir energias, sentimentos e comportamentos que caracterizam a infância e a juventude nas sociedades modernas, e que no Brasil são privilégio das classes sociais mais abastadas (Carvalho, 1995 p. 128).

As crianças das famílias pobres necessitam trabalhar e ainda hoje trabalham para ajudar no sustento da família.

O que se observa, através das entrevistas feitas com os adultos, é que, ao relembrem a infância, admitem, de forma unânime, serem obrigados ao trabalho doméstico. O trabalho que as crianças das classes sociais mais abastadas da década de 30 e 40 realizavam, não pode ser comparado ao trabalho realizado pelas crianças das classes proletárias de então e de hoje. Há evidências, porém, de que há pais que não só justificam, como também aceitam e até incentivam o trabalho dos filhos:

... na ótica dos pais, aquela ocupação igualmente representava uma forma de colocar os filhos no “bom caminho”, desenvolvendo a disciplina, a responsabilidade e a ética do trabalho, preservando-os dos riscos da “ociosidade”, da “permanência nas ruas”, das “más companhias” e da delinquência (Ibidem, ibidem).

Adultos que participaram desta entrevista dizem que trabalhavam por necessidade, outros porque tinham prazer em ajudar em casa e outros, ainda, como D. Maria Melo, dizem que o trabalho era uma obrigação: “Lá em casa, todo mundo tinha uma obrigação, sabe? Era ou varrer o quintal, ou arrumar a cozinha do almoço, ou arrumar o quarto, as gavetas... cada um tinha uma obrigação. Depois ia fazer o dever...” Pode-se inferir, por esse depoimento e outros, que a criança trabalhava não propriamente por uma necessidade financeira mas, sim, por uma metodologia educacional.

As atividades domésticas eram realmente as mais realizadas pelas crianças. Seriam, de fato, as preferidas? Segundo as entrevistas, não. Principalmente porque o fato de ajudar no trabalho doméstico, confinadas em casa, devia ser mesmo insuportável para crianças sadias como elas, possuidoras de rios, lagos, quintais, ruas desertas, árvores próprias para se subir e ladeiras ideais para se descer, onde praticavam,

provincianamente, todos os folguedos que lhes podia oferecer a pacata cidade de Montes Claros.

Quanto ao quesito estudos, pôde-se perceber, pela fala dos entrevistados, que o estudo, naquela época, era atividade minimamente “desejada” ou incentivada. As crianças cumpriam seu dever, faziam suas tarefas, e o estudo reduzia-se a isso.

Pela descrição de autores citados nessa dissertação, percebe-se uma grande diferenciação sócio-cultural entre a metrópole e a cidade do interior, nas décadas de 30 e 40. Segundo relato dos entrevistados que viveram em Montes Claros naquela época, não havia, naquele universo, bibliotecas e nem incentivo à leitura. As escolas eram poucas e só uma minoria tinha acesso a elas. De certa forma, depreende-se que as “crianças” entrevistadas para este trabalho eram privilegiadas naquele contexto social, porque, diferentemente da maioria das crianças do sertão, podiam ter acesso à escola e a freqüentavam.

O que restava àquelas crianças? Ajudar a família nas atividades domésticas e brincar, segundo relatam.

Nessa questão, relacionada a brinquedos/brincadeiras, as crianças pesquisadas por Antipoff citam principalmente brincadeiras com bola (meninos) e jogos de destreza e força – corda, pique, peteca (meninas). Tais brincadeiras ocuparam o primeiro lugar na preferência das crianças desde 1929 até 1944.

Não se percebe, no caso, irreconciliáveis diferenças entre as crianças de Antipoff e os adultos entrevistados para esta pesquisa. Entre os entrevistados, duas meninas (33,3%) preferiam brincadeiras de rua (jogos de destreza e força), uma (16,7%) preferiu brincadeiras com bola e outra com bonecas. Entre os meninos um gostava de jogar futebol e o outro gostava de tomar banho no rio.

Brincadeiras como: tomar banho no rio, subir em árvores, ir aos ninhos de galinhas, brincadeira de roda etc., são as preferidas (ou as possíveis) entre as crianças norte-mineiras nas décadas de 30/40. No relato de Darcy Ribeiro sobre a Montes Claros de 1930, isso fica bem claro, além da felicidade que era ir à feira aos sábados: “... Minha casa tinha uma quantidade de árvores enormes. Boas para subir, pular, brincar de Tarzã e cair. E às vezes machucar.” (Ribeiro:1997:16)

Na fala daqueles adultos, percebe-se, latente, um certo sentimento que poderia ser definido como nostalgia, frente à lembrança de suas brincadeiras. Não se percebeu, na questão proposta, diferenças relevantes entre as brincadeiras das crianças de Belo Horizonte e as de Montes Claros. O que se nota, em virtude da entrevista ser mais completa que o questionário, é que as crianças de Montes Claros tinham uma vida mais “naturalista” e as brincadeiras eram mais “primitivas”. Mesmo porque, naquela época, Montes Claros era uma cidade provinciana, com a atividade rural predominante, onde não havia prédios, confortos urbanísticos e onde ninguém sonhava morar em apartamentos, por exemplo.

Ao se analisar os resultados desta pesquisa, percebe-se também que a infância tinha pouca especificidade e a noção de dever e do mundo adulto eram uma constante. Era incomum as crianças, por exemplo, ganharem presentes, nem mesmo no dia do aniversário. Percebe-se nas recordações dos entrevistados, pela forma como eles se referem a essa questão, que desejavam muito ser presenteados e, às vezes, sonhavam com um brinquedo, como uma boneca ou um livro. É interessante perceber que, apesar dessa aparente “responsabilidade” atribuída à criança naquela época, as brincadeiras infantis estavam presentes. A criança possuía liberdade para viver sua infância, após cumprir suas tarefas domésticas. Brincavam e as brincadeiras eram muitas. Graça

(1986:43), que é autora montes-clarense, ao rememorar a Montes Claros do início do século, afirma:

Podem dizer que sou saudosista, mas tive uma grande infância, da qual me recordo com muita alegria. Trepar nas árvores, jogar bola na rua, pular maré, empinar papagaio, pescar, nadar nos rios, brincar de “cow-boy” montados em cavalos de pau, fantasiar de super-homem, vestir as roupas da mamãe, calçar salto alto e andar pela casa toda, pisando torto, fantasiada de gente grande, brincar de “casinha”, “pai e mãe” com os “filhinhos” ao colo é o mundo encantado, o mundo da criança. (Graça, 1986:43)

Vê-se, claramente, que as crianças de Montes Claros das décadas de 1930/40, apesar de não possuírem brinquedos manufaturados com frequência, lançavam mão de muitas brincadeiras e, até mesmo, criavam seus próprios brinquedos.

Na questão que se refere ao livro preferido, nota-se substancial distanciamento entre esta pesquisa e as de Antipoff. Isto, porque, em 1929, as crianças de Belo Horizonte possuíam um interesse considerável por contos de fadas, preferência que começa a decrescer em 1944, quando a leitura preferida, especialmente entre os meninos, passa a ser os livros de aventura.

Lustosa (1951:169), interpretando e analisando as respostas das crianças pesquisadas por Antipoff, comenta:

Embora sejam os contos de fadas, as histórias maravilhosas, consideradas próprias para crianças nas primeiras séries escolares, nas idades de 7, 8, 9 anos, vemos nossos alunos prestes a deixar os estudos primários dominados ainda por esse mundo de sonhos e fantasias. Estando já na idade de 10 a 13 anos, em que, dizem os psicólogos, dominam as idéias de aventuras e viagens – as nossas crianças não correspondem em seu desenvolvimento espiritual a tal observação.”

Bettelheim justifica essa predileção:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos, que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (Bettelheim, 1980:20).

Ao comentar o papel dos contos de fadas na estruturação da personalidade e na resolução, ou sublimação dos desejos e problemas decorrentes das relações familiares, em qualquer fase da vida da criança, Bettelheim observa:

... um conto de fadas pode ter um significado importante tanto para uma criança de cinco anos como para uma de treze, embora os significados pessoais que deles derivam possam ser bem diferentes. [...] Os contos de fadas têm grande significado psicológico para crianças de todas as idades, tanto meninas quanto meninos, independente da idade e sexo do herói da história.

Os adultos que participaram desta pesquisa, ao lembrarem fatos da infância, afirmam que a leitura não era algo comum ou estimulado entre eles. Os dois “meninos” entrevistados disseram não ter leitura preferida. Segundo eles, liam apenas o livro didático que era adotado na escola. Não havia nenhuma preocupação ou exigência com leituras extra-escolares. Entre as “meninas”, duas citaram como leitura preferida, romances, apesar de apenas uma ter confessado a sua predileção pelo hábito de leitura; outra disse gostar muito de ler, a terceira disse apenas que havia lido um romance que se gravou em sua memória, não citando o título da obra, pois que a leitura não era um hábito seu.

Uma “menina” admitiu o gosto pela leitura, citando sua predileção pela obra de Monteiro Lobato, influenciada por uma irmã mais velha, que gostava muito de ler e estimulava a leitura entre os irmãos. A outra “menina” apreciava os contos de fada e que o livro que marcou sua infância teria sido *Branca de Neve e os Sete Anões*.

Abramovich, em sua obra de literatura infantil, falando sobre a relação e o amor que as crianças sentem pelos contos de fadas, justifica essa relação, afirmando:

Por quê? Porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e a achar junto uma resposta sua para o conflito... Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...). (Abramovich, 1995:121)

Depreende-se que as “crianças” entrevistadas, apesar de não terem o hábito da leitura, foram marcadas por essa atividade que não era incentivada pela escola, nem difundida pela sociedade. Tanto que as poucas leituras feitas através de empréstimos de livros, não foram esquecidas e, em mais de quarenta anos, são tidas como bons momentos da infância. O que é interessante notar é que os adultos, ao relembrem as leituras da infância dão uma ênfase muito grande aos aspectos considerados marcantes. Por exemplo, percebe-se no jeito de falar e em seus olhares, que a menção de um livro, de um conto, de um título, tem uma dimensão imensa, como se o simples fato de lembrá-los já os transportasse para uma dimensão de prazer. Como diz Abramovich: “Por lidar com conteúdos da sabedoria popular, com conteúdos essenciais da condição humana, é que esses contos de fadas são importantes, perpetuando-se até hoje...”

Gouvêa, em sua tese de mestrado, aponta, em termos históricos, a necessidade da leitura por parte das crianças:

A acentuada expansão do mercado editorial dirigido para a criança no Brasil, no período analisado (1900-1935), constituiu-se a partir de uma demanda cultural e escolar. A “ignorância do povo”, os altíssimos índices de analfabetismo eram apontados, juntamente com uma série de outros fatores, como alguns dos elementos responsáveis pelo atraso da nação (Gouvêa, 1997:26).

Se neste período, que compreende até 1935, ocorre uma expansão do mercado editorial infantil, pode-se afirmar que, com os meios de comunicação ainda

muito deficientes, essa realidade só chegaria às cidades e escolas do interior do Brasil com significativo atraso. As crianças provincianas, nessa época, relata a autora acima citada, ainda não tinham desenvolvido o gosto pela leitura, tampouco os livros infantis eram atrativos. Gouvêa, citando Fernando de Azevedo, fala da necessidade do caráter lúdico da infância no livro infantil, realidade inexistente na escola tradicional:

... aquele (o livro de texto da escola tradicional), imposto, que se lê por necessidade e se abandona com prazer, o fastio das leituras sem interesse, com que a escola transmite o desamor, senão horror aos livros: este (o livro de texto da escola renovada), o livro de que se precisa e que se procura, como fonte de informações, de estímulos, de recreio e de reflexão e extrai todo seu encanto e sua força de interesse que despertou e que nos faz associar, mais tarde, a lembrança da escola e da própria infância à das leituras, com que se tocou mais profundamente o coração, se produziram os primeiros impulsos para o ideal e se estabeleceram os primeiros contatos com a experiência humana (In: Gouvêa, 1997:30).

O relato confirma o que foi dito pelos entrevistados para esta pesquisa, ou seja, que os livros impostos pela escola não eram interessantes e que os livros “não didáticos”, quando lhes chegavam às mãos, eram muito apreciados. Fica também delimitada a diferença, talvez de décadas, entre a realidade vivida pelas crianças das grandes metrópoles e a experimentada pelas crianças das cidades do interior. Nas metrópoles, as bibliotecas estão incorporadas ao seu cenário urbano. Nas pequenas cidades do interior brasileiro, não.

Dos seis adultos entrevistados, duas pessoas, do sexo feminino, afirmaram gostar de ler, mas reconheciam a dificuldade para se ter acesso aos livros. “Seu” Rodolfo, quando perguntado sobre o livro preferido, diz que não se recordava de nenhum livro ou de alguma história escrita, pois essas leituras não eram incentivadas na escola e, mesmo se fossem, havia tanta coisa mais interessante para se fazer... Outro entrevistado afirma: “...Não se conhecia esses livros de historinha, não. A gente lia muito era os livros didáticos...” Dona Bernadete, outra entrevistada, aborda a questão:

“...Tinha um livrinho onde a gente aprendia muito, acompanhava as coisas, sabe? Era assim... uma coisa mais prática, não tinha esse tanto de livro...” Dona Maria Melo afirma que, quando criança, gostava de ler e que até tinha a coleção de Monteiro Lobato em sua casa, mas “...não era indicação da escola, eu gostava de ler por causa da minha irmã. Minha irmã adorava ler, ela buscava leitura, sabe? E ela botava a gente pra ler...” Dona Vanda recorda-se de que o livro que marcou sua infância foi “Branca de Neve e os 7 Anões” e que as leituras feitas na escola eram transformadas em representações teatrais para os colegas. Percebe-se por estes relatos que, apesar da dificuldade de se ter acesso aos livros, as lembranças ligadas a eles são agradáveis.

Mesmo junto às crianças de Belo Horizonte, centro educacional mais avançado em Minas Gerais, na década de 30, pode-se ver, por Lustosa (1951: 169), que, apesar das bibliotecas, o hábito de leitura não era muito estimulado:

Através das preferências aqui manifestadas, constatamos mais uma vez a necessidade de se dar atenção maior às leituras dos escolares, de levá-los a ler mais. [...] É desenvolvendo nas crianças o gosto pela boa leitura que faremos delas a fonte preciosa para alargar os horizontes e o meio educativo por excelência na formação e elevação do nível da personalidade.

Ao se questionar as crianças, com quem gostariam de se parecer, Antipoff, em 1929, observou que tanto meninos (49,3%), como meninas (42,4%), apontaram como modelo principal, pessoas de sua família. Essa preferência, apesar de decrescente ao longo dos anos, ainda permanece em primeiro lugar até as últimas pesquisas de Antipoff, em 1944.

Entre os adultos entrevistados nesta pesquisa, tem-se o seguinte resultado: três “crianças” (50%) escolheram pessoas da família (pais e tios), como modelos desejáveis, pois esses parentes eram pessoas admiradas por elas; uma “criança” (16,7%) apontou a professora como a pessoa com quem gostaria de se parecer, pois essa

professora gostava muito dela, a tratava com carinho e, por isso mesmo, quando crescesse gostaria de ser como ela; uma “criança” (16,7%) disse que o seu desejo era assemelhar-se com uma amiga que admirava muito, pois gostava do seu jeito de se vestir, de se comportar e essa amiga era um verdadeiro ídolo para ela e, finalmente, uma “criança”(16,7%) disse que gostaria de ser parecida com uma artista, não uma artista em especial, o que ela desejava mesmo era ser famosa, chamar a atenção por onde andasse e ser admirada pelos outros.

Pode-se concluir que não houve diferença substancial entre o primeiro modelo escolhido pelas crianças de Belo Horizonte com o escolhido pelas “crianças” de Montes Claros.

O modelo familiar vai perdendo sua força à medida que as crianças vão convivendo com outros modelos mostrados e valorizados pela mídia. Segundo Lourenço (1999:63), trabalhando o resultado das pesquisas de Antipoff e de Campos, as escolhas de modelo passam a recair, gradativamente, em personagens da mídia. Diz ela: “Em 1998, percebeu-se que, tanto as meninas (47%), como os meninos (37,2%), eram fortemente influenciados pela mídia, escolhendo como modelos sobretudo cantores, atletas e atores de TV.”

Nos questionários aplicados às crianças de Montes Claros, em 2001, aconteceu como em 1998, junto às crianças de Belo Horizonte, uma certa aproximação: como primeiro modelo de identificação, tanto meninos (38,5%), como meninas (44,1%), indicaram pessoas famosas, ficando o segundo lugar para “ninguém” (querem se parecer consigo próprias), num percentual de meninos (27,7%) e meninas (23,6%). Os modelos familiares só aparecem em terceiro lugar, sendo 20,4% entre as meninas e 24,7% entre os meninos.

Gostar da própria imagem também apareceu, em segundo lugar, nas pesquisas de Campos em 1998. Nas pesquisas de Antipoff o querer parecer consigo mesmo surge em quarto lugar entre os meninos e em quinto lugar entre as meninas.

Com relação a essa questão, pode-se afirmar que houve uma notável mudança entre as crianças de 1929 e as de 2001.

A justificativa que as crianças deram para sua resposta, quando querem se parecer com alguém, como pais, tios e tias, professoras e amigas, recaí em qualidades morais ou intelectuais, tanto nas primeiras pesquisas de Antipoff, como nas entrevistas realizadas com os adultos de Montes Claros. Esses adultos entrevistados e as crianças pesquisadas por Antipoff justificaram sua escolha dizendo que gostariam de se parecer com determinada pessoa “porque era boa”, “porque era honesta”, “porque admirava sua inteligência”, “seu caráter”, “por amor” “porque era bonita” etc. Nas pesquisas atuais, esse universo muda um pouco. As crianças de 2001 não apontam as qualidades morais como as mais importantes e valorizadas, sendo estas substituídas pelas qualidades exteriores, como “ser bonito ou bonita”, “ser forte”, “ser famoso ou famosa”, etc.

Com quem não queria se parecer foi uma pergunta cujo maior número de resposta foi: “ninguém”. Três “crianças” (50%), entre os adultos disseram que não havia ninguém com quem elas não quisessem se parecer. Uma criança (16,7%) rejeita uma colega como modelo de identificação, uma outra não gostaria de se parecer com pessoas más e uma vê nos tios o seu modelo indesejado.

As crianças da pesquisa de Antipoff, em 1934, apontam como modelos indesejáveis, “pessoas da família”, “conhecidos e colegas” e até mesmo a própria pessoa. Em 1944, decresce o número de crianças que demonstram rejeição por esses

modelos, mas, ainda assim há um grande número de crianças que confirmam a opção.

Segundo Lustosa (1951:179):

O que mais afugenta e atemoriza o espírito de nossos meninos é o que chamamos “o mundo do além” – cerca de 22,8% e 21,3%, respectivamente, de meninos e meninas, temem assemelhar-se a “Demônio, saci, assombração”. Esse, como diríamos, “terror do desconhecido” parece ser uma peculiaridade da natureza humana, entre nós geralmente alimentada por idéias falsas, próprias para aquietar crianças.

Entre os adultos pesquisados em Montes Claros, não houve manifestação semelhante. Uma hipótese que se levanta é a de que, com o decorrer dos anos, tais lembranças tenham se perdido no tempo. Se as pessoas que hoje estão entre 65 e 80 anos nutriam esse temor infantil, sugere-se que o medo não foi tão importante para ter sobrevivido ao tempo.

Os motivos que movem essas crianças, hoje adultas, para não desejarem se assemelhar a determinados modelos, são os mesmos alegados pelas crianças pesquisadas por Antipoff: más qualidades morais, defeitos de caráter, pessoas violentas, agressivas, que não fazem caridade etc.

Ao serem questionados sobre o que queriam ser quando crescidas, os adultos desta pesquisa, disseram que tinham o desejo de serem profissionais liberais (em sua maioria). Resposta idêntica encontrou Antipoff em suas pesquisas. Desde 1929 a 1944, as crianças de Belo Horizonte tinham o sonho de se tornarem profissionais liberais e, entre essas profissões, a mais citada em 1929, foi a de engenheiro, seguida de medicina e advocacia. Nos anos posteriores, a aviação teve o primeiro lugar no desejo das crianças.

Nesta pesquisa, os adultos, em suas reminiscências, dizem o que queriam ser: uma menina desejava ser professora e outra não sabia, por não ter esse desejo

claramente definido. Um menino, igualmente, não nutria preocupações nesse sentido, quando cursava o 4º ano primário, e um outro confessou o desejo de ser juiz de direito. Duas meninas queriam ser farmacêuticas.

Os motivos desses desejos são variados: “por amor ao pai”, “por admiração”, “por desejo de ensinar, de ajudar”.

Uma outra percepção claramente definida nas respostas analisadas, é que já existe, nesse momento histórico, um início da profissionalização feminina. As quatro mulheres participantes da entrevista, já se dizem preocupadas com uma profissão desde a infância. Apenas uma delas não se realizou profissionalmente, segundo a própria, não porque não quisesse, mas por impossibilidades financeiras. Dizem elas que havia resistência dos pais quanto a profissões que não fossem casar, ter filhos e ser donas de casa, mas, mesmo contrariando, às vezes, os pais, elas insistiam em se profissionalizar e exercer funções que não eram consideradas muito “femininas” na época como, por exemplo, ser contadora ou farmacêutica.

Em 1929, as respostas dadas pelas crianças pesquisadas se referiam, em primeiro lugar, a motivos, segundo Antipoff, demasiadamente vagos. Admitiam elas: “porque é profissão boa”, “porque é bonita”, “porque gosto”. Em 1944, esses motivos aparecem em percentagem menor. O segundo lugar em 1929 e 1934 coube aos motivos de ordem financeira e, em 1939 e 1944, o desejo de servir e trabalhar pela Pátria se antepuseram aos financeiros, possivelmente em virtude dos fatos que marcam a época, destacadamente a II Guerra Mundial, da qual o país fez parte.

O fato de os adultos responderem de forma mais “amadurecida” aos questionamentos feitos tem uma justificativa: são adultos e não crianças que falam sobre a infância. Justamente em virtude desse estado maduro, falam como adultos,

contam histórias para justificar sua escolha, já que participaram de uma entrevista e não de um simples questionário. Quando se é criança, fala-se como criança e a proporção dos fatos toma a dimensão que o olhar de uma criança abarca. Já o adulto, mesmo revivendo fatos da infância, não possui mais a visão ou a fala da criança.

[RHdFC1] Comentário:
Interessantes essas observações sobre a memória dos adultos!
(QUE BOM, QUE VOCÊ GOSTOU! – CLÉO)

Antipoff e Castro (Boletim 17), analisando a questão que indaga sobre o presente desejado no aniversário, em 1929 e 1934, comentam: “Esta questão parece revelar um pouco mais as tendências espirituais de nossa crianças – os dois sexos reclamam livros para a leitura numa percentagem bem elevada.”

O comentário mostra que as crianças de Belo Horizonte em 1929 e 1934, tinham interesse pela leitura, o que não foi demonstrado nesta pesquisa feita com os adultos que dela participaram como se estivessem no 4º ano primário – vivendo entre 1932 e 1942. Essas “crianças” disseram em suas entrevistas que a literatura não era incentivada nas escolas, sendo que nenhuma demonstrou querer ganhar livros de presente.

A única “menina” que demonstrou desejo de ganhar um livro de presente, pretendia um livro de catecismo, levando-se a supor que o interesse pudesse ser mais religioso que literário. As outras crianças apontaram como presentes preferidos: bicicleta (uma menina), vestido (uma menina) e bola (um menino). Outro disse não ter nenhum desejo nesse sentido.

Pode-se admitir que as condições histórico-geográficas tenham influenciado nessa falta de interesse pela literatura. Como já se disse, numa cidade voltada para o agrário, como a Montes Claros das décadas de 30/40, a literatura, para seus habitantes, possivelmente viesse a ser um luxo quase que dispensável. As dificuldades até para se obter livros eram muito grandes. O que se percebeu pelas respostas dos adultos

entrevistados, era que, quando uma criança apreciava a literatura, por influência de alguma pessoa mais velha e próxima, os livros eram conseguidos através de troca. Na escola elas tinham acesso a um livro didático ou cartilha que era lida por todos, às vezes, até numa leitura coletiva ou, noutras vezes um começava a leitura e outro dava continuidade. A criança com uma irmã ou alguém em casa que gostasse de ler, tinha acesso aos livros através dessa pessoa e sempre trocava com amigos também apreciadores da leitura.

Graça, (1986:39), autora montes-clarense, em seu livro autobiográfico, ao relatar sua escola na década de 30, fala da relação das crianças, então estudantes, com os livros:

Tudo era difícil para professores e alunos. Sem comunicação, as distâncias se multiplicavam. O comerciante pedia o estritamente necessário. O material escolar era escasso, não sei mesmo como as abnegadas mestras conseguiam ensinar. Lembro-me, levava o meu material escolar numa caixa de sapatos, não tinha pretensão de ter uma pasta de couro, aliás ninguém a tinha. Dentro, eu colocava a célebre “cartilha de Thomaz Galhardo”, um livro simples (com gravuras em preto e branco) com frases já bastante conhecidas e decoradas por várias gerações anteriores. Os livros eram os mesmos. [...] Levava ainda dentro da caixeta, 3 cadernos de 20 folhas cada: “nº 1”, para caligrafia; “nº 2”, para cópia e ditado; “nº 3”, para geometria, lápis preto e borracha.” (Graça, 1986: 39). (Grifo desta pesquisadora)

Outros presentes escolhidos pelas crianças pesquisadas por Antipoff são semelhantes aos presentes escolhidos pelos adultos desta pesquisa: bicicleta, boneca, roupa, bola. Uma criança, (menino), nesta pesquisa, admitiu não querer ganhar nenhum presente.

Percebe-se também, pelas respostas dos adultos entrevistados, que ganhar presentes não era uma atitude corriqueira, como acontece hoje. O fato explica-se pelo fácil acesso que hoje se tem aos bens de consumo, como os brinquedos, por exemplo, anunciados, de forma massiva pela mídia, especialmente eletrônica. Percebe-se ainda,

que, há sessenta, ou setenta anos, as brincadeiras envolviam mais a criatividade da criança, especialmente a que morava no interior, distante dos grandes centros urbanos. Normalmente a criança brincava com brinquedos feitos por ela própria, - carrinhos de objetos imprestáveis, como latas de óleo vazia, pedaços de madeira, cordão etc., e as brincadeiras mais comuns eram as de rua, - brincar de roda, de pião, de esconde-esconde, de pega-ladrão etc. As meninas gostavam de brincar de casinha, de comidinha e as bonecas eram fabricadas pelas próprias mães e os objetos da casinha eram criados por elas próprias com pedaços de madeira, pedrinhas, latas velhas etc.

Analisando a história cultural do brinquedo, Benjamin (1984) estabelece considerações oportunas, ao dizer: “Quando no decorrer do século XVIII, começaram a aflorar os primórdios de uma fabricação especializada, as indústrias chocaram-se por toda parte...” (Benjamin,,1984: 67)

E continua: “...Por conseguinte, entende-se que a venda, ou, pelo menos, a distribuição de brinquedos, não era no início função de comerciantes especializados.” (ibidem, ibidem:68)

Ainda, segundo o autor, os brinquedos surgiam pelas mãos das crianças, através dos materiais mais primitivos:

Nada é mais adequado à criança do que irmanar em suas construções os materiais mais heterogêneos – pedras, plastilina, madeira, papel. Por outro lado, ninguém é mais sóbrio em relação aos materiais do que crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúne em sua solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras (Ibidem, ibidem:69).

Isso, os adultos, em seus relatos, deixam claro. Brincavam, principalmente, com objetos fornecidos pela natureza. Sonhavam, sim, com brinquedos como bicicleta,

bola, boneca, mesmo porque, de acordo com Benjamin, os brinquedos representam um “mudo diálogo entre ela (a criança) e o povo”.

Em outra observação, Benjamin, aborda o equívoco que se tem sobre o conteúdo imaginário do brinquedo:

Enquanto vigorava um rígido naturalismo não havia nenhuma perspectiva de fazer valer o verdadeiro rosto da criança que brinca. Hoje talvez podemos esperar uma superação efetiva desse equívoco fundamental, o qual acreditava erroneamente que o conteúdo imaginário do brinquedo determinava a brincadeira da criança, quando, na verdade, dá-se o contrário. A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se pedreiro, quer esconder-se e torna-se ladrão ou guarda. [...] Quanto mais atraentes (no sentido corrente) forem os brinquedos, mais distantes estarão de seu valor como “instrumentos de brincar.. (Ibidem, ibidem).

Pode-se compreender, assim, que a excessiva perfeição encontrada, hoje, nos brinquedos, pode afastar a criança do seu real desejo: integrar-se inteiramente na sua brincadeira, derivando-se, daí, uma possível explicação para que as crianças de hoje cansem-se tão rapidamente dos seus modernos brinquedos. Admite-se, inclusive, que podem estar essas crianças simplesmente insatisfeitas com o consumismo e com a super produção de artefatos industriais que lhes chegam às mãos.

Se as crianças de Belo Horizonte tivessem muito dinheiro, em 1929/1934, elas teriam muitos desejos a realizar: para Antipoff, esta foi a questão que alcançou o maior número de inclinações, chegando a ser indicada em mais de uma opção por criança.

Em 1929 e 1934, a primeira escolha das crianças pesquisadas recaiu naquilo que Antipoff e sua equipe chamaram de generosidade. As crianças, tanto meninos quanto meninas, se tivessem muito dinheiro, construiriam asilos, auxiliariam os pais, ajudariam os pobres, etc.

O segundo desejo destas crianças seria economizar, guardar, depositar na poupança e a terceira opção das crianças de Belo Horizonte em 1929/1934, seria comprar terrenos, casas, móveis para o lar.

Na opinião de Antipoff, essas crianças já demonstravam “alguma orientação feliz sobre como empregar o dinheiro que viessem a possuir.” Outra observação:

Entre meninos e meninas observa-se que estas se mostram mais generosas, mais preocupadas com o vestuário... Apresentam maior preocupação intelectual e um pouco mais de interesse pelas viagens. [...] Os meninos se mostram mais dados à economia, revelam maior interesse pela aquisição de uma casa. Os veículos são por eles mais desejados, e os jogos, diversões, gulodices parecem tentá-los com mais insistência (Antipoff e Castro, *Boletim* 17).

Quando essas crianças justificam a destinação que dariam a seu dinheiro, parece, a princípio, segundo Antipoff, que assumem uma posição contraditória. Há uma inversão nos valores: o altruísmo-generosidade que aparece em primeiro lugar na destinação do dinheiro, surge, agora em segundo lugar, antecedida por uma preocupação de ordem econômica.

Analisando as respostas das crianças, Antipoff vê a causa desta inversão:

... Muitos que diziam “daria a papai”, não o fariam por mero altruísmo. Elas se explicam adiante: “guardar, para usar quando se for grande”, “porque quando precisar, terei”, ou, em outras palavras, “para não gastar à toa. (Antipoff e Castro, *Boletim* 17:48)

As outras justificativas variam de acordo com a destinação do dinheiro: “para que os pobres não passem privação”; “porque os pobres precisam”; “porque queria ter um automóvel para passear”, “porque queria conhecer o mundo”, “porque queria visitar a Terra Santa” “porque os livros instruem”, “para saber mais”, “porque gosto de andar bem vestida”, “porque queria ter vestidos bonitos”, “porque gosto de andar calçado” etc.

Dos seis adultos entrevistados nesta pesquisa, duas meninas disseram que se ganhassem muito dinheiro, ajudariam os pobres; um menino e uma menina ajudariam a família; um menino disse não pensar sobre isso, e uma menina tinha como sonho, viajar muito, usando esse dinheiro.

Vê-se por essas respostas que não houve, neste quesito, diferença entre o que as crianças de Belo Horizonte e as de Montes Claros fariam, se detivessem nas mãos muito dinheiro.

A justificativa dos adultos entrevistados também não difere da apresentada pelas crianças pesquisadas por Antipoff. Dizem, por exemplo: “porque minha família é muito necessitada”, “porque os pobres sofrem muito”, ou “para se conhecer o mundo”. Duas meninas e um menino disseram que ajudariam a família e os pobres “por amor”.

4.3 Análise das respostas das crianças ao questionário

. Questão nº 1 – Atividade preferida na escola

Quanto às crianças montes-clarenses, matriculadas atualmente na 4a. série primária, a tabela I revela as respostas dadas sobre a atividade preferida na escola. Nas respostas, pode-se perceber que não há nítida distinção entre atividade e matéria escolar, posição já comprovada por Antipoff e apresentada na Revista do Ensino, no texto “Os Ideais e os Interesses das Crianças de Belo Horizonte Durante o Período de 1929 a 1944” – com interpretação de Irene Lustosa e apuração de Maria Augusta da Cunha e Márcia Morais - na pesquisa realizada em 1944. Na análise da questão atividade preferida na escola, diz Lustosa: “Vê-se que os escolares não fazem grande distinção entre os dois termos (aula e trabalho preferidos). Tratando-se do “trabalho” preferido,

foram indicados os mesmos títulos apontados para a “aula” preferida”. (Lustosa, s.d. : 158)

Percebe-se, por exemplo, que “Artes” e “Educação Física” são matérias vistas pelas crianças como atividade e não como aula

A atividade preferida pelos meninos e meninas (49,5%) foi Educação Física, comprovando o maior interesse das crianças por atividade motrizes, tendência detectada por Campos em 1998. Como segunda atividade escolhida, tanto meninos (23%) quanto meninas (17,2%) escolheram estudar.

No tocante a escolhas, por classe econômica social, são registrados os seguintes resultados: entre as meninas da classe ‘A’, a escolha predominante foi pelo recreio – 40,0%. Tanto entre as crianças da classe ‘B’ e da classe ‘C’, a preferência recaiu sobre Educação Física. Percebe-se, assim, uma identificação das crianças com o novo modelo social de saúde e de beleza, vigente no país. . As atividades físicas são estimuladas por meios de comunicação, pelas escolas e pelas instituições sociais, de modo geral.

É interessante observar que o recreio foi uma atividade escolhida por poucas crianças. Entre os meninos da classe ‘B’, por exemplo, nenhuma indicação desta resposta foi apresentada. (Ver TAB. 1)

TABELA 1

Atividade preferida, na escola, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.

Atividades	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 (%)	
	A		B		C			
	M	F	M	F	M	F	M	F
Ed. Física	63,6	26,6	78,3	53,2	45,2	54,4	60,0	49,5
Estudar	18,2	6,6	13,0	9,4	32,3	26,1	23,0	17,2
Recreio	18,2	40,0	-	3,1	6,5	4,4	6,2	9,7
Jogos	-	6,6	4,4	15,6	6,5	2,2	4,6	7,5
Artes	-	13,3	4,4	15,6	-	6,5	1,6	7,5
Biblioteca	-	-	-	-	9,7	2,2	4,6	1,0
Natação	-	6,6	-	3,1	-	-	-	2,2
Religião	-	-	-	-	-	4,4	-	2,2

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros.

Como observou Antipoff (1930), em décadas passadas, a preferência das crianças recaiu, quase sempre, em atividades fisicamente ativas. Não houve, portanto, em termos comparativos, diferenças notáveis entre os estratos sociais investigados nas pesquisas realizadas em diferentes momentos históricos (Antipoff, Campos e as de Montes Claros).

Chama atenção, a segunda atividade apontada como preferida pelas crianças. Tanto meninos, quanto meninas da classe ‘C’ (32,3% e 26,1% respectivamente), escolheram estudar. Quando perguntadas sobre o que querem ser quando crescer, a maioria das crianças escolheu as profissões de curso superior (ver tabela XI) e justificam sua escolha dizendo que trazem fama e são lucrativas, o que pode ser uma hipótese para este estrato social menos elevado, dizer que estudar é a uma atividade preferida na escola, já que só conseguirão atingir essas profissões estudando.

Segundo autores estudiosos dos interesses das crianças, como Claparède, a escola não tem atrativos suficientes para fazer as crianças gostarem de estudar.

Procurando-se entender porque apenas as crianças de classe “C” escolheram estudar como segunda atividade preferida, buscam-se em Claparède justificativas que mostram que a escola, enquanto apenas instituição social, não tem atrativos suficientes para atrair crianças. Ao afirmarem gostar de estudar, justificam elas com um argumento que lhes parece convincente: “subir na vida”. Claparède admite:

Os educadores – não podemos, ai de nós, dizer que sejam “conhecedores de crianças” – bem deveriam seguir o exemplo dos conhecedores de animais. Pois, justamente, o que resulta de nosso sistema de programas uniformes, é obrigar as crianças a cuidarem principalmente das disciplinas para as quais não têm aptidão natural. Precisamente aquele que não tem queda para matemática passa noites em cima de problemas que absolutamente não compreende... [...] Na corrida de obstáculos que constitui um ano escolar, empurrados, atropelados, fartos, nossos filhos, por uma espécie de apreensão, bem natural, dirigem todas as suas preocupações, senão todas as suas energias, aos ramos de estudo para os quais não sentem disposição particular. Gastam-se no trabalho ingrato de cultivar o solo estéril e de deixar inculco justamente aquele que prometia uma boa colheita (Claparède, “A Escola sob Medida, s.d.: 148/149).

A fala, do início do séc. XX, guarda atualidade. E vai além, quando reconhece a docilidade por parte da criança em aceitar imposições tão contrárias à sua natureza:

A culpa do menino, nesse ponto, é talvez de ser dócil demais, de aceitar muito facilmente este tratamento antinatural. O animal não se dobra; quando se lhe pede o que não pode dar, morde, debate-se, ou então recusa-se obstinadamente a aprender qualquer coisa; e, finalmente, é-se forçado a levar em conta sua natureza própria. Ao passo que o menino é muito... bom menino (Ibidem, ibidem:149).

A fala de Claparède é um indicador para se observar o posicionamento da criança diante da escola hoje. A tão famosa “indisciplina” e “revolta” da criança não serão uma forma de rejeição diante do indesejado? Rejeição daquilo que, como dizia Claparède, é-lhe tão antinatural? Explica-se, assim, a razão pela qual as crianças não

colocaram o estudar como uma das atividades preferidas e, algumas, mais especificamente, aquelas que vêem na escola a única oportunidade de “subir na vida”, tenham escolhido essa opção de forma pragmática..

Na década de 40, constatou-se que as meninas belo-horizontinas preferiam os trabalhos manuais, enquanto os meninos tinham preferência por atividades de cálculo, aritmética, área difusa entre o universo do trabalho e o universo escolar. Antipoff (*Boletim nº 17*) esclarece: “Tratando-se do ‘trabalho’ preferido, foram indicados os mesmos títulos apontados para a ‘aula’ preferida, acrescentados apenas: ‘jardinagem e horta’, ‘fazer provas e testes’, ‘ajudar a professora’”.

Outra observação, refere-se às atividades escolares. Nas primeiras pesquisas, feitas por Antipoff, (*Boletim nº 17*), verifica-se uma quantidade significativa de atividades práticas, ou de preparação para a vida, como trabalhos manuais, jardinagem e horta, além de canto. Tais atividades, há muito, foram abolidas dos currículos escolares, por serem atividades que perdem espaço numa sociedade tecnológica, como a de hoje. Foram substituídas por atividades escolares como a computação e o inglês, especialmente nas escolas particulares. Pode-se admitir que o avanço tecnológico redefiniu, historicamente, o perfil escolar de nossas crianças.

. Questão nº 02 – Aula que mais gosta

Em 1929, na pesquisa feita por Antipoff, a matéria preferida foi Matemática, tanto pelos meninos, quanto pelas meninas.

Na réplica realizada por Campos (1996) em 1993, tanto meninas quanto meninos escolheram como aulas preferidas aquelas em que eram ofertadas atividades esportivas, como a Educação Física.

Na presente pesquisa, observa-se que a matéria preferida entre os meninos foi Matemática (55,4%), com uma diferença marcante para as segundas preferidas, que foram Português e Ciências, ambas com 13,9%. (Ver TAB. 2). A escolha preferencial das meninas foi Português (35,4%), ficando Matemática em segundo lugar, com 32,5% de percentagem. As menos escolhidas, nos dois gêneros, foram Computação e Religião, sendo que Computação foi escolhida, preferencialmente, por alunos de estrato social mais elevado, o que é explicável, pelo fato de que as escolas com crianças de estrato sócio-econômico mais baixo não possuem essa disciplina em seu currículo. Religião foi uma das disciplinas menos votadas pelas crianças nesta pesquisa, tendo atingido uma percentagem de 1,0% entre as meninas e 1,5% entre os meninos.

Nas pesquisas de Antipoff, o Catecismo obteve uma percentagem de 0,3% entre os meninos, não sendo indicado por nenhuma menina, isso em 1929. Em 1944, a percentagem da escolha de Catecismo, como aula preferida, permanece no mesmo patamar (0,3%), entre os meninos. Das meninas, naquele ano, 0,7% preferem o Catecismo. Nas pesquisas de Campos, em 1993, nem meninos, nem meninas fazem escolha por disciplinas religiosas.

Campos, em suas pesquisas de 1993 observa que a preferência por Ciências é característica dos estratos de renda mais elevada (34,5%), vindo em segundo lugar as disciplinas esportivas (15,5%) e em terceiro o estudo em geral (14,3%). Nas classes de renda mais baixa prevaleceram as atividades esportivas (22,6%). Pode-se inferir que as classes mais altas têm maior interesse pelas atividades científicas, enquanto as atividades esportivas prevalecem nas classes de menor renda. (Campos, 1996).

Nas análises feitas nesta pesquisa, tais diferenças não são visíveis, sendo que a preferência das crianças, em geral, foi por Matemática e, nos estratos de renda

menor, a escolha das meninas foi Português. Nos meninos, repete-se o mesmo interesse dos estratos mais altos: a Matemática. As meninas de classe 'A', como os meninos, escolhem, da mesma forma, Matemática. (Veja TAB. 2).

Em 1998, a equipe de Campos reaplica o mesmo questionário a uma amostra de 307 crianças (156 meninos e 151 meninas) de 4ª série do 1º grau de escolas públicas e particulares de Belo Horizonte. Nesse inquérito, segundo trabalho apresentado por Érika Lourenço e Mônica Y. Jinzenji, no XVIII Encontro Anual Helena Antipoff, em 1999, tanto meninos (25%), como meninas (26,5%) apontaram as aulas de Ciências como preferidas, ficando as aulas de Educação Física em segundo lugar para os meninos (23,1%). As aulas de matemática, na opinião das meninas, (25,8%), são as melhores. As autoras concluem: "...houve um interesse crescente das crianças pelos esportes e por ciências, enquanto caía o interesse por Matemática e Português que eram as preferidas no período entre 1929/1944."

TABELA 2

Aula preferida, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em

Montes Claros – MG, em 2001

Aula	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 (%)	
	A		B		C			
	M	F	M	F	M	F	M	F
Português	18,2	20,0	21,8	34,4	6,5	41,3	13,9	35,4
Matemática	27,3	26,7	56,5	37,5	64,5	30,4	55,4	32,5
Ciências	9,1	6,7	8,7	15,6	19,4	17,4	13,9	15,0
Geog. / Hist.	9,1	6,7	-	-	3,2	4,3	3,1	3,2
Ed. Física	18,2	-	8,7	-	3,2	4,3	7,7	2,2
Computação	9,1	6,7	-	-	-	-	1,5	1,0
Artes	-	20,0	-	3,1	3,2	2,2	1,5	5,3
Religião	-	6,7	4,3	-	-	-	1,5	1,0
Inglês	-	6,7	-	3,1	-	-	-	2,2
Todas	9,1	-	-	6,3	-	-	1,5	2,2

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros.

Nas pesquisas atuais, o interesse por Matemática e Português permanece em primeiro lugar. Poderia-se concluir que as crianças voltaram a se sentir atraídas pelas mesmas aulas de que as crianças gostavam entre 1929/1944, mas a afirmação é temerária: quando se indagou a respeito da atividade preferida na escola, as crianças responderam Educação Física e, mesmo assim, alguns alunos ainda citaram as aulas esportivas como preferidas (7,7% dos meninos e 2,2% das meninas). Não se pode desprezar, também, a evidência de que muitas crianças vêem atividade e aula de forma indistinta. De qualquer forma, pode-se afirmar que as crianças continuam demonstrando muito interesse pelas atividades motrizes, mais, mesmo até, do que pelas aulas.

. Questão nº 03 – Aula de que menos gosta

A questão não fez parte do primeiro questionário elaborado por Antipoff em 1929, sendo acrescentada, posteriormente, por ela, no inquérito de 1934. Lustosa (1951) comenta: “Visando ver confirmadas as preferências manifestadas pelas atividades escolares, procuramos conhecer o lado negativo da questão e indagamos: ‘Qual a aula de que menos gosta na escola?’”

Conhecendo-se o lado negativo da questão, pode-se confirmar o seu aspecto positivo. (Ver TAB. 3 abaixo):

TABELA 3

Aula que menos gosta, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001

Aula	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 (%)	
	A		B		C		M	F
	M	F	M	F	M	F		
Português	-	6,7	21,8	12,5	22,6	15,2	18,5	12,9
Matemática	18,2	26,6	17,4	21,9	16,1	47,8	16,9	35,5
Ciências	9,1	26,6	8,7	15,6	19,4	19,6	13,9	19,4
Geog. / Hist.	45,5	20,0	47,8	40,6	25,8	15,2	36,9	24,7
Inglês	9,1	-	4,3	3,1	-	-	3,0	1,1
Computação	-	6,7	-	-	-	-	-	1,1
Religião	-	-	-	-	-	2,2	-	1,1
Nenhuma	18,2	6,7	-	6,3	16,1	-	10,8	3,1
Artes	-	6,7	-	-	-	-	-	1,1

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros.

Ao se analisar os resultados da pesquisa presente, percebe-se, curiosamente, que as meninas apontaram como a aula de que menos gostam a Matemática, sendo que esta foi também uma das matérias mais escolhidas como agradáveis. As meninas de estrato social ‘A e ‘C’ apontaram como maior rejeição a aula de Matemática e as de

estrato social 'B' elegeram Geografia e História como a aula mais indesejável. No cômputo geral, como segunda opção de aula mais rejeitada, vieram Geografia/História, com 24,7%, sendo que a Matemática obteve uma percentagem de 35,5% de rejeição entre as crianças. Como se pode ver na tabela III, a matéria Ciências ficou em terceiro lugar na opinião das meninas (19,4%). Em uma análise feita por Lourenço (1999), em trabalho já citado, diagnostica-se esta mesma curiosidade entre as crianças pesquisadas por Campos e sua equipe, em 1998. Segundo Lourenço: “Curiosamente, em 1998 verificou-se também que as aulas de Português, Matemática e Ciências, foram também apontadas como aquelas de que menos gostavam.”

Também Lustosa (1951) faz idêntica observação:

Observamos, à vista de novos resultados, o fato curioso de não serem as matérias de que 'menos gostam' opostas às de 'mais gostam' – muito ao contrário, são as mesmas disciplinas que entram em maior proporção quer na apreciação positiva, quer na negativa.

Lustosa apresenta como justificativa o fato de que estas disciplinas ocupam um maior tempo nas atividades escolares, despertando, na criança, simpatias ou aversões.

Quanto aos meninos analisados no inquérito que é parte desta pesquisa, a disciplina que causa maior aversão é Geografia/História (36,9%), vindo logo em seguida, como segunda e terceira mais rejeitadas, Português (18,5%) e Matemática (16,9%). Entre os meninos de classe 'A' não houve rejeição por Português, tendo Geografia/História 45,5% de rejeição, seguida de Matemática, que ficou com 18,2%. Na classe 'B' a rejeição ficou assim: Geografia/História (47,8%), Português (21,8%), Matemática (17,4%). Entre os meninos de estrato social 'C' a disciplina Geografia/História obteve 25,8% de rejeição, seguida de Português (22,6%) e

Matemática (16,1%). O índice de crianças que não rejeitaram nenhuma matéria, entre os meninos, foi de 10,8% e, entre as meninas, foi de 3,1%.

Conclui-se que os meninos escolhem Matemática (área de cálculos) como aula preferida e Geografia/História como aula menos desejada. Geografia/História são disciplinas que exigem leitura e, muitos professores, até hoje, adotam pontos decorados, o que, de certa forma, justifica essa rejeição. Sabe-se que as crianças não consideram atrativas matérias que exijam memorização, sem contar que, atualmente, com o crescente interesse pelos meios de comunicação, especialmente pela televisão, as crianças têm deixado a leitura de lado.

Antipoff (1930) faz um relato apropriado ao resultado desta pesquisa, ao analisar o fato de as crianças rejeitarem matérias como Geografia, História e História Natural. Diz a educadora:

Essas três matérias não são acaso cheias de vida, de narrativas atraentes para as crianças, a respeito das viagens, das observações curiosas sobre os costumes e sobre os hábitos dos homens e dos animais? Nossa modestíssima conjectura nos faz supor que as preferências das crianças se encaminham menos para as matérias propriamente ditas do que para o método de ensiná-las; ao passo que o ensino da Aritmética e da Língua Pátria foi, nestes últimos tempos, radicalmente renovado e concretizado. O ensino das disciplinas concretas permanece ainda muitas vezes estático e consiste, em grande parte, em fazer armazenar pela memorização nomes, datas, classificações, etc.

Já as meninas têm preferência por Português e apontaram como maior rejeição a aula de Matemática.

Entre o período 1929/1944, as pesquisas de Antipoff mostraram que as disciplinas de Matemática e Português estavam entre as preferidas pelas crianças. Na réplica do inquérito realizado por Campos (1996), o interesse das crianças era maior pelos esportes e pelas ciências, enquanto que, em 1998, apesar de continuar o interesse

pelas áreas de esportes e ciências, as crianças voltaram a se interessar pelas aulas de Matemática e Português, tendência confirmada na presente pesquisa.

Helena Antipoff, apresentando os resultados da pesquisa de 1929, diz que a atração das crianças pela Matemática se dá mais pelos métodos de ensino que, propriamente pela disposição natural para esse estudo. Para a autora, as crianças se sentiam ativas diante dos exercícios de cálculo, isto é, tinham uma atitude de indagação. Percebe-se que há uma divergência quanto à disciplina Geografia: enquanto, em 1929, esta disciplina estava entre as preferidas pelos meninos, no inquérito presente teve o índice de a mais rejeitada.

Quanto ao quesito de aula menos apreciada pelas crianças, o resultado geral foi o seguinte: para as meninas, Matemática (35,5%), seguida de Geografia/História (24,7%), Ciências (19,4%), e Português (12,9%). Para os meninos, Geografia/História (36,9%), seguida de Português (18,5%), Matemática (16,9%) e Ciências (13,9%). Outras disciplinas, como, Artes, Inglês, Computação e Ensino Religioso, não mereceram destaque. Deve-se levar em conta que, disciplinas como Computação e Inglês só são oferecidas nas escolas particulares, com a clientela de crianças oriundas de estratos sócio-econômicos mais elevados. O número de crianças de estratos médio e baixo é, significativamente, maior. Outro fator importante, revelado anteriormente, está ligado ao tempo gasto com estas disciplinas que é reduzido, não chegando a despertar grandes simpatias ou consideráveis rejeições.

. Questão nº 04 – Atividade preferida em casa

As respostas a esta questão foram, até certo ponto, surpreendentes, se comparadas às respostas obtidas por Antipoff em 1929 e por Campos em 1993 e 1998.

Em 1929 as preferências das crianças recaíram sobre as atividades domésticas, tanto entre os meninos quanto entre as meninas. Em 1993 e 1998, essa preferência se repete.

Em 2001 e na cidade de Montes Claros, esse resultado difere em grande escala. Entre as meninas o inquérito mostrou que a preferência em casa era pelas brincadeiras (42,0%). A segunda e terceira preferências, respectivamente, eram por atividades como assistir TV, ouvir rádio e dançar (23,7%), ou ajudar a mãe, em trabalhos domésticos (15,1%). O ato de estudar, entre as meninas, só aparece em quarto lugar, com uma percentagem de 14%. Outras atividades como telefonar, usar o computador, cumprir compromissos religiosos, aparecem com uma percentagem de 1,0%. Dormir aparece com uma percentagem de 2,2%.

Para os meninos, brincar também aparece como prioridade nas atividades de casa, com uma percentagem de 52,3%. A segunda atividade preferida pelos meninos, em casa, é assistir TV (20,0%), seguida de ajudar nas tarefas domésticas (12,3%), estudar e ler (9,3%).

O que esta pesquisa conclui é que em todos os estratos sociais, tanto entre meninos quanto entre meninas, a predominância sobre a escolha da atividade preferida em casa foi idêntica: brincar (Veja TAB. 4).

TABELA 4

Atividade preferida em casa, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001

Atividade	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 (%)	
	A		B		C			
	M	F	M	F	M	F	M	F
Brincar	81,8	33,3	78,3	53,2	22,6	37,0	52,3	42,0
Assistir TV	9,1	40,0	8,8	15,6	32,3	23,9	20,0	23,7
Ajudar a mãe	-	-	4,3	12,5	22,6	21,7	12,3	15,1
Estudar / Ler	-	20,0	-	12,5	19,3	13,1	9,3	14,0
Computador	9,1	-	-	3,1	3,2	-	3,1	1,0
Catequese	-	-	4,3	3,1	-	-	1,5	1,0
Telefonar	-	6,7	-	-	-	-	-	1,0
Dormir	-	-	4,3	-	-	4,3	1,5	2,2

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros

A mudança dessas atitudes infantis, vistas a partir das respostas dadas pelas crianças no questionário aplicado, parece significar que um ser humano, possivelmente diferente, em termos culturais, adaptado para as exigências da modernidade científico-tecnológica do século XXI, está começando a se manifestar. Santin (1996:12), comenta:

Desde os gregos fomos habituados a ver no logos a inauguração da humanidade do homem. Foi em nome deste logos ou razão que chegamos à situação atual que nos obrigou a pensar outras explicações alternativas do início primordial do processo de humanização. Entre essas alternativas encontra-se a idéia da ludicidade ou do homo ludens.

A criança do século XXI prefere brincar, a trabalhar ou estudar. Não se pode imaginar a dimensão exata deste fenômeno.. Acredita-se que, por um processo inconsciente, o ser humano venha percebendo que tanta coraça comportamental, ou tanta “seriedade” estejam levando a humanidade a se tornar cada vez mais estressada.

As idéias da ludicidade, enunciadas por Santin, talvez venham resgatar o ser humano, refém de tanta “responsabilidade”.

Ao serem comparados os dados desta pesquisa, com os resultados anteriores, percebe-se que as atividades domésticas sempre se mantiveram na preferência do que as crianças fazem em casa, seguida logo depois pelas atividades de estudar. Em 1993, houve um decréscimo na escolha pelos estudos, com um simultâneo aumento do interesse por brinquedos e esportes. (Lourenço, 1999). Segundo essa fonte de informação, em 1998 há um interesse crescente pelos estudos entre as crianças, se comparados a 1993. A pesquisa de 1998 mostra ainda que a escolha pelos esportes está ascendente entre as crianças, que já se mostram muito interessadas em jogos eletrônicos, inexistentes num passado próximo. Os jogos e mesmo os esportes são considerados pelas crianças como brincadeira. A partir desses dados, confirma-se, mesmo que reduzido a este estudo, a tendência apontada por Santin, a respeito das buscas alternativas de mudanças do processo de humanização.

. Questão nº 05 – Brinquedo preferido

Nas pesquisas de Antipoff (1930), observa-se a majoritária preferência dos meninos pelo jogo com bola, futebol, principalmente, enquanto as meninas preferem os jogos de regras. Essa preferência das meninas não está distante da segunda preferência por elas apontada, que é o brinquedo de bonecas: o jogo de regras obteve 21,16% e o brinquedo de bonecas, 21,08%. Já quanto aos meninos, há o domínio do jogo com bola (68,95%). A segunda escolha dos meninos nas pesquisas de 1929, em Belo Horizonte, foi de jogos de destreza e de força (12,53%).

Em 1998, nas pesquisas feitas por Campos e sua equipe, percebe-se uma radical mudança nas escolhas das crianças pelo brinquedo. Os meninos preferiram os

jogos eletrônicos (51,3%), enquanto a segunda preferência recaiu em jogos com bola (futebol) 23,1%. As meninas preferiram as brincadeiras com bicicletas/carro/patins (20,5%) e como segunda escolha apontaram os jogos com bola (18,5%). É interessante observar que em 1929, nenhuma menina escolheu bicicleta/carro/patins, e apenas 6,2% escolheram o jogo com bola.

Nas pesquisas realizadas na cidade de Montes Claros, em 2001, observou-se que as escolhas dos meninos e meninas têm mais similitude com as escolhas de 1929 do que com as de 1998. 46,2% dos meninos apontaram o jogo com bola/peteca, como a brincadeira preferida, enquanto as meninas (44,1%) preferem brincar de boneca/casinha. A segunda escolha das meninas (19,4%) foi por jogos com bola (vôlei, peteca) e a segunda escolha dos meninos foi por bicicleta/skate/carro/patinete. Os jogos eletrônicos e jogos tranquilos foram apontados como brincadeira preferida por 8,6% das meninas e 21,5% dos meninos. Outras atividades como escolinha/atividades intelectuais, jogos de regras, brincar com animais e cavalgar tiveram uma preferência bem aquém das primeiras escolhidas. (Veja TAB. 5)

TABELA 5

Brinquedo preferido, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001.

Brinquedo	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 (%)	
	A		B		C		M	F
	M	F	M	F	M	F		
Bicicleta, carro, skate, patins	36,3	33,3	8,7	9,4	32,3	10,9	24,6	14,0
Bolas: vôlei, peteca, futebol	27,3	20,0	39,2	21,9	58,1	17,4	46,2	19,4
Jogos eletrônicos	18,2	-	47,8	18,7	3,2	4,3	21,5	8,6
Jogos de regra	9,1	-	4,3	-	-	-	3,1	-
Jogos tranqüilos	-	13,4	-	12,5	-	4,3	-	8,6
Atividades intelectuais	-	-	-	6,3	6,4	4,3	3,1	4,3
Boneca, casinha	-	33,3	-	31,2	-	56,5	-	44,1
Animais	-	-	-	-	-	2,2	-	1,0
Cavalgar	9,1	-	-	-	-	-	1,5	-

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros

Ao se olhar tais preferências, pelo ângulo das classes sócio-econômicas, percebe-se que não há diferenças marcantes de escolha, entre as classes. Apenas no caso dos meninos houve uma preferência da classe ‘A’ por bicicleta/skate/carro/patinete (36,3%) e os meninos de classe ‘B’ preferiram jogos eletrônicos (47,8%).

No caso das meninas as preferências, em todas as classes sociais, em se tratando das brincadeiras foi por boneca/casinha.

O que se pode concluir dos dados apresentados é que, se houve uma mudança significativa entre os brinquedos preferidos pelas crianças no período de 1929 a 1998, o fato, além de não se confirmar na pesquisa de 2001, ainda reforça a tendência

do “retorno” aos brinquedos preferidos em 1929. Os jogos eletrônicos, tão em prestígio em 1998, perdem lugar para brinquedos mais “simples”.

Bolle, comentando Walter Benjamin (1984), contribui da seguinte forma:

De uma maneira geral, os brinquedos documentam como o adulto se coloca com relação ao mundo da criança. Há brinquedos muito antigos, como bola, roda, roda de penas, papagaio, que provavelmente derivam de objetos de culto e que, dessacralizados, dão margem para a criança desenvolver a sua fantasia. E há outros brinquedos, simplesmente impostos pelos adultos enquanto expressão de uma nostalgia sentimental e de falta de diálogo. Em todos os casos, a resposta da criança se dá através do brincar, através do uso do brinquedo, que pode enveredar para uma correção ou mudança de função. E a criança também escolhe os seus brinquedos por conta própria, não raramente entre os objetos que os adultos jogaram fora. As crianças ‘fazem a história a partir do lixo da história’. Isto é o que os aproxima dos ‘inúteis’, dos ‘inadaptados’ e dos ‘marginalizados’.
(Benjamin, in: Introdução: 1984)

O que Benjamin diz, pode-se ver nas respostas da criança. Brincar é o que importa. Se o brinquedo é feito por ela mesma ou por um adulto não é o que define o brincar da criança. A criança das décadas de 30 e 40 usava mais as brincadeiras (pique, roda, subir em árvores, etc.) e brinquedos feitos por ela mesma e a de hoje tem mais à sua disposição brinquedos fabricados por adultos, mas o que vale sempre a pena é brincar, como dizem as crianças desta pesquisa, ao serem perguntadas sobre a atividade preferida em casa.

. Questão nº 06 – Livros Preferidos

Ao fazer a análise das respostas dadas pelas crianças sobre os “livros preferidos”, em 1934, Antipoff revela que esperava surpresas agradáveis, já que em 1929 não havia ainda, no mercado, livros apropriados às crianças, o que, em 1934 já é uma realidade. O que acontece, entretanto, é que as respostas das crianças revelam um dado muito aquém da expectativa desta pesquisadora. O que Antipoff percebe, principalmente, é que o gênero de leitura preferido pelas crianças é “muito pueril”,

assim como em 1929. A leitura que as crianças disseram preferir não ultrapassava os “Contos da Carochinha”, fazendo com que a autora comentasse que, apesar da expectativa criada, a “leitura não deixa de ser muito apropriada para alunos dos primeiros anos escolares.”

Comentário feito por Antipoff que merece destaque é:

Observamos, por outro lado, que a leitura das crianças se ressentia da falta de melhor orientação e de certa vigilância, pois alguns livros considerados impróprios para as bibliotecas infantis, por encerrarem más aventuras, crimes e cenas horripilantes, foram indicados pelos nossos escolares como seus preferidos, junto de outros igualmente impróprios para adolescentes: por exemplo, o “Seminarista”, de Bernardo Guimarães.

Tanto em 1934, como em 1929, os livros escolhidos pelas crianças, nas pesquisas de Antipoff e sua equipe, foram agrupados da seguinte forma:

1) contos de fadas; 2) livros de leitura; 3) aventuras; 4) livros científicos; 5) livros históricos; 6) livros religiosos; 7) almanaque; 8) romances e 9) livros não classificados. Os livros preferidos pelas crianças, tanto em 1929, quanto em 1934, foram os contos de fadas, obtendo em 1929, 74,4% de preferência das meninas e 53,37% da preferência dos meninos e em 1934, a percentagem feminina foi de 62,2% e a masculina 49,6%. Pode-se observar que, em 1934, o gosto pela leitura dos contos de fadas começa a decrescer. Outros tipos de leituras como leitura escolar, aventuras, livros científicos e religiosos começam a predominar em 1934.

Em 1944, a pesquisa realizada por Antipoff e sua equipe demonstra a realidade que emerge a partir de 1934. A preferência pelos “contos de fadas diminui e aumenta o gosto pelas “aventuras” que de 10,4% entre os meninos em 1929, passa a 23,3% em 1944 e entre as meninas passa de 4,6% a 10,1%.

Um fato que surpreende Antipoff e sua equipe é que, em segundo lugar para as meninas e em quarto para os meninos, aparece a “leitura escolar”. Lustosa (1951), relata:

...o que parece revelar o manejo de poucos livros recreativos. Sabemos que no meio social pouco favorecido as crianças lêem pouco. Embora os grupos escolares disponham de bibliotecas para os alunos, os afazeres domésticos, a falta de luz elétrica em casa, não lhes permitem entregar-se à leitura...

Esta afirmação de Lustosa de que as condições das crianças de meio social pouco favorecido interferem nos hábitos de leitura, é, ainda hoje, uma realidade. Sabe-se que as crianças lêem pouco em casa, não por falta de luz elétrica, mas por falta de incentivo dos pais que também não têm acesso a leituras e às vezes são semi-analfabetos, sem contar que a maioria das crianças pobres, aos 10 anos de idade ou até menos, já ajudam no sustento da família. Outro fator que interfere para a falta de leitura entre as crianças é a televisão. Durante o dia são exibidos programas infantis, tidos até como deseducativos, que atraem a atenção das crianças. Ao serem questionadas sobre atividade preferida em casa, tanto meninos quanto meninas apontaram a televisão como a segunda atividade preferida. A leitura foi citada por 9,3% das crianças como atividade preferida, sendo que os meninos, somente os da classe ‘C’ disseram gostar de ler em casa e, em muitas das citações, foram apontadas as leituras escolares.

Lustosa complementa:

Romances, histórias de animais e reais, almanaques e jornaizinhos são raramente indicados, embora se saiba que os “Gibis”, e “Globos Juvenis” aparecem freqüentemente nas mãos de nossos escolares. Acreditamos que, sabendo condenada pelas professoras e por pais criteriosos a leitura desses jornaizinhos, as crianças receiam talvez mencioná-los. Um pequeno declarou, mesmo: “minha professora não gosta, mas é o que me agrada (“Gibi”)

Em 1998, as leituras preferidas pelas meninas foram os romances (20,5%) e os livros de aventura (17,2%). Os meninos apontam como preferência os livros de

aventura (25,6%) e as histórias de suspense obtiveram entre eles o segundo lugar preferencial (16%).

No relato de Lourenço (1999),

Os contos de fadas foram os grandes preferidos pelas crianças de acordo com as pesquisas realizadas entre 1929 e 1944, preferência que segundo Guerra (1996) ainda se mantinha nas crianças pesquisadas em 1993. Estes, embora ainda mencionados, receberam em 1998 uma porcentagem menor dos votos das crianças, ficando em terceiro lugar na escolha das meninas (13,9%) e em quarto lugar na escolha dos meninos (8,3%).

Os livros menos escolhidos pelas crianças belo-horizontinas, em 1998, foram os contos, poesias, religiosos e morais, históricos e biográficos. Já em 1930, Antipoff verificava que tais leituras não despertavam interesse nas crianças.

A mudança considerável ocorrida desde as pesquisas de Antipoff em 1929 até as pesquisas de Campos em 1998, refere-se ao aumento de interesse por parte das crianças por livros de aventuras, suspense e romances, segundo relato de Lourenço em 1999. Outro ponto citado é a ocorrência de uma maior variedade de livros e de categorias de leituras escolhidas pelas crianças nas pesquisas mais recentes.

Em 2001, na pesquisa realizada em Montes Claros, ocorre um fato, no mínimo interessante. As crianças, tanto meninos quanto meninas, apontam como leitura preferida a literatura clássica / contos de fadas. (ver classificação das leituras nos anexos) 24,6% dos meninos e 47,3% das meninas dizem preferir este tipo de leitura. O segundo lugar na escolha dos meninos foi a leitura de livros e filmes de ação/violência (16,9%). Eles dizem simplesmente “gosto de livros e filmes de ação e de violência” e para as meninas os romances/dramas são a segunda espécie de leitura preferida (14,0%). O fato novo, acima citado, é o interesse das crianças por leituras que já haviam deixado de estar na preferência das crianças há muitos anos. O que estaria levando as crianças a

preferirem tipos de leituras tão “antigas”?

Quando se analisa a escolha das crianças pela ótica sócio-econômica, também ocorrem surpresas. Por exemplo, entre as meninas, as de classe ‘A’ apresentam uma porcentagem de 26,7% de preferência pelos livros clássicos /contos de fadas, as de classe ‘B’ 50% e as de classe ‘C’ 52,2%. Fica-se o questionamento: por que à medida que a situação sócio-econômica vai diminuindo, o interesse por este tipo de leitura (clássica) vai aumentando?

A categoria romance/drama não foi escolhida por nenhum menino da classe ‘A’, nem da classe ‘C’, enquanto os livros de ação/violência empataram com os clássicos na escolha dos meninos da classe ‘A’ (27,3%). Os de suspense/terror ficaram em primeiro lugar na escolha dos meninos da classe ‘B’ e os didáticos ficaram em segundo entre os meninos da classe ‘C’, só perdendo para os clássicos.

Quanto aos meninos da classe ‘B’, houve empate entre os livros clássicos e os religiosos (13,1%). Nenhum dos meninos, de nenhuma das classificações, escolheu a categoria “poesia” como leitura de interesse e entre as meninas apenas 3,1% da classe ‘B’ e 2,2% da classe ‘C’ escolheram “poesias” como leitura predileta. Deduz-se que este tipo de leitura não é assimilável, nem incentivada na sociedade produtivista de hoje, que refreia manifestações baseadas na subjetividade literária.

Os gibis/quadrinhos tiveram aprovação de 18,2% dos meninos da classe ‘A’ (2º lugar), 8,7% dos meninos da classe ‘B’ e 9,7% dos meninos da classe ‘C’. Entre as meninas, apenas 2,2% da classe ‘C’ citaram este tipo de leitura como preferida. As da classe ‘A’ e ‘B’ nem chegaram a citar estas leituras.

Os romances/dramas quase não foram citadas como leitura preferida pelos meninos, sendo que apenas meninos da classe ‘B’ (8,7%) o fizeram. Os livros didáticos

ou escolares foram citados apenas por crianças das classes 'B' e 'C', sendo 4,3% dos meninos 'B' e, o que é surpreendente, 22,6% dos meninos classificados em 'C' disseram que os livros didáticos são os preferidos, sendo esta a segunda opção de escolha destas crianças, que só perde para os clássicos (32,2%).

Livros que falam sobre valores, amizades e ética aparecem entre 3,1% dos meninos e 5,4% das meninas. Meninos e meninas da classe 'C' não citaram este tipo de literatura.

As lendas/fantásias foram citadas como leitura preferida por 4,6% dos meninos e 4,3% das meninas, sendo que nem meninos, nem meninas da classe 'A' apontaram este tipo de leitura como preferida.

A pesquisa não pretende realizar uma análise dos títulos dos livros citados pelas crianças, mas, para melhor entendimento das categorias analisadas, pode-se observar e citar:

- Como livros clássicos/contos de fadas: *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Joãozinho e Maria*, *Os Três Porquinhos*, *João e o Pé de Feijão*, *Soldadinho de Chumbo*, *Aladim e os 40 Ladrões*, *Rapunzel*, *A Pequena Sereia*, os livros de Monteiro Lobato, *A Bela Adormecida*, *A Bela e a Fera*, entre outros.

- Como livros de aventuras/ação/suspense: *O Fantasma da Meia Noite*, *Harry Potter*, *O Hóspede Suspeito*, *O Avião Fantasma*, *O Assassinato do Avião à Meia Noite* e *A Sombra*.

No total as crianças citaram 87 títulos. (ver os títulos citados em anexo).

Para uma melhor percepção das escolhas de livros preferenciais das crianças, veja a TAB. 6.

TABELA 6

Tipo de livro preferido, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001

Livro	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 %	
	A		B		C		M	F
	M	F	M	F	M	F		
Clássico/Contos de								
Fadas	27,3	26,7	13,1	50,0	32,2	52,2	24,6	47,3
Romance/Drama	-	13,3	8,7	18,8	-	10,8	3,1	14,0
Suspense/Terror	18,2	13,3	17,4	3,1	3,2	-	10,7	3,2
Lendas/Fantasia	-	-	4,3	3,1	6,5	6,5	4,6	4,3
Didáticos	-	-	4,3	-	22,6	13,0	12,3	6,4
Gibi/Quadrinhos	18,2	-	8,7	-	9,7	2,2	10,8	1,1
Bíblia/Religiosos	-	-	13,1	3,1	-	2,2	4,6	2,2
Aventura/Humor	-	6,7	8,7	6,3	6,5	2,2	6,2	4,3
Ação/Violência	27,3	20,0	13,1	3,1	16,1	8,7	16,9	8,6
Valores/Ética	9,0	13,3	4,3	9,4	-	-	3,1	5,4
Poesia	-	-	-	3,1	-	2,2	-	2,1
Nenhum	-	6,7	4,3	-	3,2	-	3,1	1,1

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros

. Questão nº 07 – Modelos preferidos

Ao serem interrogados sobre com quem se queriam parecer, as crianças de Montes Claros, externalizaram, em primeiro lugar, as mesmas preferências das crianças de Belo Horizonte, na pesquisa realizada em 1993 e 1998. Enquanto as pesquisas de Antipoff revelam a preferência das crianças por se parecerem com modelos familiares (1929 e 1944), as pesquisas de Campos e a presente investigação revelam o desejo das

crianças em se parecerem com pessoas famosas. O trabalho feito em Montes Claros revela os seguintes números: as meninas, de todas as classes sociais querem se parecer com artistas, cantoras (44,1%), e os meninos apresentam o mesmo desejo, acrescentando ainda, jogadores de futebol (38,5%).(Tabela VII).

Dado que, aqui, deve ser considerado, refere-se à preferência colocada em segundo lugar. Nas pesquisas de 1929, 4,4% querem se parecer consigo mesmos e em 1944, esse número sobe para 7,3%. Em 1993 e 1998, o número de crianças com essa preferência sobe para 27,0% e 30,0%, respectivamente.

Na pesquisa, realizada em 2001, essa foi, igualmente, a segunda opção de preferência colocada pelas crianças. 27,7% dos meninos dizem não querer se parecer com ninguém e, sim, consigo mesmos. As meninas (23,6%) também dão a mesma resposta. O que se percebe é que as crianças parecem gostar mais de si mesmas (Ver TAB. 7).

TABELA 7

Modelos de identificação, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau,
em Montes Claros – MG, em 2001

Modelos	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 (%)	
	A		B		C		M	F
	M	F	M	F	M	F		
Familiares	36,3	20,0	17,4	28,1	25,8	15,2	24,7	20,4
Pessoas Famosas: artistas/cantores/ Ioga	36,3	60,0	43,5	46,9	35,5	37,0	38,5	44,1
Colegas/Amigos	-	-	-	3,1	-	8,7	-	5,4
Professores	-	-	-	-	3,2	4,3	1,5	2,2
Jesus/Santos	-	-	8,7	-	3,2	2,2	4,6	1,1
Super-herói	-	-	4,3	-	-	-	1,5	-
Animais	-	-	4,3	-	-	-	1,5	-
Outros	-	-	-	6,3	-	2,2	-	3,2
Ninguém/Consigo	27,3	20,0	21,7	15,6	32,3	30,4	27,7	23,6

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros

A semelhança com os familiares ficou em terceiro lugar nesta pesquisa, o mesmo acontecendo no inquérito de Campos em 1993 e 1998. Em 1929 e 1944 esta escolha ficou em primeiro lugar. Querer se parecer com os familiares, na atual pesquisa teve a preferência de 24,7% dos meninos e 20,4% das meninas. Outras escolhas como querer se parecer com amigos, professores, Jesus/santos, super-heróis, tiveram a preferência de um número mínimo de crianças, como se pode ver na tabela VII.

Dessas escolhas, o desejo de se parecerem com Jesus ou com santos foi manifestado por 4,6% das crianças. Em 1993, nenhuma criança manifestou esse desejo, que foi expresso por 1,6% em 1998, contra 21,6% em 1944. Inclusive, essa foi a

segunda opção escolhida pelas crianças, só perdendo para o desejo de semelhança com os modelos parentais.

Em reportagem assinada por Sílvia Avanzi, a revista *Cláudia*, de outubro de 2001, propõe a seguinte pergunta para um grupo de 28 crianças brasileiras, de variadas regiões do país, (meninos e meninas), com idade variando entre 7 e 11 anos: “Quem você quer ser quando crescer?” Na apresentação da reportagem, Avanzi esclarece: “Crianças de todo o Brasil revelam quem são os ídolos desta geração, que hoje tem entre 7 e 11 anos. No topo da lista estão jogadores de futebol, veterinários e artistas”.

A pergunta apresentada na reportagem engloba duas das questões contidas nas investigações realizadas a partir de Antipoff, até este momento: “Com quem você gostaria de se parecer?” “O que você quer ser quando crescer?”. Na pesquisa atual, 44,1% das crianças (meninas) querem se parecer com artistas, cantores, jogadores etc., (ver lista dos nomes citados pelas crianças em anexo), isto é, com pessoas famosas e, entre os meninos, também em primeiro lugar, aparecem as pessoas famosas (38,5%). O segundo lugar, entre as meninas, situa-se na faixa de modelos parentais (20,4%) e em segundo lugar, os meninos querem se parecer consigo mesmos (27,7%).

Quando interrogados sobre o que querem ser quando crescer, as profissões liberais (advogados, dentistas, médicos, veterinários etc.) lideraram as pesquisas, apresentando uma percentagem de 40,0% entre os meninos e 64,5% entre as meninas. Em segundo lugar, tanto entre meninos quanto entre meninas, ficaram as profissões intermediárias (cantores, artistas, jogadores etc.).

Nas respostas obtidas pela revista *Cláudia* observa-se o seguinte: em um universo de 28 crianças, (15 meninos e 13 meninas), 10 crianças escolheram modelos famosos, sempre com a justificativa de que são pessoas bonitas, de prestígio, talentosas

e vencedoras. Um garoto de 11 anos, de Belo Horizonte disse querer ser como o Guga, entre outras coisas, porque o Guga tem muita garra e é um “cara” humilde. Finaliza: “Legal, também, é ser o número 1”.

Dessas 28 crianças, 7 têm como modelo atletas, jogadores e pilotos da Fórmula 1. Dentre essas crianças, um menino de 8 anos, Rodrigo, se justifica, dizendo: “jogador de futebol, como o Ronaldinho. Mas não quero ser ele, não. Prefiro ser eu mesmo, porque aí ninguém vai confundir a gente. Com o dinheiro compraria as coisas que eu quisesse e também ajudaria os pobres”.

O desejo de se parecer com pessoas da família foi manifestado por 4 crianças, sendo dois meninos e duas meninas. Essas crianças justificam suas respostas dizendo da admiração que têm por essas pessoas e do quanto aprenderam com elas. Diz Clarice de 7 anos: “Quero ser como meu pai, que me ensinou a amar todos os animais...” e Abrahão, de 10 anos: “Eu queria ser como meu avô. Ele ficou órfão, estudou e trabalhou muito, venceu na vida e formou uma família unida”. Um menino, o Samuel é o único nessa reportagem que diz querer ser ele mesmo. Diz: “Eu gostaria de ser eu mesmo, um veterinário: o doutor Samuel”.

Quatro crianças, entre as mais novas (7 e 8 anos), escolheram ser como personagens de estórias da TV, mostrando assim uma vivência situada entre a fantasia e realidade. Apenas a Larissa, de 10 anos, escolheu ser como a professora dizendo: “Quero ser como a minha professora de Português, Cláudia, porque ela tem um jeito diferente de ensinar: conversa bastante, brinca com a gente e é muito simpática”. Uma outra menina, a Fernanda, se justifica da seguinte maneira: “Gostaria de ser Gisele Bündchen, porque ela viaja pelo mundo e é muito bonita. Se eu tivesse muito dinheiro, como a Gisele, ia ajudar os pobres e as crianças sem família”.

Tomando-se como parâmetro de comparação a reportagem de Cláudia, admite-se que as crianças brasileiras, grosso modo, manifestaram-se de maneira similar às crianças desta pesquisa. Mais uma vez se confirma a influência dos meios de comunicação, especialmente da TV, no imaginário das crianças. A maioria, tanto na reportagem da revista, como nesta pesquisa, tem como modelo artistas de TV e querem ser profissionais liberais de curso superior. Na explicação das próprias crianças, essas profissões dão fama, “status” e dinheiro. Outro resultado apontado na reportagem, igualmente detectado nesta pesquisa, refere-se à tendência altruística dos entrevistados. Duas crianças manifestaram o desejo de ajudar os pobres e a família, o que, não deixa de ser, também, neste momento, creditado à TV, promotora de inúmeras campanhas publicitárias, em que os telespectadores, coletivamente, são convocados a engajarem-se em algum tipo de ajuda humanitária.

Uma hipótese a que se chega é que as crianças mudaram os seus ideais em relação a modelos desejáveis em função da mídia. As pessoas que as crianças tinham como modelos em 1929 estavam restritas ao seu âmbito familiar, enquanto em 1993, 1998 e 2001, esses modelos deixam de estar entre as pessoas conhecidas e parentes, para se transferirem para os modelos apresentados pela mídia, como pessoas bonitas, interessantes, famosas e ricas.

De uma certa forma, o que as crianças pesquisadas pela revista *Cláudia* manifestam como ideais e interesses são os mesmo ideais e interesses manifestos pelas crianças desta pesquisa.

. Questão nº 08 – Motivo da escolha por modelos preferidos

As justificativas que as crianças apresentam, para quererem se parecer com alguém, foram as seguintes: 35,4% dos meninos querem se parecer com pessoas que

possuem fama, beleza, força, riqueza. Dessas crianças, 26,2% justificam sua escolha baseada no caráter (admiração, bondade). Idêntico número (26,2%) que querem se parecer consigo mesmos, confessam que é porque se acham bonitos e importantes. Desses, 7,7% querem se parecer com pessoas que amam; 3,0% acham que somos todos iguais e 1,5% têm seu desejo baseado na capacidade de trabalho das pessoas escolhidas. (Ver TAB. 8)

TABELA 8

Motivo da identificação, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001

Motivo	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 (%)	
	A		B		C		M	F
	M	F	M	F	M	F		
Beleza / sucesso	36,4	60,0	43,5	71,8	29,0	43,6	36,4	55,9
riqueza								
Bondade / admiração	36,4	20,0	21,8	9,4	25,8	17,4	26,2	15,0
Se gosta	18,1	20,0	21,8	9,4	32,2	19,6	26,2	16,1
Deus fez assim	-	-	-	9,4	-	13,0	-	9,7
Amor	-	-	4,3	-	12,9	4,3	7,7	2,2
Ensina	-	-	-	-	-	2,2	-	1,1
Trabalho	-	-	4,3	-	-	-	1,5	-
Outros	9,1	-	4,3	-	-	-	3,0	-

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros

A justificativa das meninas não diferencia muito da dos meninos. Segundo a maioria delas (55,9%), a escolha foi feita com base na fama/ beleza/ talento/ popularidade, enquanto 16,1% se acham bonitas e se gostam. Das crianças pesquisadas, 15% das garotas apresentaram motivos altruísticos como: bondade/humildade/. Dessas, 9,7% dizem que Deus as fez assim, 2,2% escolheram se parecer com alguém por amor e 1,1% justificaram sua escolha dizendo que são pessoas que ensinam.

Chama atenção o número de meninos (26,2%) e o de meninas (16,1%), que se acham bonitos (as) e importantes. Desde 1993 o número de crianças que pensam assim vem aumentando. Nas pesquisas realizadas por Antipoff, o número de crianças que queriam se parecer consigo era bastante inferior, sendo 4,4% em 1929 e 7,3% em 1944. Em 1993 esse número sobe para 27% e, em 1998, 32,7% dos meninos e 27,2% das meninas manifestam o mesmo desejo. O resultado pode significar um retorno que se deriva do trabalho de auto-estima que é feito pelas escolas, pelos meios de comunicação e até mesmo pelas famílias.

Nos inquéritos realizados por Antipoff em 1929 e 1944, percebe-se que a preocupação moral é a que mais determina as escolhas dos modelos. Em 1993 e 1998, nas pesquisas de Campos, nota-se que o desejo de se parecer com um determinado modelo está mais próximo de qualidades físicas, que geralmente conduzem ao sucesso. As pessoas belas têm mais facilidade de adquirir fama, riqueza e são mais importantes, segundo estas crianças. Como Campos e sua equipe observaram, o desejo e escolha das crianças estavam “fortemente influenciados pela mídia, escolhendo-se como modelos, sobretudo cantores, atletas e atores da TV”. (LOURENÇO, 1999).

Na pesquisa realizada em 2001, essa realidade permanece basicamente inalterada. A mídia continua influenciando grandemente os sonhos de crianças em todo o país. Hoje, com a globalização e com a “invasão” dos meios de comunicação na maioria dos lares, também não há substancial diferença entre o que pensam e o que desejam crianças de classes sociais diferentes. Os modelos de meninos e meninas da classe ‘A’ são os mesmos dos meninos e meninas da classe ‘C’, já que crianças de ambas as classes assistem aos mesmos programas de TV e vêem e admiram os mesmos artistas.

Pode-se concluir é que há, hoje, via mensagens eletrônicas, uma unificação, ou uma coletivização dos sonhos das crianças. Seja pobre ou rica, resida na capital ou no interior, a criança sonha e almeja os mesmos ideais e têm os mesmos interesses. Mais do que uma questão local, ou regional, essa tendência cresce em escala planetária, gerando, mais das vezes, conflitos emocionais, sociais e comportamentais, especialmente nas crianças.

. Questão nº 09 – Modelos rejeitados pelas crianças

A presente questão foi acrescentada ao questionário original, em 1934. Ao serem inquiridas sobre “com que pessoa não quereria parecer-se” os meninos e meninas, em 1934, apontaram como primeiro modelo indesejado, pessoas conhecidas, amigos, colegas: 22,4% e 29,5% respectivamente. O segundo modelo indesejado, tanto para meninos (17,6%) e meninas (18,5%), são as figuras que representam, segundo Castro (Boletim 17), o “mundo do além”, isto é, “demônio, saci, assombração”. Segundo a autora: “Esse, como diríamos, ‘terror do desconhecido’ parece ser uma peculiaridade da natureza humana, entre nós geralmente alimentada por idéias falsas, próprias para aquietar crianças”.

É interessante observar que essa rejeição por figuras do “além” vai aumentando, conforme demonstra as pesquisas de 1939 e 1944. Em 1944 os meninos apresentam essas figuras como o primeiro modelo rejeitado (22,8%), e as meninas, os colocam em segundo lugar (21,3%). Entre as meninas, a maior rejeição, em 1944, continua sendo as pessoas conhecidas, amigas, colegas. Castro (*Boletim 17*), justifica esta escolha “por pequenas brigas.” Para ela, as meninas “ficam de mal” por questões

insignificantes e isso poderia ser suficiente para que não quisessem se assemelhar às companheiras.

Em 1998, segundo Campos, subsidiando Lourenço e Jinzenji (1999), tem-se que:

... ao serem questionadas sobre a pessoa com quem não gostariam de parecer, pôde-se notar que, em ambos os gêneros, as crianças de 1998 citaram em primeiro lugar, artistas da TV, cinema e música (28,2% dos meninos e 29,8% das meninas). É grande também o número de crianças, sobretudo meninos, que em segundo lugar (16%) não citaram pessoa alguma. Amigos e colegas foram citados em terceiro lugar pelos meninos (22%) e em segundo lugar pelas meninas (22,5%); estas citaram, ainda, pessoas da família em terceiro lugar (15,9%).

A atual pesquisa obteve o seguinte resultado: os meninos escolheram como primeiro modelo de rejeição, figuras familiares (20,0%); como segunda escolha, vieram os artistas, jogadores (18,5%). O terceiro modelo de rejeição ficou para os bandidos, drogados (15,4%), enquanto o número de crianças que não quer se parecer com os colegas vem logo depois do terceiro lugar, numa percentagem de 13,8%. (Veja TAB. 9). Em 12,3% ficou a percentagem de crianças que citaram pessoas colocadas na categoria “outros”, pela incapacidade de defini-las.

TABELA 9

Modelos de identificação negativa, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001

Modelos Negativos	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 (%)	
	A		B		C		M	F
	M	F	M	F	M	F		
Familiares	9,1	6,7	13,0	15,6	29,0	15,2	20,0	14,0
Pessoas Famosas	18,2	26,7	21,8	34,4	16,1	26,1	18,5	29,0
Pessoas feias /más	9,1	20,0	-	9,4	6,5	4,3	4,6	8,6
Colegas / amigos	18,2	6,7	21,8	-	6,5	8,7	13,8	5,4
Pessoas que não gostam	-	-	-	-	9,7	-	4,6	-
Políticos /corruptos	9,1	13,3	-	6,3	3,2	-	3,1	4,3
Bandidos	27,3	-	13,0	-	12,9	-	15,4	-
Pessoas ricas	-	-	-	3,1	-	2,2	-	2,1
Homens	-	-	-	3,1	-	-	-	1,1
Inimigos	-	-	-	-	-	4,3	-	2,1
Outros	9,1	26,7	17,4	15,6	9,7	21,7	12,3	20,5
Ninguém	-	-	-	12,5	-	17,4	-	12,9
Mendigos / Deficientes	-	-	13,0	-	6,5	-	7,7	-

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros

Citações pessoais, mais ou menos assim: “não quero me parecer com Carlos, porque ele é gordo”, não indicam, ou esclarecem quem era “Carlos”. As demais escolhas das crianças foram, em ordem decrescente: mendigos, deficientes (7,7%), pessoas feias e más e pessoas que não gosto (ambos com 4,6%) e políticos (3,1%).

As escolhas ou rejeições das meninas diferem, relativamente. Como primeiro modelo indesejável, apontaram pessoas famosas, como artistas, cantoras

(29,0%), sendo que modelos familiares, entre as meninas colocam-se em terceiro lugar (14,0%). O segundo modelo não desejável pelas meninas foi o que se categoriza aqui como “outros” (20,5%). Nessa categoria existem respostas como: “não quero me parecer com um ateu”, “não quero ser igual a Fernanda”, não quero ser como minha vizinha” etc. Em quarto lugar, as meninas escolheram “ninguém” (12,9%). Isso indica que querem se parecer consigo mesmas. Os outros modelos indesejáveis foram: pessoas más, chatas, mal-educadas (8,6%), amigas, colegas (5,4%), políticos corruptos, bandidos (4,3%), pessoas ricas (2,1%), inimigos (2,1%) e 1,1% das meninas não queriam ser parecidas com homens.

. Questão nº 10 – O “porquê” da resposta anterior

Nas pesquisas de Antipoff (1934 a 1944), os traços predominantes que justificam a rejeição por um determinado modelo, segundo conclusão da própria autora, foram deformidades de caráter, como maldade, covardia, imoralidade, dentre outras. Essa tendência cresceu na década de 1934 a 1944, tendo as crianças - tanto meninos quanto meninas - apresentado uma rejeição cada vez maior por pessoas com falha de caráter. Em 1934, os meninos (26,8%) alegaram este motivo para não desejarem se parecer com determinado modelo. e em 1944, a percentagem dos que assim se justificaram foi de 52,9%. Com as meninas a situação foi idêntica: em 1934, 28,6% e, em 1944, 50,1% apresentaram como modelos indesejáveis pessoas que não possuíam caráter.

Nessas mesmas pesquisas, enquadram-se, em segundo lugar, os “traços físicos”, ou aparentes: eram rejeitadas, pessoas feias, sujas etc.

Em 1998, os meninos já não querem se parecer com pessoas que não tenham qualidades exteriores e estéticas admiráveis (33,0%). Depois da rejeição desses

modelos, indicam as qualidades (ou falta de qualidades) morais (23,7%), seguido de “antipatia” (20,5%). As meninas, diferentemente dos meninos, justificam sua primeira escolha para modelos repulsivos, indicando as pessoas “antipáticas” (32,0%). Em segundo lugar, na opinião das meninas de Belo Horizonte, em 1998, vêm as qualidades morais, isto é, 23,0% das meninas dizem não querer se parecer com pessoas de qualidades morais duvidosas. As qualidades exteriores (beleza/feiúra) tiveram aprovação de 22,5% das meninas.

Na análise deste inquérito percebe-se o que Campos (1996) e Lourenço (1999) já haviam detectado. Lourenço afirma:

Nas pesquisas realizadas entre 1934 a 1944, as qualidades morais eram as justificativas citadas em primeiro lugar para a escolha dos modelos repulsivos das crianças. Aparentemente este é um valor que se encontra enfraquecido hoje, se comparado aos anos anteriores (LOURENÇO, 1999:63).

O elevado índice que as crianças apresentaram nas décadas de 30 e 40, por defeitos de caráter, vem decrescendo. No caso desta pesquisa, crianças da 4ª série do 1º grau, da cidade de Montes Claros, acentuam rejeição por pessoas que não possuem qualidades exteriores que elas julgam importantes, como beleza física ou corpo perfeito. As qualidades morais foram indicadas pelas meninas como o segundo indicador de modelo de rejeição (20,4%) e entre os meninos essas qualidades só vêm em terceiro lugar (10,8%).

Tanto os meninos (53,8%) quanto as meninas (44,1%), apontaram maior rejeição pelas consideradas qualidades estéticas, exteriores. No dizer destas crianças, são pessoas “feias”, “gordas”, “chatas”, dentre outras adjetivações.. As meninas rejeitam em segundo lugar (20,4%) pessoas “falsas”, “egoístas”, “maldosas”, “invejosas”. Vale dizer que, para as meninas, as qualidades morais ou de caráter ainda

[RHdFC2] Comentário: O que você quer dizer aqui? Não entendi a frase. (TENTEI EXPLICAR. ESTÁ OK? CLÉO)

têm expressivo valor, perdendo apenas para as qualidades exteriores: beleza, fama, popularidade. Tudo leva a crer que a TV, novamente lembrada como causa, tem contribuído para a formação desse juízo de valor, ao veicular, massivamente, a imagem de pessoas belas, famosas, populares, como pessoas vencedoras.

Na opinião dos meninos, o que é mais importante, depois das qualidades estéticas, são as qualidades religiosas/morais (16,9%). Eles não querem se parecer com determinadas pessoas porque “são corruptas, porque não rezam”, “não vão à igreja, são pecadoras, desonestas”, “não respeitam a Bíblia e roubam” etc. Somente 10,8% dos meninos apontaram os defeitos de caráter (pessoas maldosas, egoístas, falsas) como motivos para rejeitarem determinados modelos. Dentre esses meninos, 7,7% não querem se parecer com pessoas “fofoqueiras” e “briguintas”, sendo essa a mesma percentagem para respostas categorizadas nesta pesquisa como “outros”. São respostas como: “não sei” “não pode ter filhos” etc. Pobreza foi um motivo apresentado por 3,1% dos meninos para não quererem se assemelhar com determinadas pessoas, como se vê na TAB. 10.

TABELA 10

Motivo da identificação negativa, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001

Motivo	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 (%)	
	A		B		C		M	F
	M	F	M	F	M	F		
Qualidades exteriores	36,3	33,3	52,1	59,4	61,3	37,0	53,8	44,1
Defeitos de caráter	36,3	46,7	4,3	15,6	6,5	15,2	10,8	20,4
Questões religiosas	18,2	6,7	17,4	3,1	16,1	2,2	16,9	3,2
Questões de educação	9,1	-	8,7	-	6,5	6,5	7,7	4,3
Pobreza	-	-	4,3	-	3,2	-	3,1	-
Indecente	-	-	-	6,3	-	8,7	-	5,4
Rouba	-	13,3	-	-	-	-	-	2,2
Questões pessoais	-	-	-	3,1	-	21,7	-	11,8
Não responderam	-	-	-	12,5	-	8,7	-	8,6
Outras	-	-	13,0	-	6,5	-	7,7	-

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros

Um total de 11,8% das meninas justificaram sua escolha dizendo: “não gosto”, “não faz o meu tipo”, o que coloca essa categoria em terceiro lugar entre elas. 8,6% das meninas não responderam, 5,4% dizem que não querem se parecer com pessoas “indecentes” que “falam palavrão”, enquanto 4,3% rejeitam pessoas “briguintas”, “mal-educadas” e 3,2% indicam questões religiosas para sua rejeição. As meninas apontam, ainda, questões morais, como “é feio roubar” (2,2%), para justificar sua escolha.

O que se percebe nesta pesquisa, em relação aos estudos realizados por Antipoff, nas décadas de 30 e 40 é que as qualidades morais deixaram de ser a maior

preocupação das crianças. Ao rejeitarem dado modelo, as crianças, hoje pesquisadas, valorizam mais as qualidades ou defeitos exteriores e estéticos, valores esses, perfeitamente entendidos numa sociedade, onde o “culto ao corpo” passa a ser quase uma “religião” ou uma obrigação.

Palma, ao refletir sobre outros “modos de olhar”, diz: “...o capitalista produz o produto e o consumo, através da estimulação do desejo”.

E, ainda, “O corpo não se manifesta apenas como veículo da aparência, mas, antes, como lugar de sedução, fascínio, criação de pactos estéticos que engendram o amor, o prazer, etc.”.

Enfatiza o autor: “O corpo é hoje, ao mesmo tempo, ‘consumidor’ e ‘objeto de consumo’.”.

No mesmo texto, citando Glassner, justifica:

O mercado do corpo é realmente grande e, parece, em plena expansão. Além da atividade física pode-se, ainda, observar a grande quantidade de cirurgias plásticas realizadas. Nos Estados Unidos, no mercado da perda de peso gasta-se em torno de US\$ 10 bilhões anualmente e as cirurgias plásticas duplicaram entre 1981 e 1987 e movimentam atualmente US\$ 5 bilhões ao ano. (In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* – v.22 nº2 janeiro 2001 – pg. 25 a 28).

Desta forma, quando as crianças, hoje, dão mais importância aos aspectos físicos e estéticos, apenas reproduzem conteúdos ideológicos que a sociedade valoriza e que lhes são apontados como importante fator que vai definir o sucesso.

. Questão nº 11 - O que quer ser quando for grande?

Quando a pesquisa foi realizada, pioneiramente por Antipoff e suas colaboradoras, em 1929, as crianças escolheram as profissões liberais como aquelas que desejavam exercer quando adultos. A percentagem dessa preferência foi de 51,3% entre os meninos e 70,2% entre as meninas. Essa tendência volta a se repetir nas pesquisas

posteriores. Em 1934, 52,7% dos meninos e 65,1% das meninas responderam que queriam ser engenheiros (as), médicos (as) ou advogados (as). A profissão de aviador também está entre as preferidas por essas crianças.

Em 1944, 48,4% dos meninos e 53,6% das meninas continuam a escolher essas profissões, sendo que, entre meninos e meninas aparece, ainda, como escolha profissional o sacerdócio e a vida religiosa (freira). O desejo de seguir carreira militar também foi citado em 1939 e aumentado em 1944, pelos meninos. As profissões intermediárias, como comerciante e guarda-livros, igualmente foram lembradas pelos meninos. As meninas mostraram pouco interesse por essas profissões, preferindo a datilografia. Profissões manuais estão em terceiro lugar na escolha dos meninos e em segundo na das meninas. Dentre essas profissões as mais citadas pelos meninos foram as de mecânico, chofer, alfaiate e marceneiro. As meninas preferem a costura, o bordado e a profissão de professora.

De acordo com Antipoff (*Boletim 17*), “os interesses do elemento masculino são mais variados e dispersivos”. As meninas citam bem menos profissões que os meninos, mas “nota-se que a variedade das profissões escolhidas tem crescido sempre”, alerta Antipoff. Uma análise conduzida pela equipe de Antipoff, publicada no mesmo *Boletim*, conclui:

O acentuado predomínio das carreiras liberais, tratando-se de crianças de meio social pobre, além da indicação de ocupações vagas e de afazeres que não chegam a ser profissões (respostas deficientes, não classificadas), nos levam a pensar na superficialidade do julgamento de nossas crianças – não se percebe em sua escolha nenhuma orientação baseada em suas inclinações, possibilidades e aptidões.

Em 1998, a escolha de profissões liberais (39,7%), só vem em segundo lugar, cedendo espaço para as profissões intermediárias (48%), entre os meninos. Das escolhas feitas pelos meninos, a de jogador de futebol predomina.

Entre as meninas, 74,2% mencionaram o desejo de terem profissões de nível superior (liberais), sendo que as profissões intermediárias ficaram em segundo lugar (23,7%), “tendência esta que não sofreu alterações de acordo com as pesquisas realizadas nos anos anteriores”, diz Lourenço (1999).

As escolhas predominantes neste quesito permanecem as mesmas que as encontradas em 1998. Entre os meninos, 40,0% apontaram as profissões liberais de nível superior como as preferidas. (ver a relação das profissões citadas por categorias, anexa). O que difere é a variedade de profissões citadas pelas crianças. Elas citam como profissões escolhidas: advogado, dentista, médico, engenheiro, veterinário, administrador, economista, arqueólogo e cientista. O segundo lugar, na opinião dos meninos, é o mesmo das pesquisas anteriores, isto é, 32,3% dos meninos, em 2001, citaram as profissões intermediárias (jornalista, jogador, ator, cantor, comerciante), como desejadas. Em terceiro lugar, apresentando um índice de 6,2%, vieram as profissões manuais (mecânico, pedreiro, pintor), sendo que estas escolhas aconteceram apenas entre crianças das classes sociais ‘B’ (4,3%) e ‘C’ (9,7%). Mesmo assim, as preferências dessas crianças ‘B’ (56,5%) e ‘C’ (25,8%) concentram-se nas profissões liberais.

Percebe-se, ainda, que entre os meninos da classe ‘C’ a escolha por profissões liberais é menor que entre os meninos da classe ‘B’. Para os meninos da classe ‘C’ a primeira escolha foi para as profissões intermediárias, o que parece dizer que o anseio de se ter um curso de nível superior está tão distante da realidade em que se encontram, que preferem almejar metas mais viáveis. Essas crianças, classificadas como classe ‘C’, são socialmente pobres, vivendo, no mais das vezes nas periferias da cidade, ou mesmo em favelas. Profissionalmente, os genitores podem ser enquadrados

como pedreiros, serviçais, carregadores de caminhão, eletricitas, mecânicos etc., quando não estão desempregados. As mães são lavadeiras, serviçais e empregadas domésticas. Para uma criança, de 10 anos de idade, cursando já a 4ª série, que vive nesse ambiente de pobreza, o sonho de ter uma vida rica e abastada já começa a se diluir.

Com 4,6% estão as profissões de desenhista, artes cênicas, assim como as de vendedor/funcionário (4,6%) e a de professor (4,6%). Ser polícia é o desejo de 3,1% dos meninos, alcançando o mesmo índice (3,1%) a profissão de caminhoneiro. Uma criança apontou o desejo de ser traficante, o que pode, de certo modo, revelar a realidade em que vive, já que é uma criança de escola localizada em um bairro de periferia, muito pobre. Possivelmente, essa criança acredita que o traficante de drogas ganhe muito dinheiro, estimulado pelos noticiários que mitificam a figura do transgressor como defensor dos oprimidos e espécie de herói das favelas brasileiras. Ou pode indicar, simplesmente, uma manifestação infantil de brincadeira (Veja TAB. 11).

[RHdFC3] Comentário:
Tabela X ou XI? Verificar
numeração. (TABELA XI –
CORRIGIDO. OK. CLÉO)

TABELA 11

Escolha profissional, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001

Profissão	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 (%)	
	A		B		C		M	F
	M	F	M	F	M	F		
Liberal	45,5	93,3	56,5	59,3	25,8	58,7	40,0	64,5
Intermediária	45,5	6,7	21,8	28,1	35,5	8,7	32,3	13,9
Professor/a	-	-	-	6,3	9,7	21,7	4,6	12,9
Desenhista	-	-	4,3	6,3	6,5	-	4,6	2,2
Trabalhador/a	-	-	-	-	-	4,3	-	2,2
Técnica/manual	-	-	4,3	-	9,7	-	6,2	-
Caminhoneiro	-	-	-	-	6,5	-	3,1	-
Polícia	9,1	-	-	-	3,2	6,5	3,1	3,2
Funcionário/a	-	-	8,7	-	3,2	-	4,6	-
Traficante	-	-	4,3	-	-	-	1,5	-

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros

As meninas, nesta pesquisa, demonstraram o mesmo desejo que as meninas de Belo Horizonte, pesquisadas em 1998. Querem ser profissionais liberais de nível superior (64,5%). As profissões citadas por elas são: médica, advogada, veterinária, enfermeira, dentista, engenheira, arquiteta, diplomata, arqueóloga, astrônoma, cientista. Interessa notar que essas escolhas foram as preferidas por meninas de todos os estratos sociais, sendo que na classe 'A', a percentagem foi de 93,3%, na 'B' 59,3% e na 'C' 58,7%. Vê-se, aqui, o mesmo fenômeno observado nos meninos, qual seja, o número de meninas que escolhem as profissões liberais vai diminuindo à medida que o nível sócio-econômico vai decrescendo.

Mais uma vez, pode se perceber que não há uma diferença substantiva entre escolhas feitas pelas crianças das diferentes classes sócio-econômicas.

A segunda escolha das meninas foi pelas profissões intermediárias, num total de (13,9%). Citam profissões tais como, cantora, atriz, jogadora, jornalista, escritora, modelo. 12,9% das meninas escolheram ser diretoras, professoras ou secretárias. O desejo de ser detetive/polícia, foi apresentado por 3,2% das meninas, estando elas situadas na classe social 'C'. Outra realidade dos tempos atuais que se percebe: profissões ligadas à educação não são mais almejadas por crianças de estratos sociais elevados, já que nenhuma menina da classe social "A" fez escolha nesse sentido.

Profissões ligadas às artes, tais como desenhista e artista plástica, foram escolhidas por 2,2% das meninas do estrato social 'B'. Também 2,2% das meninas da classe 'C' manifestam o desejo de tornarem-se "apenas" trabalhadoras.

. Questão nº 12 – Motivo para a escolha da profissão

Em 1929, Antipoff (*Boletim 17*), faz crítica às respostas dadas pelas crianças sobre o motivo que as levou a escolher determinada profissão. Diz: "...cerca de 70% das meninas e 50% dos meninos davam uma resposta global demasiado vaga, sem se preocupar com a análise da escolha feita". As crianças diziam apenas: "porque é profissão boa", "porque é bonita", "porque gosto". Em 1944, segundo esse mesmo boletim, esse tipo de resposta continua predominando, porém em percentagem menor (45,6% das meninas e 32,6% dos meninos).

Nesse período (1929 a 1944), outros motivos apresentados pelas crianças, do sexo masculino, em Belo Horizonte, foram: de ordem financeira, desejo de servir, de trabalhar pela pátria (20,4%), desejo de voar, viajar, ver o mar (4,6%), preocupação religiosa, motivos altruísticos, como socorrer a família, os pobres (3,4%). Detectou-se,

também, motivos de caráter egoístico, como, “é trabalho leve, fácil”, além de motivos que indicavam tradição: “é a profissão de meu pai”, . O que se mostra curioso, para Antipoff, é que o motivo “porque é minha vocação”, que deveria aparecer em primeiro lugar, só se revela em décimo, com um índice de 2,5%.

As meninas pesquisadas por Antipoff se mostram “menos positivas ou esclarecidas”. Dão ênfase para o pendor maternal: “cuidar de crianças, ensinar” (terceiro lugar). As meninas se mostraram mais altruísticas e menos patriotas que seus companheiros. Elas são motivadas mais para “socorrer os pobres, a família”, do que “servir à pátria”. Entre as meninas aparecem, ainda, motivos de ordem intelectual: “para aprender mais, ser ilustre”. Interessante é que, enquanto entre as meninas esse motivo aparece em 6º lugar, nos meninos ele só se revela em 12º lugar.

O que se percebe é que, em 1944, crescem as justificativas coerentes, mais ligadas às profissões. Paralelamente, respostas evasivas, como, por exemplo, “porque é uma profissão boa”, tendem a diminuir, no transcorrer do tempo.

Outra observação feita por Antipoff é que a escolha feita por profissões liberais, em 1929, por crianças pobres, “já não aparece em tão grande escala” em 1944, quando as profissões intermediárias e manuais começam a sobressair.

Em 1993 e 1998, o motivo que as crianças - tanto meninos (62,8%) quanto meninas (67,0%) - apresentam, para justificar sua escolha profissional, é o gosto pela profissão. Lidar com crianças continua valorizado entre as meninas, que colocaram esse motivo em 2º lugar (8,6%). Ajudar a família aparece, entre as meninas, em terceiro lugar (6,6%).

Os meninos colocam como segunda motivação questões financeiras (9,6%) e ajudar a família (4,5%), como terceira. Esses dados estão no trabalho apresentado por

Lourenço (1999), que acrescenta: “Essas diferentes tendências de acordo com o gênero, podem ser indício do que se encontra na literatura: as meninas se orientariam mais por valores expressivos e os meninos por valores racionais”.

As crianças de Montes Claros, no início do terceiro milênio apresentam suas justificativas para escolha da profissão, de uma maneira, no mínimo, curiosa. Tanto meninos quanto meninas têm as mesmas justificativas, isto é, são movidos pelos mesmos interesses. Entre os meninos, 50,8% querem determinada profissão porque: “gosto”, “admiro”, “meu sonho”, “acho legal”, “é uma profissão interessante”, sendo esse o primeiro motivo por eles apresentado. Poder-se-ia admitir que, ao responder assim, as crianças estariam demonstrando uma certa “vocação”, confirmando pressupostos já estabelecidos anteriormente por Antipoff. Acredita-se que ao dizer “eu gosto” ou “eu admiro” ou ainda “é meu sonho”, as crianças estariam tentando dizer que esta é a vocação delas, pelo menos em certo momento, já que a idade de 10 anos não assegura à criança, de forma geral, a certeza de uma escolha profissional madura ou definitiva.

A segunda opção dos meninos para justificar suas escolhas está diretamente ligada a questões econômicas/financeiras (20,0%). Dizem eles: “é lucrativa”, “traz fama e sucesso” “dá muito dinheiro”. Paralela a essa justificativa, também com 20,0%, aparecem os motivos altruísticos: ajudar a família e os pobres. Por tradição, porque é a “profissão do pai”, surge logo após, com 4,6% de percentagem. 3,1% dos meninos não responderam e 1,5% dizem que são movidos pela curiosidade. O que se observou, mais uma vez, é que não houve uma diferença significativa entre as justificativas dadas pelas crianças das três classes sócio-econômicas. Meninos de todas as camadas sociais apresentaram os mesmos motivos para ter escolhido determinada profissão. Interessante

notar é que “ajudar os pobres” aparece como motivo dominante entre os meninos das classes ‘B’ (21,8%) e ‘C’ (22,6%) contra 9,1% dos meninos da classe ‘A’. (Veja TAB. 12).

Os resultados chamam a atenção no sentido de se perceber que quanto menos se tem, materialmente falando, mais se quer ajudar, o que pode denotar que o desejo de ajudar ao próximo, nessas crianças, pode estar diretamente ligado a uma certa noção de solidariedade, já que são situações vivenciadas por eles próprios.

Entre as meninas, os motivos diferem, minimamente, dos motivos apresentados pelos meninos. O primeiro lugar na justificativa da escolha da profissão foi idêntico: “porque gosto”, “é meu sonho” “acho legal” (46,2%). Em segundo lugar, as meninas colocam motivos econômicos e, numa percentagem bem maior que os meninos, (31,2% contra 20,0%). “Ajudar a família”, “salvar pessoas” e “ensinar aos outros”, entre as meninas, obteve 18,3% de percentagem (3º lugar). Questões intelectuais, que entre os meninos nem aparecem como preocupação fundamental, obtendo índice zero, surgem, em 4º lugar, com 2,1% entre as meninas. Em 5º e 6º lugares, com a mesma percentagem (1,1%) surgem as seguintes motivações: “requer luta/dificuldade” e “meu pai pediu”. Também entre as meninas não há disparidade dos motivos entre os estratos sócio-econômicos.

Porque gostam da profissão é citado por 53,3% das meninas classificadas em ‘A’, 62,5% das meninas classificadas em ‘B’ e 32,6% das meninas classificadas em ‘C’. 20,0% das meninas dos estratos sociais ‘A’ se justificam dizendo que é uma “profissão lucrativa, que traz fama e poder”, enquanto essa mesma justificativa é citada por 21,9% das meninas do estrato social ‘B’ e 41,3% das meninas do estrato social ‘C’. Aqui, pode-se verificar que o interesse econômico é superior entre as meninas mais

pobres, o que é perfeitamente justificável, já que, por viverem numa sociedade capitalista, acreditam que só através do dinheiro podem vencer na vida.

Os motivos altruísticos são apresentados por 20,0% das meninas da classe 'A', por 12,5% das meninas da classe 'B' e por 21,7% das meninas da classe 'C'. Vê-se que as meninas da classe 'C' e 'A' foram movidas por mais motivos altruísticos do que as meninas da classe 'B'.

TABELA 12

Motivo da escolha profissional, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001

Motivos	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 (%)	
	A		B		C		M	F
	M	F	M	F	M	F		
Gosta, Acha legal, traz fama...	81,8	53,3	43,5	62,5	45,1	32,6	50,8	46,2
Lucrativa	9,1	20,0	26,0	21,9	19,3	41,3	20,0	31,2
Altruísmo: ajudar, salvar...	9,1	20,0	21,8	12,5	22,6	21,7	20,0	18,3
Tradição	-	-	4,3	-	6,5	-	4,6	-
Curiosidade	-	-	4,3	-	-	-	1,5	-
Requer luta dificuldade	-	6,7	-	-	-	-	-	1,1
Conhecimento	-	-	-	3,1	-	2,2	-	2,1
O pai pediu	-	-	-	-	-	2,2	-	1,1
Não responderam	-	-	-	-	6,5	-	3,1	-

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros

. Questão nº 13 – Que presente gostaria de ganhar?

Nessa questão, as crianças apresentam uma grande variedade de respostas.

Por isso, tentou-se, como recurso metodológico, agrupar essas respostas por sua proximidade, ou sua semelhança, como se pode ver na TAB. 13:

TABELA 13 - Presente desejado no aniversário, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001

PRESENTE	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 (%)	
	A		B		C			
	M	F	M	F	M	F	M	F
Bicicleta, moto, skate, patins	45,4	6,7	26,1	18,7	29,0	47,8	30,8	31,2
Brinquedos eletrônicos	36,3	6,7	39,1	9,4	12,9	2,2	26,2	5,4
Bonecas, ursinhos, carrinhos, bola, etc	9,1	6,7	13,0	28,1	25,8	21,7	18,5	21,6
Roupas, sapatos	9,1	-	-	9,4	12,9	-	7,7	3,2
Material escolar	-	-	-	-	3,2	4,3	1,5	2,1
Bíblia	-	-	4,3	-	6,5	-	4,6	-
Animais	-	6,7	-	9,4	-	-	-	4,3
Qualquer coisa, nada	-	6,7	4,3	-	-	8,7	1,5	5,4
Instrumentos musicais	-	-	-	3,1	6,5	6,5	3,1	4,3
Porta-jóias	-	-	-	-	-	2,2	-	1,1
Amor, felicidade	-	26,6	-	12,5	-	-	-	8,6
Celular	-	6,7	-	3,1	-	-	-	2,1
Viagem	-	20,0	-	-	-	-	-	3,2
Amigos	-	-	-	-	-	2,2	-	1,1
União-pai e mãe	-	-	-	3,1	-	-	-	1,1
Bom-bom	-	-	-	-	-	2,2	-	1,1
Dinheiro	-	6,7	-	3,1	-	-	-	2,1
Livros	-	6,7	-	-	-	2,2	-	2,1
Casa	-	-	8,7	-	-	-	3,1	-
Saúde	-	-	4,3	-	-	-	1,5	-
Aquário	-	-	-	-	3,2	-	1,5	-

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros.

Para os meninos os presentes que apresentaram o maior número de adesão foram: bicicleta, mini-bug, mini-moto, skate e patins. Esses brinquedos obtiveram 30,8% das respostas dos meninos. Em segundo lugar, com 26,2% das respostas dos meninos, estão os brinquedos eletrônicos/computadores. 18,5% dos meninos querem ganhar de presente brinquedos como: carrinho, trem-de-ferro, bola, jogos. Roupas (uniformes de times e de super-heróis) e sapatos, foram os presentes escolhidos por 7,7% dos meninos. Logo depois, os meninos escolheram como o presente ideal uma bíblia sagrada (4,6%). Em sexto lugar, houve um empate entre instrumentos musicais e objetos domésticos (3,1%). 1,5% dos meninos querem ganhar, de presente, material escolar e essa mesma percentagem escolhe ganhar, de presente, um aquário. Ter saúde foi desejado por 1,5% dos meninos. Essa mesma percentagem, de crianças conformadas, (1,5%) disse que “qualquer coisa” que ganhasse estava bom.

O primeiro lugar na escolha de presentes das meninas, coincidentemente, é o mesmo que os meninos querem ganhar. 31,2% das meninas querem de presente bicicleta, skate, patinete, mini-moto.

As meninas apresentaram uma variedade maior quando responderam a esta questão. Em segundo lugar, para as meninas, estão bonecas, ursinhos, máquina de costura, bola, com 21,6% de percentagem. A resposta classificada em terceiro lugar na escolha das meninas, de certa forma, revela a natureza feminina. 8,6% das meninas disseram que querem ganhar de presente amor e felicidade. Logo em seguida, na escolha das meninas, vieram os brinquedos eletrônicos/computador, com uma percentagem de 5,4%. Com esta mesma percentagem (5,4%), as meninas disseram que “qualquer coisa” ou nada, estava bom. 4,3% das meninas escolhem animais e 4,3% também escolhem instrumentos musicais.

Entre as meninas, 3,2% queriam ganhar roupas ou sapatos e esse mesmo número (3,2%) querem ganhar uma viagem de presente. Meninas que escolheram viagem estão todas classificadas no estrato sócio-econômico 'A'.

Várias opções de presentes são apresentadas pelas meninas com uma percentagem de 2,1%: celular, material escolar/mochila, dinheiro e livros. Com relação a ganhar livros de presente, é interessante observar a evolução dessa resposta. Em 1929, 14,6% dos meninos e 21,3% das meninas queriam ganhar livros de presente. Em 1934, essa percentagem sobe, entre os meninos para 15,9% e, entre as meninas, cai para 19,3%. Em 1998, nenhum menino ou menina escolheu livro como presente preferido, o que também aconteceu nesta pesquisa entre os meninos. O que se conclui destes números é que o interesse por leitura vem decaindo, através das décadas, entre as crianças.

Presentes como porta-jóias, amigos, união do pai com a mãe e bombom, obtiveram, cada um 1,1% de adesão das meninas.

Quanto às diferenças entre as crianças de estratos sociais diferentes, como já ocorrido em outras questões, não há registros significativos. Por exemplo: entre os meninos, na escolha do presente, em primeiro lugar, tanto na classe 'A' quanto na 'C' ficaram referências como bicicleta, patins, etc., apresentando uma diferença entre os meninos da classe 'B' que escolheram brinquedos eletrônicos (39,1%) contra 26,1% que escolheram bicicleta.

Entre as meninas da classe 'A', percebe-se que ao escolher o presente preferido, optam elas por viagens (20,0%), sendo que, entre as meninas da classe 'B' o primeiro lugar fica com brinquedos como bonecas, ursinhos, etc. As meninas que estão classificadas no estrato social 'C' optam, em primeiro lugar, por ganhar bicicleta e

skate,. As outras respostas, tanto entre meninas quanto entre meninos, estão bem diversificadas e não havendo maiores disparidades. Percebe-se que algumas respostas indicam fatores localizados, ou diferentes: apenas meninos da classe 'B' disseram que querem ganhar uma casa de presente; os livros foram indicados como presente querido por apenas 2,1% das meninas; a escolha de amigos e união dos pais estão apenas entre desejos de meninas, assim como amor e felicidade; já a bíblia só foi citada como presente preferido pelo grupo de meninos.

Ao se fazer uma comparação das respostas das crianças de Montes Claros, em 2001, com as crianças de Belo Horizonte, em 1998, percebe-se que houve uma inversão do 1º e do 2º lugares. Bicicleta e patins, ficam em 1º lugar na escolha do presente preferidos dos meninos de Montes Claros, enquanto estes brinquedos ficam em 2º lugar entre os meninos de Belo Horizonte, em 1998. Já os brinquedos eletrônicos que foram a primeira opção dos meninos de Belo Horizonte em 1998, transformam-se em 2ª opção, entre os meninos de Montes Claros, em 2001.

Entre as meninas houve diferença. Em Belo Horizonte, em 1998, a primeira escolha foi para os jogos eletrônicos e para as crianças de Montes Claros a escolha recaiu em bicicletas e patins, que foram a segunda escolha das meninas de Belo Horizonte. Em segundo lugar, as crianças de Montes Claros escolhem bonecas e ursinhos. Para as meninas de Montes Claros, os brinquedos eletrônicos só aparecem em 4º lugar, com 5,4% de percentagem.

Outra observação a ser feita é que brinquedos como bicicleta, carro e patins, desde 1929 estão entre os mais cotados na opinião dos meninos. Os jogos eletrônicos, até mesmo porque não faziam parte da realidade das crianças daquela época, não são citados nas pesquisas de Antipoff.

. Questão nº 14 – O que faria se tivesse muito dinheiro

Ao responderem a esta questão, as crianças de 1998 apresentaram, segundo Lourenço (1999), “uma tendência consumista” em relação às crianças de anos anteriores.

Em 1929, as crianças se mostraram altruísticas ao responderem o que fariam se tivessem muito dinheiro. Em 1º lugar, tanto meninos (33,5%) como meninas (44,6%) apresentaram, segundo Antipoff, tendências à generosidade. Neste ano, o segundo lugar ficou para “depositar no banco”, com os meninos (25,2%) e as meninas (18,6%) dando esta resposta.

Em 1934, essa tendência altruística continua, sendo que entre os meninos houve um empate (23,6%) entre esta tendência e o desejo de depósitos bancários. As meninas permanecem com as tendências altruísticas – 37,4% contra 14,9% para depósitos em bancos. Antipoff (Boletim 17) classifica como tendências altruísticas, respostas como: construir asilos, repartir o dinheiro com os pais, fazer donativos às igrejas e hospitais, distribuir esmolas entre os pobres, auxiliar as bibliotecas infantis, etc.

A manifestação por aquisição de bens materiais, como terrenos, casas, móveis, aparece em terceiro lugar entre as crianças de 1929 e 1934, sendo que em 1934 a tendência aumenta. Em 1929, 9,8% dos meninos e 8,2% das meninas demonstram esse desejo, enquanto em 1934, os meninos apresentam uma percentagem de 16,2% e as meninas 12,0%.

Já em 1993, conforme relatório de Campos (1996), há declínio na preocupação com poupança e um aumento na preferência por aquisição de bens materiais. Os mesmos dados foram observados em 1998.

Uma observação de Campos (1996) a ser citada:

Comparando-se as crianças de hoje com as de 1929, verifica-se que houve alteração na tendência dominante: a compra de bens para a família suplanta, hoje, o objetivo filantrópico. Observa-se, além disso, queda na preocupação com a poupança, e aumento na preocupação com a aquisição de bens.

Os resultados apresentados nesta pesquisa, repetem, em certo grau, as tendências altruísticas observadas por Antipoff em 1929 e 1934. Tanto meninos (36,9%) quanto meninas (48,4%) responderam que se tivessem muito dinheiro, ajudariam aos pobres. Entre os meninos houve um empate quanto à decisão de ajudar os pobres e ajudar a família, o que, na classificação de Antipoff, revelaria, também, uma tendência altruística. Ajudar a família, para as meninas vem em 2º lugar com 20,4%, empatando com tendências consumistas, como lazer, viagem, brinquedos. 16,9% dos meninos aplicariam seu dinheiro em consumo, enquanto 6,3% destes mesmos meninos guardariam seus recursos financeiros. Para as meninas, guardar o dinheiro foi o desejo de 8,6%. Investir em estudos foi a resposta de 1,1% das meninas, tendência sequer considerada pelos meninos, que aplicariam seu dinheiro, ainda, em igrejas e em sair do país (1,5%). 1,1% das meninas disseram que construiriam abrigos para cães. (Veja a TAB. 14).

TABELA 14

Uso do dinheiro, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em

Montes Claros – MG, em 2001

Uso/tendências	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 (%)	
	A		B		C		M	F
	M	F	M	F	M	F		
Altruísmo: ajudar os pobres	27,3	26,7	34,8	65,6	41,9	43,5	36,9	48,4
Ajudar a família	18,2	13,3	39,2	3,1	41,9	34,8	36,9	20,4
Consumo: lazer, viagem, etc.	36,4	26,7	17,4	25,0	9,8	15,2	16,9	20,4
Poupança: guardar	18,2	26,7	4,3	3,1	3,2	6,5	6,3	8,6
Abrigos p/ cães	-	6,7	-	-	-	-	-	1,1
Investir em estudo	-	-	-	3,1	-	-	-	1,1
Dar para a Igreja	-	-	-	-	3,2	-	1,5	-
Sair do país	-	-	4,3	-	-	-	1,5	-

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros.

Quanto às classes sociais, ajudar os pobres foi a opção vencedora para meninos da classe ‘C’ (41,9%). Esses mesmos meninos (classe ‘C’) também ajudariam a família (41,9%). Entre os meninos da classe ‘B’, a opção preferida (39,2%) foi ajudar a família e os meninos da classe ‘A’ (36,4%) preferiram aplicar seu dinheiro em consumo (lazer, viagens, etc.).

A maioria das meninas da classe ‘C’ (43,5%) disseram que se tivessem muito dinheiro, ajudariam os pobres, enquanto 34,8% ajudariam a família. Na classe ‘B’, a primeira escolha das meninas também foi a de ajudar os pobres (65,6%). Apenas 3,1% dessas meninas ajudariam a família. Para as meninas da classe ‘A’, as três primeiras opções – 26,7% cada – foram: consumo, ajudar os pobres e guardar.

Na questão, fica claro que crianças pobres têm uma preocupação maior em ajudar os pobres e à família. Essas opções – ajudar pobres e família – entre as crianças

de poder econômico mais elevado vêm em segundo e terceiros lugares, respectivamente, entre os meninos. Para as meninas de estrato econômico mais alto, ajudar os pobres empata em 1º lugar com outras opções, sendo que ajudar a família, em termos opcionais, só veio em 4º lugar com 13,3%.

Depreende-se desse desejo de ajudar os pobres e as famílias, entre as crianças mais pobres, um certo sentimento de solidariedade, já que essas crianças, vivendo às voltas com dificuldades financeiras, possivelmente desejem “reconstruir” o seu meio social, ou transformar a vida de pessoas que vivam em situação idêntica.

. Questão nº 15 – Motivo que justifica a destinação do dinheiro

Para Antipoff, (Boletim 17), no inquérito aplicado em 1934, “...o altruísmo, que se colocara em primeiro lugar no quadro anterior, passa ao segundo no das motivações”. Para a educadora, a aparente contradição tinha uma razão, pois as crianças quando afirmavam que dariam o dinheiro “a papai”, não revelavam altruísmo e, sim, o desejo de que seus recursos fossem guardados para quando precisassem. As crianças que diziam que comprariam casa, estavam visando ao lado financeiro – “para empregar bem o dinheiro”, “porque as casas alugadas dão muita renda”. A preocupação financeira foi apontada por 45% dos meninos e 18,5% das meninas. Os motivos mais apresentados neste inquérito de Antipoff foram os altruísticos: “socorrer a família e os pobres” (33,4%) entre as meninas e 18,7% entre os meninos.

6,2% das crianças, em 1934, deram respostas vagas a essa questão, seguidas de respostas tais como: “teria um carro para passear”, “porque queria conhecer o mundo”, “viajar”, “visitar a Terra Santa”. Nessas respostas, a pesquisadora afirma ter sido revelado, mesmo que aparentemente, “o interesse da criança pelo desconhecido, o desejo de se transportar a outros lugares”.

A preocupação intelectual é maior nas meninas (7,1%) que nos meninos (2,4%), enquanto tendências religiosas foram predominantes nos meninos (4,3%), contra 3,8% nas meninas. Antipoff revela que em todo o inquérito a preocupação com a religião é maior no sexo masculino.

Em 1993, de acordo com a pesquisa de Campos (1996), “ajudar pobres, meninos abandonados, doentes, os necessitados em geral”, mostra nas crianças um pensamento que associa dinheiro à filantropia. Diz ela: “As crianças parecem acreditar que a luta contra a miséria é responsabilidade de quem tem muito dinheiro, e não do governo ou das instituições públicas”. 22,7% dos meninos e 28,3% das meninas, em 1993, apresentam essa categoria de resposta.

As respostas dadas a essa questão, pelas crianças montes-clarenses, estão assim classificadas: ajudar os pobres por solidariedade/caridade é uma justificativa que motiva a maior parte das crianças, tanto meninos (38,5%), quanto meninas (46,2%).

As meninas (9,7%) justificam sua resposta à questão anterior, através de motivações egocêntricas, como: “para a minha felicidade”, “me interessa”, “sempre quis dirigir” “porque eu sou muito boa”. Com esta mesma percentagem (9,7%), as meninas dizem que é “para satisfazer um desejo, um sonho”. Estes motivos estão em segundo lugar na opinião das meninas. 7,5% das meninas não responderam, o mesmo ocorrendo com crianças que disseram que era por “amor à família” (terceiro lugar). Observa-se que um número ponderável de meninas não responderam.

Para os meninos, o segundo lugar também revela pensamentos egocêntricos (15,3%). Dizem eles: “para a minha curtidão”, ou “para eu ser importante”. Entre os meninos, duas motivações também apresentam a mesma percentagem: as utilitárias (9,2%) e o amor à família (9,2%) (Ver TAB. 15).

TABELA 15 - Motivo do uso do dinheiro, por gênero e classe social, em crianças da 4ª série do 1º grau, em Montes Claros – MG, em 2001

Motivo/Tendências	CLASSES SOCIAIS (%)						2001 (%)	
	A		B		C		M	F
	M	F	M	F	M	F		
solidariedade, bondade/caridade	18,2	40,0	39,2	43,8	45,2	50,0	38,5	46,2
Amor à família	18,2	13,3	4,3	-	9,7	10,9	9,2	7,5
É bom, é bonito, fico feliz...	9,1	6,7	13,0	12,5	6,5	2,2	9,2	6,5
Egocentrismo: Curtição, minha felicidade	18,2	13,3	13,0	12,5	16,1	6,5	15,3	9,7
Melhorar o mundo	-	-	-	6,3	-	2,2	-	3,2
Diversão	-	6,7	-	3,1	-	2,2	-	3,2
Para ter no futuro	-	20,0	-	3,1	-	4,3	-	6,5
É um sonho...	-	-	-	9,4	-	13,0	-	9,7
Utilidade	27,3	-	4,3	-	6,5	-	9,2	-
Desejo de poder	-	-	4,3	-	3,2	-	3,1	-
Preocupação com a religião	-	-	4,3	-	3,2	-	3,1	-
Reconhecimento	-	-	4,3	-	6,5	-	4,6	-
Obrigação	9,1	-	-	-	3,2	-	9,1	-
Não responderam	-	-	13,0	9,4	-	8,7	4,6	7,5

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros.

Em quarto lugar, as meninas se justificam da seguinte forma: “é bonito”, “é bom”, “me traz alegria” e “para ter no futuro”. Estas justificativas tiveram a aquiescência de 6,5% das meninas, enquanto os meninos dizem a mesma coisa: “é legal”, “é bom”, “é bonito” (6,2%). 4,6% dos meninos não responderam e com a mesma percentagem dizem-se “reconhecidos”. Em sexto lugar para os meninos alinham-se três categorias, com 3,1% cada: tendências religiosas – dentre esses, existem justificativas, tais como: “porque quero ser um crente fiel”, “é melhor dar do que

receber”. Outras categorias com 3,1% foram: “por felicidade”, e aqueles, cujo desejo centra-se na busca do poder/riqueza, o que se comprova através da TAB. 15.

Entre as meninas, o quinto lugar foi contemplado com as seguintes categorias, ambas com 3,2%: motivos de diversão e por dever, “para melhorar o mundo”.

Quando se procura analisar as respostas levando em consideração as classes sociais, mais uma vez confirma-se que não existe muita diferença entre os pensamentos dessas crianças. Por exemplo: as motivações altruísticas – 1º lugar entre meninos e meninas – obtiveram as seguintes percentagens entre as classes: meninas da classe ‘A’ (40,0%), meninas da classe ‘B’ (43,8%) e meninas da classe ‘C’ (50,0%).

Entre os meninos, os de classe ‘A’ apresentam, em primeiro lugar, as motivações utilitárias (27,3%), ficando o altruísmo para o segundo lugar (18,2%). Dos meninos de classe ‘B’, 39,2% tiveram motivações altruísticas e entre os de classe ‘C’, 45,2% apresentaram este tipo de motivos.

Vê-se que, entre as crianças das várias camadas sociais, as motivações altruísticas estão bem à frente que outras motivações, (exceção apenas para os meninos da classe ‘A’).

Essa tendência das crianças em “fazer caridade” parece ser uma resposta às diversas estimulações televisivas sobre o problema da pobreza no Brasil. As crianças, em quase sua totalidade, sentem-se sensibilizadas por esse problema. Algumas respostas demonstram isto: “é porque eles pegam comida no lixão”, “é muito triste passar fome”, “porque nós temos que ajudar os que precisam”, “porque eles vivem na miséria”, “isto é um gesto de caridade”, “gosto de ajudar”, “não gosto de ver a cena de pessoas doentes e sem ter o que comer e onde se proteger” etc.

É interessante notar que as tendências menos acentuadas, tanto para meninos quanto para meninas, foram aquelas referentes ao sentido de “obrigação”, “dever”, demonstrando que as crianças, de alguma forma, estão se sentindo mais seguras em relação ao lugar que ocupam no mundo. Poucas crianças se sentem devedoras de alguém, o que é significativo, já que o sentimento de dependência extrema, ou submissão, levam à baixa da auto-estima. Guimarães Rosa (em Grande Sertão Veredas), afirma que a “a vida devia de ser como na sala de teatro, cada um inteiro fazendo com forte gosto seu papel, desempenho.” Em outras palavras, é significativa, neste trabalho, a tendência revelada pelas crianças, de atuarem por prazer, rejeitando, quase sempre, a noção de obrigação.

Desde as mudanças ocorridas entre os métodos da pedagogia tradicional que não levava em conta os desejos próprios da criança e os métodos da pedagogia escolanovista que colocou os interesses da criança como prioritários, vê-se que muita coisa tem mudado. Campos, em sua tese para concurso público, apresenta idéias de vários educadores sobre os interesses das crianças. Citando Artur Ramos, médico e estudioso da psicologia infantil, ela diz que: “Segundo Ramos, esta mudança de orientação na pedagogia se deveria à descoberta de que tanto a afetividade quanto a lógica da criança, assim como do primitivo, obedecem a leis próprias” (Campos, 1991:113).

Para Ramos, citado em Campos: “Assim, no lugar da autoridade do professor, a nova pedagogia teria colocado as “tendências, o interesse e a atividade do escolar.” (1991:113). (grifos da autora).

As crianças, hoje, apresentam formas de indisciplina que aparecem aos educadores, como rebeldia, má-educação familiar etc., e que podem ser formas de

rejeitar a imposição de interesses e idéias externas. Percebe-se, nas respostas das crianças, que elas estão mais preocupadas em atender aos seus interesses do que aos desejos e imposições dos adultos, tanto que nas questões onde se pedia justificativas para determinados interesses delas, viu-se muito poucas respostas do tipo: “porque meus pais querem”, daí, a hipótese desta pesquisa de que as crianças buscam atender a seus próprios interesses e atuam mais por prazer que por obrigação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um menino, há um moleque, morando sempre no meu coração. Toda vez que o adulto balança ele vem para me dar a mão...
(Milton Nascimento e Fernando Brant em *Bola de Meia, Bola de Gude.*)

As categorias analíticas realizadas seguem as que foram utilizadas por Antipoff e Campos. De forma resumida, as respostas das crianças podem ser consideradas da seguinte forma:

Na primeira questão, ao serem inquiridas sobre as atividades preferidas na escola, tanto meninos quanto meninas escolheram as atividades físicas, colocadas como “Educação Física”. “Religião” foi a menos citada.

A aula preferida pelos meninos foi a de matemática, resultado este similar ao respondido pelas crianças pesquisadas por Antipoff em 1929, enquanto que as meninas, nesta pesquisa, preferiram a aula de português. Em 1929 a aula preferida pelas meninas foi também a de matemática. A aula de educação física, neste quesito, foi citada como preferida por 7,7% dos meninos e 2,2% das meninas, o que mostra que as crianças ainda confundem aula com atividade escolar. É interessante observar que, entre as meninas, a aula menos desejada é a de matemática e para os meninos esta escolha recai sobre as aulas de geografia e história, o que, para Antipoff é uma incoerência, já que estas disciplinas “..não são acaso cheias de vida, de narrativas atraentes?...” A

pesquisadora chega a conjecturar que as preferências das crianças se encaminham mais para o método de ensinar do que para as matérias propriamente ditas.

Ao se perguntar sobre as atividades preferidas em casa, as crianças, em 1929 optaram por “trabalhos domésticos”. As crianças desta pesquisa, em sua grande maioria (52,3% dos meninos e 42,0% das meninas), responderam que a atividade preferida, em casa, é a conhecida por “brincar”, vindo em segundo lugar a atividade de assistir televisão. Ajudar a mãe nos trabalhos domésticos aparece em terceiro lugar tanto para os meninos quanto para as meninas. É interessante notar que as atividades escolhidas pelos meninos foi a mesma escolhida pelas meninas.

Entre os meninos, em 1934, as brincadeiras preferidas foram aquelas em que havia contato com a bola, o mesmo acontecendo com os meninos em 2001. Para as meninas, as brincadeiras com bonecas ficou em segundo lugar em 1934 e em primeiro lugar em 2001.

Os livros preferidos por meninos e meninas têm sido os contos de fada, desde 1929, continuando na preferência das crianças até a presente pesquisa.

Quando se pergunta às crianças com quem elas querem se parecer, pode-se notar um fato interessante: desde 1929 até hoje, a preferência pelos modelos familiares vem caindo significativamente, até chegar em 2001, quando meninos e meninas, no cômputo geral, descartam esse modelo, dentre os mais preferidos. Em 1929, 45,8% das crianças escolhem como modelo de semelhança, pessoas da família. Em 1944, 28,4% fazem essa escolha; em 1993 essa escolha é feita por 21,2% das crianças e em 2001, 20,4% das meninas e 24,7 dos meninos vêem nas pessoas da família um modelo desejável. A maioria das crianças, (38,5% dos meninos e 44,1% das meninas), escolhem como modelo de semelhança as pessoas famosas como artistas, cantores e jogadores e,

dentre essas escolhas, o maior percentual fica com as meninas que, independente da classe sócio-econômica a que pertencem, fazem essa escolha. Já para os meninos da classe social “A”, os familiares continuam como modelos preferidos.

Uma aparente incoerência está no fato de que, entre as meninas, a maior rejeição por modelos está também entre pessoas famosas. 29% delas (a maioria), não querem se parecer com pessoas famosas. Entre os meninos, 20% não querem se parecer com os familiares e 18,5% rejeitam os modelos famosos.

Na escolha da profissão, a grande maioria das crianças, tanto meninos quanto meninas querem ser profissionais liberais, isto é, idealizam profissões que exigem curso superior, como advogado, médico, engenheiro, arquiteto, veterinário. Em 1998 essa tendência já se manifestava entre as crianças. Essa escolha independe da classe social a que a criança pertença.

Ao se indagar às crianças, sobre que presente gostariam de ganhar no aniversário, tanto meninos como meninas, no geral, escolhem bicicleta, patins, “skate” e moto, como o presente ideal. Em 1929, as meninas escolheram roupas e calçados como presente preferido e os meninos escolheram bola. Os livros foram bastante citados, em 1929, chegando a ocupar o segundo lugar na preferência das meninas e o terceiro lugar entre os meninos. Nesta pesquisa, o desejo de ganhar livros manifesta-se apenas através de meninas e, mesmo assim, numa percentagem de 2,1%.

Se as crianças ganhassem muito dinheiro, elas ajudariam os pobres e à família. Desde 1929, essa tendência altruística vem se manifestando entre meninos e meninas. Dentre todos, os usos que as crianças fariam com o dinheiro está em primeiro lugar o ajudar o próximo, seja esse próximo a família, ou o pobre em geral.

Quando questionadas sobre o motivo por que dariam tal destino ao seu dinheiro, a maioria das crianças afirmam ser por solidariedade, bondade, caridade e amor à família.

Pode-se admitir que a modernidade, entendida por Berman, como paradoxal, justifica estas falas, já que “os ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, de classes e de nacionalidades, de religiões e ideologias.” (In: Harvey, David:1999).

No dizer de Habermas, citado em pesquisas contemporâneas e no livro de Harvey:1999, prevalece o suposto que, “o projeto da modernidade”, sendo planetário, atinge o ser humano nos mais recônditos lugares da Terra. Assim entendida, a modernidade, pelas evidências reveladas, proporciona também aos meninos e às meninas que participaram desta pesquisa, a partilha dos seus sonhos e desejos.

Por meio do processo que se convencionou denominar de globalização, que é um dos mais perceptíveis fenômenos trazidos pela modernidade, as mais longínquas vilas, as mais distantes aldeias, as mais escondidas paisagens rurais vivem hoje interligadas aos grandes centros urbanos do Planeta, por força dos meios de comunicação de massa e dos seus satélites intercontinentais.

As crianças pesquisadas neste trabalho desejam ser e viver como os arquétipos trazidos pela “indústria da produção de imagens”, como observa Daniel Bell (In:Harvey, David:1999), ao tratar da massa cultural. Há, no caso, uma volatilidade e uma efemeridade constantes nos ideais e interesses dessas crianças que acompanham, através da televisão, os anúncios e as novidades que lhes chegam da indústria da produção e venda de imagens eletrônicas.

Tendo como base as respostas dadas pelas crianças, pode-se admitir que seus sonhos e interesses são gerenciados pela mídia.

Daí porque, indistintamente da classe social em que estejam inseridas, ou do gênero a que pertençam, as crianças aqui investigadas reproduzem as idealizações subliminares ou persuasivas que são difundidas diariamente pelo mercado cultural de massas.

Ao utilizar o recurso metodológico do questionário, como fez Antipoff, que reconhecia ser “o método do inquérito nada mais que um rude golpe de pá, que soergue

apenas a camada exterior”, esta investigação, certamente não mensura, mais aprofundadamente, como seria desejável, os ideais e os interesses das crianças investigadas em Montes Claros.

Fica a esperança de que novos estudos surjam por parte de educadores e psicopedagogos, atraídos por este tema e por esta abordagem, suprimindo, assim, as lacunas eventuais existentes neste trabalho. Há necessidade permanente que esses e outros profissionais se interessem em conhecer e entender a infância, buscando valorizar seu imaginário. Neste aspecto, está a evidente importância de que novos estudos e métodos mais sistemáticos do que o questionário aplicado a uma amostra reduzida do universo infantil, possam levar a conclusões que enriqueçam as considerações aqui apresentadas.

Mais que o privilégio de replicar, na cidade de Montes Claros no início do século XXI, estudos conduzidos por Antipoff, nas décadas iniciais do séc. XX, e Campos, na década final do mesmo século, fica a emoção do convívio que se teve com os seis adultos que participaram deste trabalho, e que aqui foram entrevistados, relembrando a época em que possuíam 10 anos de idade.

A partir das entrevistas, com sexagenários e até mesmo com pessoas mais idosas, percebeu-se que a criança que fomos um dia, está, para sempre, guardada dentro de nós. Os ideais e os interesses que tínhamos na mais remota infância, mesmo que sejam substituídos por outros, jamais se apagam da nossa lembrança.

Somos marcados pela inocência e pelos sonhos, a despeito das várias personas que vamos incorporando ao longo da nossa existência.

Esta pesquisa proporcionou este encantamento e esta certeza: a de que a infância, em toda sua luminosidade e alegria, pôde ser vista no rosto dos meninos e meninas de Montes Claros, e no rosto dos seis adultos que se reconheceram crianças novamente, graças a esta dissertação de mestrado.

Fascinante foi, sem dúvida, a possibilidade de se trabalhar com duas dimensões temporais: o tempo passado e o tempo que há de vir. Nesta pesquisa, centenas de crianças olharam-se a si mesmas e olharam à frente, verbalizando os seus ideais e os seus interesses. Da mesma forma e, no mesmo trabalho, seis adultos da terceira idade visitaram-se na memória e nas lembranças, em busca da infância perdida, buscando responder, ou conferir, os sonhos que idealizaram um dia.

Ao final desta pesquisa, chega-se a considerações pessoais e acadêmicas, dentre as citadas acima, que podem ser resumidas nas seguintes pontuações:

- As classes sociais determinam muitos dos ideais e interesses das crianças;
- As meninas ainda brincam de casinha e boneca e os meninos continuam adorando as brincadeiras com bola;
- A leitura dos contos de fadas voltam a fazer parte do universo infantil;
- Os modelos de identificação familiar foram, entre a maioria das crianças, substituídos pelos modelos globais;
- As crianças demonstram ter sentimentos de generosidade;
- As entrevistas com adultos mostraram que a criança que fomos um dia, está, para sempre, guardada dentro de nós e que os ideais e interesses que tínhamos na mais remota infância, mesmo que sejam substituídos por outros, jamais se apagam da nossa lembrança. (fala dos adultos entrevistados);
- Esta pesquisa aponta caminhos para várias outras pesquisas. Conhecer e entender a infância, seus ideais e interesses é um campo aberto para estudiosos dessa área e educadores em geral.

A percepção comovente é a de que a infância é uma estação permanente da vida, um momento feliz de alegria que, dificilmente, se apaga.

Acompanhando aqueles seis adultos a relembrem fatos tão antigos, chega-se à constatação de que não foram as marcas do tempo estampadas em seus rostos, nem a multiplicidade dos dias vividos que os levaram até ali.

O que os conduziu e nos conduz, pela vida afora, é a criança que mora dentro de cada um deles e de nós, a que sempre chega para nos dar a mão, quando titubeamos, como escreveram Milton Nascimento e Fernando Brant.

Carlos Drummond de Andrade afirma que carregava nos ombros o peso do mundo. Igual ao poeta, carregamos também o peso das nossas lembranças, dos nossos sonhos, da nossa infância, dos ideais e dos interesses que julgáramos ter em criança, e que nunca nos abandonam, pouco importa em quem possamos nos transformar.

Nós carregamos este mundo falado pelo poeta.

E este mundo, como nos ensina Drummond, por mais que vivamos, não pesa mais que a mão de uma criança.

6 ABSTRACT

This study intends to investigate and to understand the ideals and interests of fourth graders enrolled in public and private schools located in the city of Montes Claros, in the northern area of the state of Minas Gerais, in 2001. The method adopted was based on previous investigations performed by Helena Antipoff, in the period between 1929 and 1944, and by Regina Helena de Freitas Campos, between 1993 and 1998. Studies done by Edouard Claparède and Helena Antipoff provided the theoretical frame of the research, intended to understand the subjective construction of children's motivation evolving in a reality of space and time that includes social, economical, political, cultural and urban transformations occurring in Brazil along nearly 60 years, observed in the talk of Belo Horizonte and Montes Claros' children. The main purpose is to compare ideals and interests of children living in Montes Claros, in 2001, to those expressed by Belo Horizonte children between 1929 and 1944 and in the years of 1990, looking for similarities and differences. This comparative study applied the same methodology used by Antipoff and Campos, the questionnaires being answered by fourthgraders of two private and three public elementary schools situated in the city of Montes Claros. The same questions of previous researches were used, and the answers to the questionnaires organized along the same analytical categories. For comparative purposes, six adults who were enrolled in Montes Claros elementary

schools in the 1930s and 1940s were interviewed. Through the evocation of their memories as children, they provided information about the ideals and interests of Montes Claros children of the past. The results provide evidence of values, interests and ideals that permeate children's imagination, showing the large role presently played by the media in shaping boys' and girls' dreams and wishes, the similarities between male and female's ideals and interests and the strong identification of those children to global models, distant from the family. In general, children's ideals and interests, in this beginning of the 21st century, are linked mostly to mediatic proposals, and television imposes most of boys and girls' dreams and wishes. The results of this research show also that psychology and pedagogy are useful instruments to mediate the construction of new knowledge about the child of Minas Gerais in general, through the study of ideals and interests of children in a large city, Belo Horizonte, and in a medium city such as Montes Claros.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMAVOVICH, Fanny. *Literatura infantil – gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

ANDRADE, Carlos Drummond de. In: *Belo Horizonte – A cidade escrita*. Organizado por Wander Melo Miranda. BH: Editora UFMG, 1996.

ALPHONSUS, João. In: *Belo Horizonte – A cidade escrita*. Organizado por Wander Melo Miranda. BH: Editora UFMG, 1996.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e Fernando Gewandsznajder. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

ANTIPOFF, Helena. Ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte e algumas sugestões pedagógicas. *Boletim 6*. Secretaria de Educação e Saúde Pública de Minas Geraes, 1930.

ANTIPOFF, Helena e CASTRO, Maria Angélica de. Ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte no intervalo de cinco anos. *Boletim 17*. Secretaria de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais. 1935.

AZEVEDO, F. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958.v.3.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Tradução de Arlene Caetano. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade* – lembranças de velhos. T.A. Queiroz Editor Ltda. São Paulo: 1979. 399p.

BRITO, Gy Reis. *Na terra dos coronéis: progresso para quem? Estreps e pelados na construção do progresso da cidade de Montes Claros (1917-1926)*. 2002. Dissertação de Mestrado. Montes Claros, UFMG.

BURGESS, Robert G. *A pesquisa de terreno* – uma introdução. Tradução de Eduardo de Freitas e Maria Inês Mansinho. Oeiras: Celta Editora, 1997.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Impacto de transformações socioculturais no imaginário infantil (1929-1993). *Psicologia e Sociedade*: 8 (2): 45-62. Jul./ dez. 1996.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Contexto sócio-cultural e tendências da pedagogia psicanalítica na Europa Central e no Brasil*. 1991. Tese apresentada ao Concurso Público para Professor Titular na área de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte.

CARVALHO, I.M.M. *Direitos Legais e Direitos Efetivos*. RBCS nº 29. Julho de 1995.

CLAPARÈDE, Edouard. *A educação funcional*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional s.d. 300 p. Trad. J.B. Damasco Penna.

CLAPARÈDE, Edouard. *A escola sob medida e estudos complementares sobre Claparède e sua doutrina*, por Jean Piaget – Louis Meylan – Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura s.d. 207 p.

CLAPARÈDE, Edouard. *A escola e a psicologia experimental*. São Paulo: Editora Proprietária. S.d. 93 p. Trad. Lourenço Filho.

DIAS, José Fernandes. Os trabalhadores e a modernidade: Em busca dos frutos dourados da vida. In *Caderno do CEAS*, nº 141.1992, Set/Out. Salvador, Bahia.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, Universidade de S.Paulo: 1988.

GOODE, William Josiah e HATT, Paul K. *Métodos em pesquisa social*. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *O mundo da criança: a construção da infância na literatura*. Tese de Doutorado em Educação. 1997. Belo Horizonte, UFMG.

GRAÇA, Ruth Tupinambá. *Montes Claros era assim...* Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura, 1986.

GUERRA, Erlaine Laponez. Imaginário e sociedade: evolução dos ideais e interesses das crianças mineiras com relação à preferência por leituras. *Perspectiva Ciência e Informação*. Belo Horizonte. v.1 n.2. jul/dez.1996.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

LOURENÇO, Érika e JINZENJI, Mônica Yumi. *Ideais e interesses das crianças mineiras revisitados*. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual Helena Antipoff. Belo Horizonte, 1999.

LOURENÇO FILHO, M.B. *Introdução ao estudo da escola nova: bases, sistemas e diretrizes da Pedagogia contemporânea*. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

LUSTOSA, Irene et al. Os Ideais e os interesses das crianças de Belo Horizonte durante o período de 1929 a 1944. *Revista do Ensino* 200. Belo Horizonte, jul/dez.1951.

MEYLAN, Louis. *Estudos complementares sobre Claparède e sua doutrina*. In: L'École Sur Mesure. Ed. Fundo de Cultura. Rio de Janeiro.

MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Belo Horizonte – A cidade escrita*. BH: Editora UFMG, 1996.

RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Aos trancos e barrancos – Como o Brasil deu no que deu*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1985.

OLIVEIRA, F. de. Elegia para uma Re (li) gião – Sudene, Nordeste, Planejamento e Conflitos de Classe. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 132 p.

OLIVEIRA, Valeska. Imaginário social e educação: uma aproximação necessária. Educação, *Subjetividade e poder*, v.2, p. 29-34, abr. 1995.

PALMA, Alexandre. In *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.22, n.2, Ed. Autores Associados, jan. 2001.

POSTIC, Marcel. *O imaginário na relação pedagógica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros – sua história, sua gente, seus costumes*. Belo Horizonte, v.1, Minas Gráfica Editora Ltda. 1979

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Indez*. 6. ed. Belo Horizonte-MG.: Editora Miguilim, 1995.

REY, Fernando L. González. In Educação e Sociedade. *Revista Quadrimestral de Ciência da Educação*. São Paulo, n.71. Cedes, 2000.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio, ou, Da educação*. Tradução Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTIN, Silvino. *Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento*. 2. ed. Porto Alegre: Edições EST/ESEF – UFRGS, 1996.

WALLON, Henri. *Psicologia e educação da criança*. Tradução de Ana Rabaça e Calado Trindade. Lisboa: Vega Universidade, 1979.

8 ANEXOS

IDEAIS E INTERESSES DE CRIANÇAS MONTESCLARENSES

PROJETO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO – PESQUISA

PESQUISADORA: Maria Cleonice Mendes de Souza (UNIMONTES)

ORIENTADORA: Regina Helena de Freitas Campos (UFMG)

NOME DA ESCOLA _____

DATA ____/____/ 2001

QUESTIONÁRIO

Prezado(a) aluno(a),

Sou mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e curso o meu mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais

(UFMG). Para atender aos objetivos da minha pesquisa, estou aplicando este questionário e preciso da sua ajuda.

É um trabalho interessante e fácil, mas para que possamos ter êxito é necessário que você responda às perguntas abaixo, com bastante sinceridade. Pense bem antes de responder. Quero saber sua opinião, o que você gosta de fazer, o que não gosta, enfim, quero saber um pouco sobre seus ideais e seus interesses. Não é necessário colocar o seu nome no questionário, apenas sua idade, sexo e a profissão de seus pais.

Estamos combinados?

Obrigada por sua colaboração.

IDADE _____ ANOS

SEXO _____ MASCULINO _____ FEMININO

PROFISSÃO DO PAI _____

PROFISSÃO DA MÃE _____

QUESTÕES

01 - Qual a atividade que você prefere na escola?

02 - Qual a aula de que você mais gosta na escola?

03 - Qual a aula de que você menos gosta na escola?

04 - Qual a atividade que você prefere em casa?

05 - Qual é o seu brinquedo preferido?

06 - Qual o livro ou história de que você mais gosta?

07 - Com que pessoa quereria parecer-se?

08 - Por quê?

09 - com que pessoa não quereria parecer-se?

10 - Por quê?

11 - Quando for grande, o que você quer ser?

12 - Por quê?

13 - No dia de seu aniversário, que presente quer ganhar?

14 - Se você tivesse muito dinheiro, o que faria dele?

15 - Por quê?

QUADRO 1

Relação de livros citados pelas crianças, na pesquisa sobre ideais e interesses de
crianças montesclarenses em 2001

CATEGORIAS	MENINOS	MENINAS
Clássico / Contos de Fadas	Monteiro Lobato	Cinderela
	João e o Pé de Feijão	Chapeuzinho Vermelho
	Os Três Porquinhos	Os Três Porquinhos
	Aladim e a Lâmpada	Joãozinho e Maria
	Robin Hood	Pássaro de Ouro
	Aladim e os 40 Ladrões	A Bruxa Malvada
	As Idéias de Nicolau	Juca das Rosas
	Peter Pan	Heidi
	A Caixa de Pandora	101 Dálmatas
	Soldadinho de Chumbo	A Bela e a Fera
	Rei Leão	Rei Leão
Romance / Drama	Branca de Neve	Branca de Neve
		Pequena Sereia
		Rapunzel
		Alice no País das Maravilhas
		A Bela Adormecida
	Histórias de Escravos	A Cartinha Cor-de-Rosa
	Prova de Fogo	Lagoa Azul
		Vidas Secas
		Uma História de Amor
		Descanse em Paz Meu Amor
		Quem Roubou Minha
		Infância
		Titanic
	Éramos Seis	
	No Reino das Águas Azuis	

CATEGORIAS	MENINOS	MENINAS
Suspense / Terror	O Assassinato do Avião à Meia Noite	O Fantasma da Meia Noite
	Terror	O Avião Fantasma
	A Montanha Encantada	Histórias de Terror
	Arquivo Z	A Sombra
	Suspense	Suspense
	O Hóspede Suspeito	O Hóspede Suspeito
	Lendas / Fantacias	As Belas Borboletas
O Livro e a Luneta		O Livro e a Luneta
O Boto e a Estrela		O Pato e o Mar
Aventura / Humor		Quinzinho
	O Caldeirão da Bruxa	A Flecha Azul
	Marinho, O Marinheiro	Uma Idéia Sem Tamanho
	A Bruxa Onilda	Estória Sem Fim
	Bruxa de Blair	Aventuras
	Menino Maluquinho	Menino Maluquinho
	Um Leão em Família	Um Leão em Família
Ação / Violência	Harry Potter	Harry Potter
	Esporte Sangrento	Histórias de Violência
	Ação e Violência	Histórias de Ação
	Rambo (filme)	
	O grande Dragão Branco (filme)	
Valores / Ética	O Vingador do Futuro (filme)	
	Amigo é Comigo	Amigo é Comigo
	Alguém Muito Especial	Alguém Muito Especial
	O Segredo da Amizade	O Segredo da amizade
		Presente Precioso

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros.

QUADRO 2
Profissões escolhidas pelas crianças

CATEGORIAS	MENINOS	MENINAS	
Liberais	Advogado	Advogada	
	Arqueólogo	Arqueóloga	
	Cientista	Cientista	
	Engenheiro	Engenheira	
	Médico	Médica	
	Dentista	Dentista	
	Administrador		Enfermeira
			Veterinária
			Arquiteta
			Diplomata
Intemediárias	Jogador	Cantora	
	Jornalista	Atriz	
		Jornalista	
		Escritora	
		Modelo	
Técnico/Manual	Mecânico		
	Pedreiro		
	Pintor		
Funcionário	Vendedor		
	Comerciário		
	Desenhista	Desenhista	
	Professor	Professora	
	Caminhoneiro	Trabalhadora	
	Polícia	Polícia	
	Traficante		

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros.

QUADRO 3

Pessoas com quem as crianças querem se parecer

Familiares	Pais/mães
	Tios/tias
	Padrinhos/madrinhas
	Irmãos/irmãs
	Primos/primas
	Avós
Pessoas famosas: Artistas/TV, cinema.	Sílvio Santos
	Suzana Alves
	Scheila Melo
	Van Dame
	John Travolta
	Lenny Kravitz
	Ana Paula Arósio
	Luana Piovani
	Eliana
	Scheila Carvalho
	Gabriella Duarte
	Mariana Ximenes
	Ellen Ganzarole
Cantores/Cantoras	Leandro
	Leonardo
	Daniel
	Alexandre Pires
	Sandy
	Britney Spears
	Wanessa Camargo
	Madona
Jogadores	Romário

Geovane
Pelé
Júnior
Guilherme
Alex Alves
Edmundo

FONTE: Questionários aplicados às crianças de 4ª série da rede pública e particular de Montes Claros.